


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

ANDRÉ ROCHA RODRIGUES

**“RUA DA FRENTE”**: Avenida Getúlio Vargas como  
contexto na prostituição em São Carlos - SP



ARARAQUARA – S.P.  
2015

ANDRÉ ROCHA RODRIGUES

**“RUA DA FRENTE”**: Avenida Getúlio Vargas como  
contexto na prostituição em São Carlos - SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa: Diversidade, Identidades e Direitos**

**Orientador: Edmundo Antonio Peggion**

**Bolsa: CAPES**

ARARAQUARA – S.P.  
2015

ANDRÉ ROCHA RODRIGUES

## **“RUA DA FRENTE”:** Avenida Getúlio Vargas como contexto na prostituição em São Carlos - SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa: Diversidade, Identidades e Direitos**

**Orientador: Edmundo Antonio Peggion**

**Bolsa: CAPES**

Data da defesa: 09/03/2015

### **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof. Dr. Edmundo Antônio Peggion**  
Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Araraquara

---

**Membro Titular: Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani**  
Universidade de São Paulo - USP

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Renata Medeiros Paoliello**  
Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Araraquara

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

*Para Luiz e Cícera, meus pais.*

## AGRADECIMENTOS

Costuma-se dizer que o trabalho intelectual é solitário. Discordo. Uma parte do trabalho (a escrita) até pode ser, mas todas as outras etapas são feitas com ajuda e parceria de muitas pessoas. Por isso quero aqui expressar minha gratidão sincera. Agradeço:

A Deus por sua graça, bondade e misericórdia infinita.

Aos meus pais que sempre me aconselharam, incentivaram e apoiaram todas as minhas decisões. Obrigado parece insuficiente, mas espero que aceitem. Em especial ao meu pai (Seu Luiz) que surpreendentemente foi meu informante de campo nesse trabalho.

Ao Coxinha e o De Ponta Cabeça Bar; à Marta, Dalila, Karina, Carol, Thalita, Tiffany, Raquel, Pitty, Marco Bala, Charlotte, Camila, Giovana, Raabe, Gisele, Bruna, Irma, Natasha, Desirée, Maria Madalena, Séverine, Iara, Ariela, Índia, Charlotte Bitencourt, Camila Rocha, Ariovaldo, Osni e Vera por compartilharem comigo um pouco de suas vidas. Muito obrigado mesmo!

À Rosemeire Salata por se interessar pela minha pesquisa, “lubrificar minhas engrenagens intelectuais” com discussões e provocações pertinentes; por me indicar textos; ler meu trabalho; pelo incentivo, apoio, carinho e atenção. Sem você esse trabalho seria bem mais difícil de ser realizado. Obrigado.

Ao Danilo Moreno pelo gravador e pelas informações sobre São Carlos.

À meu orientador Edmundo A. Peggion por aceitar o desafio, pela orientação atenciosa e pela amizade.

À Maria Júlia por ser tão solícita; pelo curta-metragem, pelos mapas e por me passar o contato de Seu Ariovaldo.

Ao GEPAC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia Contemporânea da UNESP; e às professoras Ana Lúcia de Castro, que contribuiu de maneira importante no exame de qualificação; e Renata Medeiros Paoliello pela simpatia e generosidade intelectual.

Aos amigos Alexandre A. Santos pela camaradagem e risos; Douglas Delgado pelas discussões imbricadas, intermináveis e bem humoradas; Jéssica Grava da Conceição pela amizade, simpatia, bons papos e apoio; Luís Michel Françoso pelas conversas, indicações (de livros, filmes e discos) e tranquilidade.

Ao amigo Carlos Ludwig pela indignação bem humorada compartilhada e amizade sincera.

Aos amigos Vanberto, Regiane, Cido e Eriosvaldo por tanta coisa que até me perco, mas, sobretudo por personificar o tipo ideal de amizade e aceitarem fazer parte da minha família.

À Aline Atassio que mesmo longe geograficamente sempre esteve perto, é muito bom ser seu amigo.

À Maryllu, Nicholas, Jaque, Tati e Jesiel. Era sempre bom voltar para casa e encontrar vocês.

Aos funcionários da Fundação Pró-Memória e da Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Carlos pela paciência e solicitude.

Ao professor Luiz Henrique Toledo por me deixar participar de sua disciplina oferecida na USFCar e pela contribuição preciosa na ocasião do exame de qualificação.

A todos os colegas da turma do mestrado e da UNESP que fizeram do campus um bom lugar.

A CAPES, pelo financiamento concedido à pesquisa.

*“A Rua é nós”*  
Emicida (2013)

## RESUMO

Este trabalho é sobre as transformações, ocupações e apropriações do espaço público urbano por prostituição na cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo. Inserindo-se, assim, na discussão sobre espaço urbano e a dinâmica das cidades médias na perspectiva da Antropologia Urbana. Objetivei saber a razão, desde quando e como é que a Avenida Getúlio Vargas havia se tornado lugar de prostituição. Juntamente com isso, observei como os são-carlenses, sobretudo dos bairros próximo à região, se relacionavam com o espaço e com a atividade ali desenvolvida. E por fim, observei as apropriações do espaço pelas prostitutas e como o produziam. Para tanto, realizei uma etnografia sobre a região no período noturno, uma no período diurno e uma etnografia sobre uma narrativa. Metodologicamente a região foi entendida como um contexto no sentido aplicado por Roy Wagner (2012), visando as relações que se instauram no espaço urbano e os contatos que este propicia. Após transformações urbanísticas e conflitos entre as prostitutas, as mesmas ocuparam o lugar classificando-o como “Rua”. Trabalhei a expressão “Rua” como categoria analítica, travando diálogo com as categorias Casa, Rua, Pedaco, Mancha, Trajeto, Circuito e Código-Território; mostrando sua potencialidade para expansão da reflexão sobre apropriação do espaço urbano pelos sujeitos.

**Palavras – chave:** Espaço. Prostituição. São Carlos. Rua. Cidade.

## ABSTRACT

This work concerns the occupation, appropriation and transformation of an urban public space by prostitution in the city of São Carlos, in the São Paulo state. It thus joins the discussion on urban spaces and the dynamics of medium-sized cities from the perspective of Urban Anthropology. The aim is to determine why, how and when Getúlio Vargas Avenue became a place of prostitution. In addition to that, I observed how São Carlos residents, especially those living near the space in question, relate to it and to the activities conducted therein. Finally, I observed the appropriation of the space by prostitutes and how this occurred. To this end, I conducted an ethnographic study in the area during the nighttime, another during daytime and I also studied it's an ethnography of a narrative. In terms of methodology, the area was approached as a context, as proposed by Roy Wagner (2012), with a focus on the relationships established within the urban space, as well as on the contacts that this space provides. Following urbanistic transformations and conflicts among the prostitutes, they went on to occupy the place and refer to it as "Street". I treated the word "Street" as an analytical category, establishing a dialogue with the categories House, Street, Turf, Patch, Route, Circuit, and Code-Territory, showing its potential for the expansion of the reflection on the appropriation of the urban space by the subjects.

**Keywords:** Space. Prostitution. São Carlos. Street. City.



## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1</b>	De Ponta Cabeça Bar	26
<b>Foto 2</b>	Charlotte, Raabe e Irma curtindo a noite no De Ponta Cabeça Bar	37
<b>Foto 3</b>	Maria Madalena, Eu e Charlotte em uma esquina da “Rua” Avenida Getúlio Vargas.	43
<b>Foto 4</b>	Fragmento do mapa da cidade de São Carlos.	51
<b>Foto 5</b>	Vista aérea Avenida Getúlio Vargas em meados da década d 1970	56
<b>Foto 6</b>	Obras da Avenida Getúlio Vargas em 1950	68

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b>	<b>12</b>
<b>Você é entendido?</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>Inspirações, motivações, justificativa e referencial metodológico</b>	<b>14</b>
<b>1. UMA “RUA” CHAMADA AVENIDA GETÚLIO VARGAS</b>	<b>21</b>
<b>1.1 Noite caiu, coloriu</b>	<b>21</b>
<b>1.2 De Ponta Cabeça Bar</b>	<b>23</b>
<b>1.3 A “Rua”</b>	<b>38</b>
<b>1.4 Novamente Avenida Getúlio Vargas em preto e branco</b>	<b>48</b>
<b>2. UMA AVENIDA CHAMADA GETÚLIO VARGAS</b>	<b>50</b>
<b>2.1 Hoje de manhã</b>	<b>50</b>
<b>2.2 Ontem (de manhã, à tarde e à noite)</b>	<b>52</b>
<b>2.3 Vila Isabel</b>	<b>54</b>
<b>2.4 Hoje à tarde</b>	<b>74</b>
<b>3. A “RUA” E A ANTROPOLOGIA</b>	<b>78</b>
<b>3.1 E ou a Antropologia da “Rua”</b>	<b>78</b>
<b>3.2 A Casa e a Rua e a “Rua”</b>	<b>79</b>
<b>3.3 Peçaço, mancha, trajeto, circuito e “Rua”</b>	<b>86</b>
<b>3.4 Código-território e a “Rua”</b>	<b>96</b>
<b>3.5 A categoria “Rua”</b>	<b>101</b>
<b>EPÍLOGO</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>107</b>
<b>Fontes primárias</b>	<b>107</b>
<b>Material iconográfico da área urbana e dos loteamentos implantados em São Carlos</b>	<b>107</b>
<b>Dados sobre loteamentos implantados em São Carlos</b>	<b>107</b>
<b>Lei urbanística</b>	<b>107</b>
<b>Material audiovisual</b>	<b>107</b>
<b>Web sites</b>	<b>107</b>
<b>Plano diretor</b>	<b>107</b>
<b>Entrevistas</b>	<b>108</b>

<b>Referências bibliográficas</b>	<b>108</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO A - Lei-2023-1954-São-Carlos-SP</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO B – Linhas do bonde de São Carlos</b>	<b>113</b>
<b>ANEXO C – Mapa da cidade de São Carlos – Ruas e bairros área urbana</b>	<b>114</b>

## PRÓLOGO

### Você é entendido?

Em uma dessas noites em que eu chegava ao De Ponta Cabeça Bar, cumprimentava o (dono do estabelecimento que atendia pela alcunha de) Coxinha, pedia algo para beber, sentava em uma mesa e ficava alternando o olhar entre a Avenida e a televisão, entraram duas travestis no bar. Pediram cerveja, colocaram músicas na *jukebox* (música eletrônica e *funk* brasileiro atual) e começaram a dançar. Julguei ser uma daquelas noites que Coxinha havia me dito; quando elas realizavam um bom programa paravam no bar para beber cerveja e se divertir um pouco.

Dançavam, passavam e me olhavam; eu ria e devolvia o olhar. Em um dado momento me convidaram para sentar à mesa com elas. Achei ótimo e aceitei prontamente. Perguntaram o meu nome, se apresentaram, Marta e Dalila, e perguntaram o que eu fazia e o porquê do caderno. Eu expliquei, mas Marta me olhou e disse: “Antropologia? Nunca ouvi falar”. Eu ri e Dalila me perguntou se eu era “entendido”, mas não ouvi muito bem, pois a *jukebox* estava ligada e o som era bem alto, mas ela repetiu: “você é entendido?”. Fiquei sem saber exatamente o que responder e Marta me ajudou: “entendido é gay. Ela quer saber se você é gay”<sup>1</sup>. Respondi que era hétero, mas não fui convincente na resposta. As duas insistiram que eu era gay e resolvi não discutir. O som estava muito alto e era quase impossível conversar.

Elas me disseram que não eram de São Carlos, mas de Manaus; vieram porque uma amiga as convidara. Perguntei se trabalhavam na Avenida Getúlio Vargas e elas responderam que sim, mas sempre que tentava perguntas mais objetivas e interessadas elas respondiam monossilabicamente e desconversavam, pareciam estar sempre desconfiadas de algo. Quando perguntei sobre a divisão da Avenida, comentando sobre ter observado que próximo ao posto de combustível ficavam outras meninas, elas me disseram: “Ah, puta você diz?”; e eu meio sem jeito respondi: “É, puta”; elas disseram: “Elas ficam mais lá pra baixo”; e eu: “E vocês?”; responderam bem seguras de si: “A gente fica onde quiser”. Fiz mais uma pergunta: “Não tem isso de lugar de uma ou outra?”; elas tentando encerrar a conversa: “Entre a gente não”.

Nesse momento um rapaz que estava no bar se aproximou da mesa e chamou Dalila para jogar bilhar e ela aceitou. Ele conversou comigo, disse que me viu escrevendo e que

---

<sup>1</sup> Ao longo da pesquisa identifiquei que, principalmente as travestis, faziam uso de uma linguagem ou expressão própria, chamada de pajubá. A princípio, pensei em realizar um levantamento dessas palavras/expressões para compor um glossário. No entanto, optei por notas explicativas para cada expressão que veio a surgir.

tinha um amigo *rapper* que ficava nos bares anotando coisas para escrever letras de *rap*, mas que eu não tinha cara de *rapper*. Continuamos conversando, ele disse que não era de São Carlos, estava a trabalho na cidade, hospedado em um hotel próximo ao bar. Dalila ficou enciumada por o rapaz ter conversado comigo. A noite estava movimentada no De Ponta Cabeça Bar, entrou outra travesti, mas só usou o banheiro, pegou uma dose e saiu. Enquanto pegava a dose, Dalila falou com ela, pegou um copo e sentou em outra mesa. Achei estranho.

Nós três (Marta, o rapaz e eu) a chamamos para sentar conosco novamente, mas ela apontou para mim e disse “Não. Não gostei dela”. Eu ter dito que não era “entendido” não a convenceu mesmo, pois ela já usava o pronome feminino para se referir a mim. Fui até ela e perguntei o que estava acontecendo “Não aconteceu nada. Os incomodados que se mudem, não é mesmo? Eu estava incomodada e saí”. Assustado perguntei “Por que? O que eu fiz?” e ela me disse “Nada. A outra menina que veio aqui falou que você é conhecido aqui. Se faz de repórter para pegar os bofes das meninas”. Atônito, pedi desculpas, paguei uma parte da conta e me despedi. Fiquei com medo de uma possível briga por algum desentendimento. Decidi naquela noite que não conversaria mais com homens no bar, mas após isso demorou um tempo para eu ser convidado para sentar-me à mesa delas (e de outras travestis e mulheres) novamente.

## INTRODUÇÃO

### **Inspirações, motivações, justificativa e referencial metodológico**

Era quase meia noite de uma quinta-feira no começo do ano de 2012 quando voltava dirigindo do Jardim Veneza, próximo ao bairro Maria Stella Fagá, em direção ao Núcleo Residencial Dr. Sylvio Vilari, mais conhecido como Lagoa Serena. Por praticidade, saí do bairro e entrei na Rodovia Washington Luís, após aproximadamente quatro quilômetros andando na Rodovia, entrei no acesso a São Carlos, o qual já me deixou na Avenida Getúlio Vargas.

Na Avenida notei que havia algumas travestis e mulheres ocupando lugares esparsos. Já sabia que era lugar de prostituição, pois morava em São Carlos há cinco anos e era muito comum ouvir os habitantes são-carlenses comentarem que ali no período noturno era desenvolvida tal atividade.

Curiosamente trabalhei em uma empresa localizada no Jardim São Paulo, bairro pertencente à mesma região. Entrei e desci de muitos ônibus nessa Avenida, mas nunca havia me atentado para aquele contexto com um olhar antropológico. Não sei explicar exatamente por que justamente naquela noite surgiram em minha cabeça algumas questões sobre a cidade, sobre a Avenida Getúlio Vargas e sobre a atividade de prostituição, mas o fato é que a partir dessa observação surgiram as primeiras perguntas do projeto de pesquisa, as quais eram: Por que aqui? Desde quando isso acontece aqui?

A segregação e o reconhecimento do espaço como sendo de prostituição foi o que me chamou a atenção a princípio, pois outros espaços da cidade não eram identificados e ou serviam de referência para tal atividade. Então, me dispus a pensar os processos e as interfaces da segregação espacial urbana em São Carlos, no que diz respeito à prostituição situada na Avenida Getúlio Vargas e seus arredores. E nessa esteira também refletir sobre o processo histórico que permitiu e permite a produção social desse espaço. A partir daí, a intenção foi investigar os significados desses territórios em relação à estrutura da cidade e como a população são-carlense, sobretudo dos bairros próximos à Avenida Getúlio Vargas, convivia com esse tipo de ocupação.

A proposição inicial então foi pensar a cidade e como ela produz, vê e se relaciona com a região da referida Avenida, sobretudo no período noturno, no que diz respeito à atividade de prostituição. O professor e orientador Edmundo A. Peggion sugeriu que juntamente com o proposto, voltasse o olhar para como os sujeitos que ocupam a região da

Avenida Getúlio Vargas, que desenvolvem a atividade de prostituição, produzem, veem e se relacionam com aquele espaço e com a cidade; isso foi um ganho enorme para a pesquisa.

A Antropologia Urbana, por vezes, ao invés de uma cartografia em sentido estrito, destaca a dimensão simbólica do espaço, mostrando que existem indícios para crer no caráter subjetivo do mesmo, ou dito de outra forma, aponta que entre o meio físico e o homem se interpõe sempre uma ideia, uma concepção determinada. Trata-se da “semantização” do espaço, que em sentido amplo, transforma-o em um espaço “socializado” e “culturalizado”, em função do significado que existe em tudo que rodeia o indivíduo. O espaço urbano, assim, não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser. Pois a Antropologia Urbana desloca a ótica dos territórios, monumentos e espaços físicos para as comunidades que nelas moram (PERLONGHER, 2005). É nesse debate que se insere esse trabalho, visando as relações que se instauram no espaço urbano e os contatos que este propicia, procurando entender a influência de determinados trabalhos e atividades (formais ou informais) no que diz respeito à ocupação de espaços públicos e privados da cidade, e também entender a segregação espacial em São Carlos como um processo determinado por múltiplos fatores.

Contudo, é evidente que outras questões estão presentes nesse trabalho, como as sobre gênero e a sexualidade, por exemplo. Não como foco específico e principal<sup>2</sup>, mas por fazer parte do contexto estudado, sobretudo porque os sujeitos que se apropriam do espaço são mulheres e travestis. Estão presentes no texto como postura adotada por mim enquanto pesquisador. O fato de não relatar detalhadamente problemas como a violência e o preconceito sofrido pelas mulheres e travestis não significa, em hipótese alguma, que sou alheio ou ignorei esses problemas. Convivi próximo dessas pessoas e, mesmo que em um espaço relativamente curto de tempo, pude saber das suas dificuldades cotidianas. Raquel<sup>3</sup>, uma prostituta que está há vinte anos em São Carlos, disse-me com pesar: “Falam que a gente tem vida fácil, mas nem sabem o que a gente passa. Só a ‘tiração’<sup>4</sup> que a gente tem que

---

<sup>2</sup> Aqui trabalho tal qual Marylin Strathern: “Se eu fosse outro tipo de pessoa, estaria lhe dizendo que tenho uma teoria e que os elementos desta teoria são A, B e C; e que A significa isto, e B isso, e C aquilo; e que não estou tratando do que disseram X, Y e Z; e que é de tal base teórica que parto etc. Mas esse não é meu modo de operar. O que estou dizendo, em vez disso, é que X e Y puseram tal questão de tal modo, mas que há outras coisas a se pensar” (STRATHERN, 1999, p. 167). Por isso, essas questões estão no trabalho, sem, entretanto, desempenhar papel de protagonista. E justamente por não ser o objetivo principal do trabalho, a bibliografia e as etnografias que tratam do tema (PISCITELLI (2013), GREGORI (1989; 2004), OLIVAR (2008; 2013), e outros) foram utilizadas apenas como material de consulta.

<sup>3</sup> Questões éticas me levaram a mudar os nomes das envolvidas. Sobretudo, as mulheres e travestis envolvidas com a atividade de prostituição e também de “Paulão” que era também envolvido com atividades ilícitas. Substituí por nomes fictícios por pensar em possíveis consequências aos envolvidos, ainda que todos afirmassem que não haveria problema se eu fizesse uso dos nomes deles na pesquisa.

<sup>4</sup> “Tiração” significa algo próximo da expressão “tirar sarro”, ou seja, divertir-se sem compromisso à custa de alguém. Caçoar de alguém.

aguentar já deixa a gente nervosa, sem falar no resto”. A fala dela transmite mais tristeza ao falar da família porque sua mãe e suas irmãs nunca aceitaram seu trabalho e nem o dinheiro dela quando quis ajudar com as despesas da casa. E o “resto” que ela menciona muitas vezes está relacionado à violência de toda ordem que sofrem (física, psicológica, emocional) de clientes, cafetinas, polícia e das “colegas” da “rua” em suas disputas internas.

A primeira transexual que entrevistei me contou que foi para a Avenida Getúlio Vargas aos 13 anos, “nunca sofri tanto em minha vida”, disse Thalita. E nunca mais voltou lá para se prostituir, mas mesmo assim encontra outros transtornos em seu dia a dia. O simples ato de poder fazer uso do banheiro feminino na escola em que estudava terminando o ensino médio foi uma luta. Além disso, ela e outras transexuais e travestis, sempre me falavam do preconceito da igreja, da família e da dificuldade de ir ao supermercado fazer compras, por exemplo.

Em todo momento da pesquisa e também na construção do texto fiz uso do artigo feminino “a” e o pronome pessoal feminino “ela” para me referir às travestis. Elas, as travestis, não foram pensadas aqui como homens tornados mulheres e nem mulheres tornadas homens, nem um terceiro gênero, mas outra sexualidade de homens e mulheres, como diz Félix Guattari (1987)

A questão não é mais saber se vamos desempenhar o papel feminino contra o masculino, ou o contrário, e sim fazer com que os corpos, todos os corpos consigam livrar-se das representações e constrangimentos do “corpo social”, bem como das posturas, atitudes e comportamentos estereotipados, da “courageira” de que falava Wilhelm Reich. A alienação sexual, que é um dos fundamentos do capitalismo, implica na polarização do corpo social na masculinidade, enquanto que o corpo feminino se transforma em objeto de cobiça, em mercadoria, um território ao qual só se poderá ter acesso na culpabilidade e submetendo-se a todas as engrenagens do sistema (casamento, família, trabalho, etc...) (GUATTARI, 1987, p. 43).

Don Kulick aponta o problema de se pensar um terceiro gênero,

O idioma do terceiro gênero deixa intacto o binarismo tradicional. Em vez de expandir, sofisticar e complexificar o entendimento da masculinidade e da feminilidade, o discurso do terceiro gênero cristaliza e sela as categorias duais, e situa a fluidez, a ambiguidade, a dinâmica e as sobreposições em um espaço completamente exterior: fora das fronteiras do binarismo, nos domínios do terceiro. O conceito de terceiro acaba dificultando o entendimento de que o “dois” pode não ser tão simples e careta como se pensa. Enfim, o terceiro nos impede de ver que pessoas como as travestis não caem fora do sistema de gênero binário, absolutamente. Ao contrário, as travestis nos permitem sugerir que o binário configura-se de um modo



radicalmente diferente do que estamos condicionados a pensar (KULICK, 2008, p. 239-240).

Isso posto, travestis aqui foram tratadas como travestis, nem como homens, nem mulheres, nem um terceiro gênero. E o uso de artigos e pronomes femininos para se referir a elas é uma posição ideológica<sup>5</sup> e também metodológica, pois elas além de usarem nomes femininos ao se identificarem, “sempre se referem umas às outras por pronomes e formas gramaticais femininas e são chamadas por vocativos femininos” (KULICK, 2008, p. 227). Usar formas gramaticais femininas para se referir as travestis é uma forma de “levar o pensamento nativo a sério”. Isso significa não neutralizar o discurso nativo, não tomá-lo como opinião, nem como proposição, mas como “atividade de simbolização ou prática de sentido: como dispositivo autorreferencial ou tautegórico de produção de conceitos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 131). Ou seja, essa foi uma das formas que escolhi para deixar explícito que as questões sobre gênero e sexualidade estão presentes em todo momento nesse contexto.

Outra forma de evidenciar essas questões é a de optar por deixar manifesto no texto, através da fala das travestis e mulheres, como é constante a reflexão sobre sexualidade e gênero. O quiproquó descrito no prólogo dessa dissertação deixa claro que as relações são lidas a partir do gênero; no decorrer da etnografia, ficará claro a noção e preocupação com a sexualidade, quando relato as tentativas delas em me seduzir para um programa.

Segundo Judith Butler (2003), a sociedade, como a conhecemos, delimitou os limites do pensável, mas o impensável não está fora da cultura, antes dentro dela, apenas de forma dominada. E é possível pensar de forma insurgente pelas bordas do social, na região que foi propositalmente foracluída<sup>6</sup> dele e, muitas vezes, relegada até mesmo ao reino do abjeto. No meu entendimento, preservar no texto a fala explícita das minhas interlocutoras é uma maneira de mostrar a possibilidade de um pensamento insurgente.

A metodologia que utilizei parte da ideia de simetria, pensando todos os sujeitos em uma malha relacional (“meshwork”). Concordando com Tim Ingold (2011), realizei uma antropologia imersa na vida, não pensando como redes, mas pensando que cada ponto é apenas um fio em um tecido de trilhas que juntos compõem a textura do mundo da vida. E essa textura feita de organismos que se constituem dentro de um campo relacional. “*It is a*

---

<sup>5</sup> Uma vez que os movimentos sociais ligados à temática de gênero e sexualidade reivindicam que transexuais e travestis sejam tratadas como mulheres.

<sup>6</sup> Foraclusão é um conceito psicanalítico elaborado por Jacques Lacan (1985) a partir do termo alemão *Verwerfung* utilizado por Freud, o qual Butler se apropria. Freud compara três formas de negação: a rejeição, a desmentida e o recalque.

*field not of interconnected points but of interwoven lines; not a network but a meshwork*” (INGOLD, 2011, p. 70).

Dessa forma, realizei a pesquisa sob a égide wagneriana a qual diz que a ideia de cultura faz de todo ser humano um “antropólogo”, um inventor de cultura. Isso me colocou em pé de igualdade com meus interlocutores e nos colocou todos em uma malha relacional. Fez com que eu também, assim como Wagner, abandonasse a chamada “objetividade absoluta” em favor de uma “objetividade relativa” que busca descobrir quais são as maneiras pelas quais nossa cultura nos permite compreender outra e as limitações que isso impõe a tal compreensão.

Presumir que cada cultura é equivalente a qualquer outra é adotar a chamada “relatividade cultural”. Assim,

A combinação dessas duas implicações da ideia de cultura - o fato de que nós mesmos pertencemos a uma cultura (objetividade relativa), e o de que devemos supor que todas as culturas são equivalentes (relatividade cultural) - leva a uma proposição geral concernente ao estudo da cultura. Como sugere a repetição da raiz “relativo”, a compreensão de uma outra cultura envolve a relação entre duas variedades do fenômeno humano; ela visa a criação de uma relação intelectual entre elas, uma compreensão que inclua ambas (WAGNER, 2012, p. 40).

A “objetividade relativa” e a “relatividade cultural” me alertaram para o que Dupin chamou atenção de seu amigo na investigação da “Carta Roubada”<sup>7</sup>, “uma identificação do intelecto do raciocinador com o de seu oponente” (POE, 1981, p. 222). Obviamente não considero os interlocutores dessa pesquisa como “oponentes” e nem entendo a Avenida Getúlio Vargas como outra cultura, mas como contexto, e penso que só foi possível algum entendimento com certa identificação de intelecto. Só foi possível algum entendimento quando fui “afetado” no sentido colocado por Favret-Saada (2005). O trabalho teve prosseguimento quando fui afetado pelas mesmas forças que afetam os interlocutores, quando me senti, de fato, dentro do contexto. Não me coloquei no lugar deles ou desenvolvi alguma empatia ou apreensão emocional ou cognitiva dos afetos deles, mas fui afetado por algo que os afeta e assim pude estabelecer com eles certa modalidade de relação, concedendo “estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160).

---

<sup>7</sup> Conto de Edgar Allan Poe no qual o delegado pede ajuda a Dupin e seu amigo na investigação de uma carta roubada.

Contexto aqui é usado no sentido amplo do termo, não apenas para designar um “ambiente” de significado no qual um símbolo é utilizado e que escapa a fronteiras e definições precisas.

Emprego o termo no sentido mais amplo possível, aplicando-o a qualquer punhado de elementos simbólicos que ocorram juntos de alguma maneira, seja formando uma sequência ou entidade reconhecível (a “cadeia sintagmática” de alguns autores), seja entrando em oposição como aspectos contrastantes de uma distinção (a base de uma relação “paradigmática”) [...]. Um contexto é uma parte da experiência - e também algo que nossa experiência constrói; é um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si, e é formado pelo ato de relacioná-los. Os elementos de um contexto convencionalmente reconhecido parecem se pertencer mutuamente assim como elefantes, lonas, palhaços e acrobatas “pertencem” a um circo. Alguns elementos são partes menos convencionais de um contexto que outros, embora isso varie no tempo e no espaço (WAGNER, 2012, p. 111-112).

Identifiquei em São Carlos na região da Avenida Getúlio Vargas um contexto com suas maneiras próprias de criar e experienciar o mesmo. E para “inventar”, no sentido aplicado por Wagner, a cultura do outro nesse contexto, fiz uso da “analogia”<sup>8</sup>, a qual não é sinônimo de semelhança, pois a analogia se faz necessária quando nos deparamos com situações não habituais. Também, para pensar através da analogia, é necessário que os dois (ou mais) termos colocados em relação não se sobreponham com valores de superioridade um ao outro, como se um fosse explicar o outro. Ou seja, a analogia é da ordem da relação entre os termos. “A ideia de ‘relação’ é importante aqui, pois é mais apropriada à conciliação de duas entidades ou pontos de vista equivalentes do que noções como ‘análise’ ou ‘exame’, com suas pretensões de objetividade absoluta” (WAGNER, 2012, p. 40).

Imerso na vida e considerando que estou ligado aos interlocutores por uma malha relacional, me coloquei em pé de igualdade com eles e isso me mostrou que sou dotado de uma “objetividade relativa”. Só foi possível “levar o pensamento nativo a sério” no contexto da região da Avenida Getúlio Vargas, considerando a “relatividade cultural”, afetado pelo contexto e fazendo uso de analogias. Dessa forma, na etnografia que segue, realizada entre julho de 2013 a fevereiro de 2014 e depois retomada em agosto, indo até outubro também de

---

<sup>8</sup> Segundo Roy Wagner, a analogia, ou um conjunto de analogias, que “traduz” um grupo de significados básicos em outro é o resultado da relação que o antropólogo constrói entre duas culturas e em consequência as “cria” para ele, a qual emerge precisamente desse seu ato de “invenção”, do uso que faz de significados por ele conhecidos ao construir uma representação compreensível de seu objeto de estudo, e pode-se dizer que essas analogias participam ao mesmo tempo de ambos os sistemas de significados, da mesma maneira que seu criador (WAGNER, 2012, P. 53).

2014<sup>9</sup>, a escrita se mostra como recriação imaginativa da experiência no campo, que guarda em si uma relação “complexa” entre dois campos (o etnográfico e o teórico), que se tocam, mas não se sobrepõem um ao outro, evidenciando o “efeito etnográfico” (STRATHERN, 2014) que se dá no momento da escrita, em que observação e análise estão em relação e num mesmo plano.

No primeiro capítulo, apresento a etnografia realizada na “Rua” Avenida Getúlio Vargas no período noturno e mostro um pouco das sociabilidades desenvolvidas nesse espaço durante esse período. Destaco como as mulheres e travestis transitam, se apropriam e classificam esse espaço. Para elas, um passo à frente da soleira da porta da residência, tudo é “Rua”, inclusive a Avenida. A “Rua” é classificada em categorias como “frente”, “atrás”, “dentro”, “baixo”, “fundo” e, tanto a “Rua” como suas divisões possuem gramáticas próprias e códigos internos.

No segundo capítulo exponho a etnografia feita na Avenida Getúlio Vargas durante o dia e realizo também uma etnografia sobre uma narrativa da região através dos relatos orais dos envolvidos nesse contexto para tentar entender como a região foi escolhida para fazer parte dos espaços de prostituição em São Carlos. Neste capítulo outros elementos também apareceram. Como por exemplo, a influência da administração pública, a especulação imobiliária, a controvérsia sobre o bairro Vila Isabel ter sido ou não fundado e habitado por ex-escravizados. E destaco o movimento de ocupação da cidade pelas prostitutas (travestis e mulheres) que chegou até a Avenida Getúlio Vargas. Ainda nesse capítulo mostro como é a relação dos moradores do bairro com a prostituição e as impressões das prostitutas sobre o bairro e a cidade.

No terceiro capítulo realizo uma reflexão sobre os conceitos clássicos de Casa & Rua de Roberto DaMatta; a família de categorias de José Guilherme C. Magnani (pedaço, mancha, trajeto e circuito); e o conceito código-território de Néstor Perlongher. Contudo, justaponho-os às categorias derivadas da minha etnografia. Tento demonstrar em que medida esses conceitos clássicos e caros à antropologia urbana, dialogam com a categoria “Rua” e suas derivações “frente”, “atrás”, “dentro”, “baixo” e “fundo”, inventadas pelas mulheres e travestis no contexto da Avenida Getúlio Vargas.

Encerro com um epílogo com minhas considerações finais, em uma tentativa de retomar tudo o que foi apresentado buscando um entendimento possível do contexto da prostituição em São Carlos na Avenida Getúlio Vargas.

---

<sup>9</sup> Com períodos de presença mais intensa e frequente em algum momento e outros períodos menos frequentes.

## 1. UMA “RUA” CHAMADA AVENIDA GETÚLIO VARGAS

*“Na Avenida Getúlio Vargas  
Mariposas de asas azuis e prateadas  
Consumem as luzes dos faróis  
Na crucis via láctea da vida*

*Fuscão preto corre a madrugada  
Numa corrida fria e alucinada  
E faz fel e mel rima dourada  
Amor e dor filosofia da morada*

*No dial uma canção sertaneja  
De vidas doridas e amores partidos  
Traduzem tensos soldados em peleja  
Voluntários ou não da nua cruzada*

*Brilho nas íris e nos lábios acesos  
Cintilam como nuvem de pirilampos  
Nos olhos-anzóis que se figam tesos  
Sexos que ardem e se cosem sedentos*

*Na Avenida Getúlio Vargas  
Onde a certeza não tem oásis nem vaga  
Os neurônios são pele sobre pele  
Que se tocam e se unem em descargas”<sup>10</sup>*

### 1.1 Noite caiu, coloriu.

As portas das lojas e empresas vão se fechando praticamente junto com o por do sol. Salvo raras exceções, tudo fecha na Avenida Getúlio Vargas quando escurece. O que não significa necessariamente que todas as atividades exercidas ali se encerram. Ao cair da noite, outro tipo de atividade se instala na Avenida e seus arredores: a prostituição.

A atividade de prostituição na Avenida Getúlio Vargas começa ao anoitecer. Não está ligada ao horário de funcionamento dos estabelecimentos comerciais, ou seja, não começa quando o comércio encerra o expediente, mas quando o sol se despede. Iniciei as observações

---

<sup>10</sup> “Na Avenida Getúlio Vargas” (BRANDÃO, 2012b, p. 115). Em conversa com o autor do poema ele me disse que “Mariposas” faz referência a Zezinho Mariposa, um homossexual bem conhecido em São Carlos que organizava festas de carnaval na cidade.

sistemáticas no inverno de 2013, mais precisamente em julho, período em que às dezoito horas e trinta minutos já estava escuro e já era possível ver mulheres e travestis transitando pela Avenida e seus arredores. No verão, em janeiro de 2014, quando é adotado o “horário de verão” tal movimentação só era vista a partir de dezenove horas e trinta minutos ou vinte horas.

Inicialmente realizei incursões de carro só quando já havia escurecido para tentar visualizar ou realizar uma espécie de “mapeamento” de locais onde eram recorrentes mulheres e travestis à espera de clientes. Perdi as contas rapidamente de quantas vezes subi e desci aquela Avenida. Também percorria as ruas paralelas e perpendiculares à Avenida Getúlio Vargas, onde já havia observado mulheres e travestis trabalhando. Em uma dessas incursões noturnas, passei com o carro na “divisa virtual”<sup>11</sup> entre o bairro Vila Isabel e o bairro Parque São José, na Rua Georg Ptak (paralela à Avenida Getúlio Vargas) e segui até onde ela cruza com a Rua Monsenhor Alcindo Carlos Veloso Siqueira. Nessa esquina costumava ter algumas mulheres à espera (ou à procura) de clientes para programas.

Naquela noite eram três mulheres ali, duas sentadas em um banco na calçada de uma empresa e outra em pé. Aparentavam ser bem jovens (talvez menores de idade) e pouco “produzidas” (não usavam roupas bonitas e maquiagem, como o clichê sobre garotas de programa afirma). Usavam roupas simples, um pouco surradas e curtas, chinelos, cabelos presos e sem muitos adereços. Já havia ouvido falar que algumas meninas naquela região se prostituíam para manter o vício em drogas e pensei que talvez pudesse ser o caso. Ao vê-las, diminuí a velocidade e abaixei o vidro do carro; quando passei em frente uma delas me olhou e disse: “Vamos gozar?”.

Tal convite me deixou assustado, pois até aquele momento não tinha uma real dimensão do que e como seria essa etnografia. Não havia estabelecido qualquer tipo de interação com as pessoas daquele contexto. Mas ao me convidar olhando diretamente para mim, sendo tão jovem e dizendo o que disse de uma forma natural, sem apelo sensual, aliás, muito pelo contrário, aquela menina quebrou todo e qualquer estereótipo construído até então. Após isso, fiquei ainda por um tempo rodando pela Avenida Getúlio Vargas e seus arredores pelas noites, tentando encontrar uma maneira de me inserir naquele contexto ou, no mínimo, encontrar um lugar para observar. Optei, a princípio, por ficar em uma loja de conveniência de um posto de combustível que fica aberto vinte e quatro horas. Justamente por estar aberto o

---

<sup>11</sup> Uso esse termo porque, de maneira interessante, a mudança da nomenclatura do bairro se dá ao atravessar uma rua. Em instantes sai-se da Vila Isabel e entra no Parque São José

tempo todo, achei que seria um bom lugar, inclusive, para observar a “transformação” da Avenida Getúlio Vargas, do movimento diurno para o noturno.

Cheguei ao posto de gasolina perto das dezessete horas. O movimento de carros era constante. Pedi um pão de queijo e uma água na loja de conveniência e fiquei a olhar a Avenida com pessoas saindo do trabalho, pontos e ônibus cheios e a noite caindo. Como em uma simetria inversa, à medida que escurecia o movimento de carros e de pessoas diminuía e já era possível ver algumas mulheres e travestis andando pelas calçadas da Avenida. Após um tempo observando essa mudança de cenário me aproximei para conversar com um frentista. Expliquei que era pesquisador e ele mostrou um alívio em seu semblante. “É bom você dizer isso, senão a gente pensa que é alguém querendo roubar”, foi o que ele me disse. Não me espantei, pois nada mais estranho que um rapaz que chega a um posto de combustível, não abastece, gasta pouco na loja de conveniência e fica sentado olhando pra rua e anotando coisas em um caderno. Conversando, soube que o trânsito de mulheres e travestis fazendo programa ali é bem comum, que acontece todos os dias, mas que elas não costumam ficar no posto, no máximo entram para comprar algo na loja de conveniência e saem logo em seguida. Segundo ele, não costuma ter problemas com elas ali e, na Avenida é difícil ter confusão, “só quando alguém faz o programa, mas não quer pagar, aí sai briga...”. Nossa conversa não se estendeu muito e concluí que o posto não seria um bom lugar.

Continuei com minhas voltas de carro pela região até notar um bar que ficava exatamente na Avenida Getúlio Vargas, precisamente entre a Rua Monsenhor Alcindo Carlos Veloso Siqueira e a Rua Carlos Fleischmann. Já o havia percebido, mas, por um momento, pensei que ali poderia ser um lugar estratégico para observação e interação. Passei duas vezes em frente do lugar olhando para dentro dele, e notei ali algumas travestis. Decidi que, na próxima noite, ele seria meu destino. O estabelecimento em questão era o De Ponta Cabeça Bar.

## **1.2 De Ponta Cabeça Bar**

A placa grande na fachada com o nome do bar com letras invertidas, literalmente de ponta cabeça, já chama a atenção dos passantes. e naquele contexto onde, para muitos, a noite é dia e as relações não são convencionais. Um bar com esse nome é demasiado significativo. Para mim, foi como um sinal de que ali as coisas eram, no mínimo, diferentes. Não exatamente invertidas, mas vistas de outra forma.

Em uma das paredes internas do estabelecimento também estava escrito o nome do bar com letras invertidas e, em outra, estavam pintados quatro escudos de times paulistas (Santos, São Paulo, Palmeiras e Corinthians). A edificação era simples, a maior parte de alvenaria, mas também era fechado por grades, telas e telhas ecológicas. A cobertura era feita por telhas de fibrocimento apoiadas em uma estrutura simples de madeira, e o chão, de cimento rústico. O bar era dividido em duas áreas, uma onde ficam os clientes, com algumas mesas e cadeiras de plástico, mesa de bilhar, *jukebox*, e banheiros (masculino e feminino). Nessa área a iluminação era de lâmpadas fluorescentes comuns. A outra área era algo parecido com uma cabine dotada de uma porta e uma abertura formando um balcão. Nesse balcão ficavam alguns doces, balas e alguns aperitivos comuns de bares (amendoim, queijo, salsicha, etc.). No interior dessa cabine, ficavam o *freezer*, geladeira, chapa para lanches, pia, televisão, telefone e bebidas. Também havia algumas camisetas de times que estavam à venda, colocadas cuidadosamente de ponta cabeça; notei que algumas garrafas também estavam de ponta cabeça e até uma das placas de proibido fumar no balcão estava invertida. Algumas paredes estavam revestidas de espelhos e essa cabine possuía duas iluminações, uma com lâmpadas fluorescentes comuns, e outra com lâmpadas coloridas (não identifiquei se *neon* ou luz negra). Quando a noite estava movimentada, o dono do bar apagava as luzes comuns dessa cabine e deixava apenas as coloridas acesas para “criar um clima”.

O espaço era pequeno (no máximo sessenta metros quadrados ao todo) e era difícil passar despercebido ao entrar e ou permanecer no lugar. Entrei no bar por volta das vinte horas após passar de carro pela Avenida toda e ter visto várias mulheres e travestis em alguns pontos da própria Avenida e nas ruas paralelas e transversais. Contudo, no estabelecimento só havia dois rapazes sentados em uma mesa tomando cerveja, conversando, e um rapaz no balcão bebendo e conversando com o dono do bar. Ao chegar, pedi uma cerveja e sentei em uma mesa que possibilitava olhar a Avenida. Sentei e fiquei bebendo devagar, observando e anotando algumas coisas no caderno de campo.

De onde eu estava, era possível ver uma travesti na esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Carlos Fleischmann, onde ficava um estacionamento de venda de carros usados do lado oposto do bar. Ela usava um vestido preto curto “tomara que caia”, salto alto, e deixava a bolsa pendurada na grade do estacionamento enquanto ficava na calçada bem próxima ao tráfego de carros. Notei que uma viatura da polícia desceu e subiu a Avenida Getúlio Vargas, pelo menos duas vezes, mas nada aconteceu, nenhum tipo de abordagem ou



coisa parecida<sup>12</sup>. Logo um caminhão parou e ela se aproximou, mas o motorista desceu e foi em direção ao bar, não era cliente. Ela retornou à esquina ficando em pé bem à mostra para que os carros que passavam pudessem vê-la, até que um que veio pela Rua Carlos Fleischmann parou. Ela se aproximou e se abaixou no vidro do motorista; rapidamente voltou para pegar sua bolsa, que estava pendurada na grade do estacionamento, e entrou no carro.

Logo após, chegou outra travesti e ficou no mesmo ponto. Sentou por um tempo, depois ficou em pé. Passaram alguns garotos de moto e gritaram, insultando-a, mas ela nem respondeu. Pouco tempo depois atravessou a Rua Carlos Fleischmann e desceu caminhando a Getúlio Vargas; após um quarteirão atravessou a Avenida e eu a perdi de vista.

Fiquei por um tempo no lugar, escrevendo e olhando a televisão que passava um seriado policial. O dono do estabelecimento respeitava a lei de não poder fumar em ambientes fechados e foi até a calçada do seu próprio bar para fumar. Aproveitei que ele estava sozinho e fui até ele me apresentar como pesquisador. Ele foi bem receptivo, um tanto desconfiado, mas receptivo, e se apresentou também; atende pelo apelido de Coxinha, ou Coxa. Os dois rapazes que estavam na mesa ao lado bebendo e me observando, ouviram-me conversar com ele e entraram na conversa: “Ah, bom! A gente estava aqui pensando se você era polícia ou repórter”. Achei graça. Alguém em um bar naquele contexto que fica anotando coisas em um caderno só pode ser repórter ou polícia. Antropólogo nem pensar.

Enquanto conversávamos, entrou uma travesti, foi direto ao banheiro e depois pediu uma bebida no copo de plástico. Pela maneira como ela conversava com o Coxinha, julguei que possuíam algum vínculo de amizade, se é que posso chamar assim. Quando ela saiu, perguntei ao Coxinha qual era a relação que ele e o bar tinham com as travestis, e ele me disse que não havia relação, que elas só entravam para usar o espelho e o banheiro, pegavam uma dose em um copo plástico e saíam. E que, às vezes, quando faziam um bom programa, paravam para tomar uma cerveja.

---

<sup>12</sup> Durante todo o período da etnografia não presenciei nada relacionado à polícia. Buscando notícias sobre ocorrências policiais locais, encontrei apenas duas notícias. Uma ocorrência anterior ao período da etnografia (fevereiro de 2013) que relatava que um motorista foi agredido e teve o carro danificado após insultar travestis na Avenida Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://www.saocarlosagora.com.br/policia/noticia/2013/02/20/38938/motorista-se-da-mal-ao-insultar-travestis-na-avenida-getulio-vargas/>>. Acesso em: 1 mai. 2014.; e uma ocorrência em julho de 2013 relatando que uma mulher apanhou de garotas de programa ao ir a uma boate. Disponível em: <<http://www.saocarlosagora.com.br/policia/noticia/2013/07/17/44005/mulher-vai-com-o-primos-a-boate-e-apanha-de-garotas-de-programa-na-getulio-vargas/>>. Acesso em: 1 mai. 2014. – a notícia situa a boate na Avenida Getúlio Vargas, entretanto, a boate em questão fica bem próxima à Rodovia Washington Luís na Rua Caetano Scalise, uma rua paralela à Avenida Getúlio Vargas. Quando perguntei para uma das travestis como era a relação delas com a polícia, ela me disse: “Ah, é normal. Assim, é crime, não é? Eles estão pra combater o crime, mas eu não faço mal pra ninguém, no máximo faço mal pra mim. Eles tem que pegar bandido, assalto, então eles tem tanta coisa pra fazer que deixam a gente em paz.”

Não só pelo que Coxinha me disse, mas também pelo observado ao longo da etnografia, ficou claro que seu estabelecimento não era um “ponto de prostituição”, mas um lugar de encontro e lazer como qualquer outro bar. É bem verdade que quando as travestis ficavam mais tempo no lugar, o movimento aumentava, pois os motoristas que passavam na Avenida, ao vê-las, paravam o carro e entravam. É evidente que também se combinam programas ali, aliás como em qualquer outro bar, podem acontecer muitas coisas, mas não era um espaço destinado necessariamente para tal atividade.

**Figura 1** – De Ponta Cabeça Bar



**Fonte:** Elaboração própria.

Comecei a frequentar o bar, não só durante a noite, mas também durante o dia. O horário de funcionamento era das quatorze horas à uma hora da manhã, então, às vezes, quando era possível, passava lá à tarde para tomar um refrigerante e bater papo com o Coxinha. Ainda nas primeiras vezes, cheguei a levar um documento da universidade comprovando que eu era pesquisador, mas logo essas formalidades não foram mais necessárias. Algum tempo depois, ele me adicionou como amigo na rede social *facebook* e, quando fiquei um tempo sem aparecer no bar, em função dos compromissos com disciplinas e atividades da universidade em Araraquara, ele me cobrou a presença. Quando cheguei ao bar, ele já veio dizendo que eu estava sumido e precisava aparecer mais. Sempre conversávamos

bastante em noites de pouco movimento ou até começar o movimento. Assim como eu, ele também gostava de futebol (os escudos dos times pintados na parede não eram à toa) e víamos os jogos juntos; posso dizer que ficamos amigos. Ele era um sujeito jovem, bacana, e até jogava bilhar com os clientes. Isso é um indício de que o bar é bom, quando o dono joga bilhar com o cliente, o detalhe é que dificilmente alguém ganha dele. Um dia, perguntei se ele me concederia uma entrevista e se eu poderia usar o gravador, ele nem titubeou e marcamos para uma sexta-feira (dia 24/01/2014) à tarde, que era o horário com menos movimento, para podermos conversar tranquilamente.

De fato, não havia ninguém no bar quando cheguei. Ele estava sentado com a televisão ligada e mexendo na internet pelo celular. Cumprimentamo-nos, eu pedi uma coca-cola e começamos a entrevista como nos papos que costumávamos ter. A única diferença é que ele ficou dentro do bar fumando, o que não fazia quando tinha clientes, mas, de resto, bem amigável com risadas e piadas<sup>13</sup>.

**[Eu]** *Você não é de São Carlos, Coxa?*

**[Coxinha]** *Não.*

**[Eu]** *Você é de onde?*

**[Coxinha]** *Eu sou nascido no Paraná e vim pra cá com 5 anos de idade.*

**[Eu]** *Pra São Carlos?*

**[Coxinha]** *Não, pro Estado de São Paulo. Eu vim pra Arthur Nogueira que fica na região de Campinas.*

**[Eu]** *E você ficou lá até quando?*

**[Coxinha]** *Eu fiquei até 2005. Eu cheguei em 83, fiquei até 2005 e em 2005 eu vim pra São Carlos.*

**[Eu]** *Mas você não conhecia nada em São Carlos, só de passeio?*

**[Coxinha]** *Mas nem de passeio, nunca tinha vindo. Minha esposa veio pra trabalhar com meu cunhado e eu vim também.*

[...]

**[Eu]** *Você sabia da Getúlio Vargas. Alguém já tinha comentado alguma coisa com você?*

**[Coxinha]** *Não. Cheguei aqui pra conhecer o lugar. Lógico que antes de pegar o bar aqui eu já tinha passado aqui. Já tinha visto como era, quem frequentava, mas não imaginava como era.*

**[Eu]** *Você já tinha passado na rua à noite, então?*

**[Coxinha]** *Já. Antes de pegar o bar.*

**[Eu]** *Mas já estava com intenção de pegar o bar?*

**[Coxinha]** *Pior que já tava. Porque eu fazia vendas de uma representação de um amigo meu lá, daí eu vendia. E eu vendia aqui*

<sup>13</sup> Justamente por isso as aspas que seguem a entrevista que fizemos estão bastante editadas, onde tem um “[...]” é porque acabamos por divagar e falar de outras coisas que penso não ser necessariamente interessante transcrever aqui.

*nesse ponto e eu via que era um dos meus melhores clientes meus aqui em São Carlos.*

**[Eu]** *Ah, tá. Você fazia vendas e vendia pra esse bar aqui.*

**[Coxinha]** *Isso e era um dos melhores. Era o que mais comprava só que não conseguia pagar. Então eu sabia que vendia muito, só que o cara não sabia administrar, né?*

**[Eu]** *Entendi.*

**[Coxinha]** *Aí peguei e fiz uma proposta pra ele. Eu tinha um carro parado lá na chácara da minha mãe e eu ofereci o carro e mais uma quantia e fiquei com o bar até hoje.*

**[Eu]** *Assim que veio pra São Carlos?*

**[Coxinha]** *Fiquei dois ou três meses em vendas e já peguei o bar. No meio do ano agora faz nove anos, uma década quase.*

**[Eu]** *Você achou muita dificuldade no começo aqui?*

**[Coxinha]** *Não, no começo era só alegria. Porque no começo eu não tinha a cabeça que eu tenho hoje. No começo eu peguei mais pra farrá mesmo, porque eu tinha outra renda, né? Eu tinha um aluguel em Arthur Nogueira, eu fazia essas vendas aí, então aqui era lazer. Eu comprei o bar porque eu gostava de beber [risos]. Aí ficava mais fácil, mas hoje eu tenho outra cabeça, tenho família e tal.*

*[...]*

**[Eu]** *O que você pensou quando viu que o bar era frequentado por travestis e prostitutas?*

**[Coxinha]** *Eu achava que eu iria ganhar muito dinheiro com isso. Achava até que elas gastavam mais. Achava que eu ia ficar rico, na verdade [risos].*

**[Eu]** *Mas elas não gastam tanto?*

**[Coxinha]** *Gastam nada, muito difícil. Gasta aí cinco ou dez reais por dia. E vem o quê? Meia dúzia, às vezes três ou quatro no dia. Mas é bom também que chama movimento, né? O Pessoal pode até chegar a falar que não gosta, mas depois da segunda ou terceira cerveja já está abraçando [risos]. É desse jeito.*

**[Eu]** *Por que se tiver travesti no bar os caras entram?*

**[Coxinha]** *Se tiver travesti no bar os carros param, engatam ré ou dá volta no quarteirão e param.*

**[Eu]** *E aí os caras gastam?*

**[Coxinha]** *Aí gastam.*

Através da fala do Coxa é possível notar que, em 2005, a Avenida Getúlio Vargas e arredores já era ocupada pela atividade de prostituição por travestis e mulheres, e era bem movimentada a ponto de o fazer pensar que enriqueceria em São Carlos. E é interessante notar como tal atividade, à sua maneira, contribui para a dinâmica da cidade, inclusive é fator importante para os interesses econômicos, pois Coxa comprou o bar justamente por pensar que o investimento lhe traria diversão e lucro.

Ele me contou como deu o nome ao bar que me causou tamanha curiosidade:

**[Coxinha]** *Em Campinas tem um bar pequeno, menor que esse que chama “De ponta cabeça bar” e sempre me chamou atenção pelo nome. É um marketing também, porque a pessoa vê, pensa, pára pra ler e não sai da cabeça. Então desde lá de Campinas eu tinha esse nome na cabeça e cheguei aqui e pensei em “pô, vou fazer com esse nome que vai chamar atenção”.*

**[Eu]** *Você morava em Arthur Nogueira, mas frequentava Campinas que é pertinho.*

**[Coxinha]** *É. É perto. O Lazer lá é Campinas.*

**[Eu]** *Mas o bar sempre foi assim lá?*

**[Coxinha]** *É assim até hoje. O bar é de um pontepretano que quando a Ponte Preta foi pra final do campeonato ele falou “se a Ponte não for campeã e viro tudo de ponta cabeça” E a Ponte não foi [risos]. Daí ele virou tudo de ponta cabeça e aí um tempo depois até o nome do bar ficou De Ponta Cabeça. Mas ele tem a promessa que se a Ponte for campeã ele volta tudo ao normal.*

**[Eu]** *E isso foi em que ano?*

**[Coxinha]** *Não sei te falar.*

**[Eu]** *Quando você morava lá já era assim?*

**[Coxinha]** *Já tinha o nome.*

**[Eu]** *E de lá pra cá a Ponte nunca foi campeã. [risos]*

**[Coxinha]** *E eu nunca entrei nesse bar. Só passei em frente. Pra você ver como que funciona esse nome com as letras invertidas, né? Até o juiz da cidade me parabenizou uma vez que eu fui em uma audiência de máquina caça níquel que eu tinha aqui. Ele olhou pra mim e falou “Você é um cara inteligente. Você usou até um nome bom. O marketing seu é perfeito. Toca seu bar direitinho, bonitinho, não permite que jogue isso, não põe caça níquel, não vende bebida pra de menor (menor de idade, né?). Então toca direitinho, você é um cara inteligente com esse nome aí. Eu gostei desse nome seu”.*

**[Eu]** *Mas quando você chegou você pensou até na decoração do bar em deixar tudo de ponta cabeça?*

**[Coxinha]** *Não, era só o nome. Depois eu fui mudando. Na verdade eu queria colocar um jogo de espelho que deixa tudo de ponta cabeça, mas fica muito caro. Eu queria fazer assim. O cara entra no bar e vê tudo de ponta cabeça. E até depois vender franquia, né?. Eu tenho tudo elaborado na minha cabeça.*

**[Eu]** *Você registrou esse nome então?*

**[Coxinha]** *Não porque tem vários, né? Se você procurar tem vários. Em Osasco tem, Guarulhos, tem um monte de cidade que tem esse nome de bar.*

**[Eu]** *Entendi. Então ficou só como nome fantasia?*

**[Coxinha]** *É, só nome fantasia. Porque se eu for registrar pode dar problema, alguém já deve ter registrado isso. E também não tenho dinheiro pra isso.*

**[Eu]** *É caro?*

**[Coxinha]** *Acho que não, não sei, mas tenho outras prioridades. Deve ficar uns dois mil ou três mil.*

Mesmo sabendo da “jogada de *marketing*” aplicada pelo Coxinha na escolha do nome do bar, ainda acho que caiu perfeitamente no contexto noturno da Avenida Getúlio Vargas. Algumas coincidências parecem contribuir de forma involuntária e indireta para a criação de um cenário.

Além de conhecida pela atividade de prostituição, e atrair investimentos em função disso, a região da Avenida Getúlio Vargas também ficou conhecida por atividades ilícitas. Uma noite em que estava no bar, sentado no balcão vendo novela e conversando com o Coxinha, pude conversar com um são-carlense. Ele me contou que mora em São Carlos desde que nasceu, inclusive no mesmo bairro – Pacaembu. Esse bairro é mais ou menos próximo à região da Avenida Getúlio Vargas. Segundo ele, hoje em dia a região está mais tranquila, mas já foi muito agitada, violenta e perigosa. Jovens realizavam “pegas” (corridas) de carros na Avenida Getúlio Vargas à noite, e também era comum o tráfico de drogas ali.

Coxinha confirmou essa informação quando perguntei sobre a violência e a relação com a polícia na região.

**[Coxinha]** *Hoje é de boa, mas já tive problemas.*

**[Eu]** *Por quê?*

**[Coxinha]** *Perseguição no começo. Porque eu peguei aqui e era ponto de droga, mas eu não sabia. O filho desse cara que eu comprei ficava à noite aqui. Então ele vendia droga aqui. Aí no começo foi triste, perseguição mesmo. Batida três vezes por semana, às vezes todo dia. E fazia os clientes por a mão pra cabeça de virar o quarteirão aí pra fora do bar. Tinha mais movimento na época. Chegou o dia que vieram aqui e eu já tinha tomado umas, já [faz gesto de beber com a mão]. Aí fez todo mundo ir pra lá [aponta com a mão para o muro], bateram geral em todo mundo, revistaram aqui dentro do bar, revistaram eu, até que eu aceitei, né? E não pode, mas aceitei pra não criar caso. Aí eles saíram e eu fui fechar o portão e eu comecei a xingar o tenente. Falei “pô, cês tão de perseguição comigo! Todo dia, todo dia, toda semana cês tão aqui! Nunca acha nada, que que é que tá acontecendo? É perseguição mesmo? ” Aí o tenente falou assim “olha, cê cala a boca que você é muito folgado”, falei “eu folgado? Cês que vem aqui” e ele “cê é folgado mesmo! E cala a boca senão eu vou levar aquela maquininha sua”, era a máquina caça níquel. Eu falei “pode levar, a maquininha não é minha mesmo”, ele falou “não é sua, mas tá onde? Tá no quintal da minha casa? Eu vou levar a maquininha e você lá pra baixo”. Falei “beleza, deixa eu só acabar de arrumar as coisas aqui e a gente vai”. Ele chamou o guincho, carregou a máquina, eu acabei de arrumar as coisas aqui e saí lá fora, daí ele abriu a tampa da Blazer. Bati a mão no bolso e a chave do carro não tava. Esqueci que eu tinha mandado o carro pra oficina, tava de carona com meu cunhado. Olhei pra ele e falei “escuta aqui, eu vou ter que ir aí?”, ele pegou e falou “não,*

*pega a chave, cê vai dirigindo e nós três vamos aqui atrás” [risos].  
Falei agora fudeu, né? Entrei lá atrás, e fomos né? [...]*

**[Eu]** *Quanto tempo durou essas batidas?*

**[Coxinha]** *Uns dois ou três anos. Uma vez por semana, depois passava quinze dias, depois um mês, mas sempre tinha. E tem aquilo, você não tem como controlar quem entra, você não sabe quem é, não sabe o que tem no bolso. Eu não tenho como controlar todo mundo. A sorte minha é que nunca acharam nada com nenhum cliente.*

**[Eu]** *Os frequentadores do bar não costumam ser usuários então?*

**[Coxinha]** *Hoje não. Antigamente sim. Tem gente que vem aqui que costuma até usar, mas eu já deixo bem explicado que aqui dentro eu não aceito. Se tiver, deixa no carro ou então vem, toma cerveja e vai usar droga lá pra baixo.*

Coxinha também me contou que presenciou roubo e perseguição armada na Avenida Getúlio Vargas, envolvendo pessoas que estavam dentro do bar. Com isso é possível afirmar que, após os anos 1970, acentuando-se em fins da década de 1980 e início de 1990, a região assumiu características violentas, envolvendo atividades ilícitas, como prostituição e tráfico de drogas.

Muitas das minhas noites por um período eram assim: andava com o carro pela Avenida Getúlio Vargas e ruas da região, parava, entrava no bar, pegava algo para comer e beber e ficava conversando com o Coxinha enquanto víamos novela e futebol na televisão. Algumas travestis entravam no bar, mas saíam rapidamente e as que ficavam não me convidavam para sentar com elas<sup>14</sup>.

Uma noite, cheguei ao bar como de costume, por volta das vinte horas e trinta minutos e, no balcão, cumprimentei o Coxinha e mais três homens que estavam sentados bebendo. Peguei algo para comer e beber e, após terminar o telejornal, me afastei do balcão e sentei em uma mesa. Os três homens se levantaram, despediram de mim e foram embora; após isso, quatro travestis entraram no bar. Elas entraram e me olharam, eu as cumprimentei, mas elas mal responderam meu boa noite. Sentaram em uma mesa e pediram: “cerveja, Coxinha!”, mas Coxinha não costuma levar as cervejas nas mesas, então uma delas se levantou e pegou cerveja no balcão e pediu dinheiro trocado para a *jukebox*. Colocou um forró com ares de tecnobrega e voltou dançando. Após colocar as cervejas na mesa, continuou dançando e olhou para mim. No começo, fiquei com alguma dúvida, mas após mais um pouco de dança super sensual, os olhares e um beijo soprado em minha direção, não restou dúvida alguma que ela

---

<sup>14</sup> É importante considerar que nesse período minhas idas a campo foram menores do que eu gostaria e com intervalos maiores entre elas, muito em função dos compromissos que tinha com a UNESP em Araraquara.

estava me paquerando; eu apenas respondi rindo e de certa forma aceitando a brincadeira, até que elas me convidaram para sentar com elas.

Uma delas era Marta e me reconheceu, era a mesma do imbróglio<sup>15</sup> com a amiga que achava que eu estava querendo roubar seus clientes. Elas perguntaram sobre mim e o que estava fazendo. Falei sobre a pesquisa, mas não deram muito crédito. Marta olhou e disse: “de novo esse papo de pesquisa...” em tom de descrença e deboche. Iara também perguntou se eu era “entendido”. Novamente eu disse que não, mas não convenci (outra vez). Marta disse que eu era “mapô”, o que pode significar que sou mulher ou também “a mais podre” no pajubá. A partir daí, as referências a mim se dividiam entre achar que era “entendido”, me seduzir e ou me levar para um programa (isso até o fim do período de campo). Quando isso não acontecia, elas interagiam entre si comentando a noite e uma recente briga que Marta teve com outra travesti que, durante a briga, cortou seu cabelo. Durante nossa conversa, começaram a chegar homens no bar, confirmando o que o Coxinha disse: as travestis atraíam movimento.

Todas estavam há pouco tempo em São Carlos, e disseram que moravam em uma pensão de uma travesti mais velha, a qual, segundo elas, não é cafetina, mas ajuda as meninas: “é maravilhosa, um escândalo”, disse Charlotte. Mesmo não sendo cafetina, essa outra travesti dona da pensão, cobrava, na ocasião, uma diária de R\$40,00 por noite para que uma travesti pudesse ficar na “rua” trabalhando. Coxinha já havia falado sobre essa travesti, mas não consegui o contato dela. A conversa seguiu e, pelo o que elas disseram, consegui perceber que a região da Avenida Getúlio Vargas é dividida de uma maneira particular por elas. Para começar, nenhuma delas se refere à Avenida Getúlio Vargas com esse nome, nem mesmo como Avenida ou “GV”, como alguns moradores são-carlenses, mas como “Rua”. E a rua paralela à Avenida Getúlio Vargas, a Rua Dr. Arthur Rodrigues de Castro, onde se localiza uma boate se referem como “dentro”. Seguindo essa mesma rua, mas depois de passar pela boate (em direção à Rodovia Washington Luís) é chamado de “atrás” e perto do posto de combustível, indo em direção a Vila Isabel é chamado de “fundo” ou “em baixo”, que é “onde ficam as velhas” (após os trinta anos já são consideradas velhas). Ou seja, quando uma diz à outra que estava “lá pra dentro” ou “lá atrás está uó” (Uó quer dizer alguma coisa muito ruim. Abreviação da expressão: “isso é o ó do borogodó”, que significa “é o cúmulo”, “é péssimo”), ou ainda “elas ficam lá pra baixo”, ou “lá no fundo eu não fico”, estão se referindo a espaços bem localizados, e conhecidos entre elas, da região da Avenida Getúlio Vargas.

---

<sup>15</sup> Relatado no prólogo desta dissertação.



Elas me contaram, conforme a conversa seguiu, que a “rua” pode ser trabalho e diversão, mas não aprofundaram muito, pois ocorreu algum desentendimento com a conta. Iara ficou brava, pagou sua parte e saiu do bar com os sapatos na mão. Nesse momento chegou outra travesti no bar que também atende pelo nome de Charlote. A outra Charlote que já estava na mesa comigo, disse que ela era de São Carlos e a chamou, “Charlote, vem cá responder perguntas pra esse menino que é repórter!”. Ela chegou perguntando o que eu queria saber, mas não ficou muito na mesa e seguiu para “rua”. A conversa andou mais um pouco, mas Coxinha começou a fechar o bar, já era bem tarde.

As noites são parecidas, mas nunca são iguais na Avenida Getúlio Vargas. Em uma dessas noites de papo e televisão, já quase com o bar fechando, entraram quatro travestis. Duas delas me reconheceram e me cumprimentaram e, passado alguns minutos, chegou mais uma. Elas pegaram cerveja, porção e colocaram música na *jukebox* para dançar. A que chegou logo após era Giovana. Ela costumava ir ao bar toda noite, mas apenas para pegar uma dose, um cigarro, usar o banheiro e saía. Mas ela vinha me observando há algum tempo, me cumprimentou e me chamou para sentar com elas. Como sempre, aceitei de bom grado e ficamos conversando. Enquanto conversávamos, entraram alguns rapazes e um deles se aproximou da nossa mesa. Paulão era conhecido pelas meninas: “boa noite, meu nome é Paulão e sou violento”, foi assim que se apresentou e começou a conversar comigo. A conversa teve ares de interrogatório sobre mim, mas respondi tranquilamente e ele pareceu ter gostado, pelo menos foi o que ele disse. As meninas me alertaram que ele era “uó” e que era para eu tomar cuidado. Segundo elas, ele sempre saía com as travestis, mas às vezes as violentava. Algumas delas já passaram pela infeliz experiência de se ajoelhar na Rua com uma arma enfiada na boca, com ele na outra ponta da arma segurando a coronha.

Nós continuamos sentados na mesa conversando. Paulão se aproximava e se afastava, trazia algumas cervejas e fazia piadas. Elas me perguntaram o que eu fazia e eu falei sobre a pesquisa. Desta vez a aceitação foi melhor. Giovana disse que se lembrava da pesquisadora Larissa Pelúcio, e que me concederia uma entrevista<sup>16</sup>. Isso animou Raabe, que também disse que aceitaria ser entrevistada por mim. Trocamos telefones, contatos de *facebook*, eu disse que entraria em contato para combinar a entrevista ao sairmos do bar quando Coxinha já o estava fechando.

Após várias tentativas, combinei com Raabe de conversarmos às vinte horas no De Ponta Cabeça Bar, no dia quatro de fevereiro. Quando cheguei ao bar, havia uma travesti aparentemente bem bêbada, sentada em uma cadeira encostada em uma parede. Perguntei se precisava de ajuda, mas ela disse não. Já passava das vinte e uma horas e nem sinal de Raabe. Resolvi ir embora. Ao ir, passei com o carro pelas “ruas de dentro” e encontrei Raabe caminhando. Eu a chamei, ela me disse que já estava indo para o bar, pedi que entrasse no carro para irmos até lá para nossa entrevista. Ela entrou no carro, elogiou minha camisa, disse que eu estava bonito e perguntou se estava daquele jeito só por causa da entrevista. Eu disse que sim, rimos e seguimos para o bar.

Na porta do bar, encontramos a travesti que estava debilitada tentando ir embora. Raabe a conhecia e, quando ofereci ajuda novamente, ela aceitou. Levamos para o carro e seguimos para uma casa onde morava com as outras travestis, uma espécie de pensão da qual aquela travesti mais velha, que não é cafetina, toma conta.

Voltamos. Só havia um rapaz em pé no balcão assistindo televisão. Ofereci para pagar a cerveja enquanto conversávamos e pedi para o Coxinha não ligar a *jukebox* porque, com o barulho, seria impossível a gravação e o volume da televisão já estava alto. Ele atendeu meu pedido.

**[Eu]** *Há quanto tempo você está em São Carlos? Você não é daqui, certo?*

**[Raabe]** *Não.*

**[Eu]** *Está aqui há quanto tempo?*

**[Raabe]** *Dois meses.*

**[Eu]** *Como é que você ficou sabendo sobre São Carlos e por que você veio pra cá?*

**[Raabe]** *Porque eu fui pra Ribeirão e em Ribeirão eu conheci uma amiga e ela me falou da cidade, que a cidade era boa pra ganhar dinheiro e eu vim pra cá.*

**[Eu]** *E é bom pra ganhar dinheiro em São Carlos?*

**[Raabe]** *É.*

**[Eu]** *Melhor que Ribeirão?*

**[Raabe]** *Melhor. Aqui é a melhor cidade da região. A minha cidade é maior que aqui e lá é pior que aqui.*

**[Eu]** *Você é de onde?*

**[Raabe]** *Franca.*

---

<sup>16</sup>Giovana mora há bastante tempo em São Carlos, inclusive bem próxima à Avenida Getúlio Vargas, e, por isso lembra da pesquisa da Larissa Pelúcio, que ocorreu em 2007, sobre o modelo preventivo de AIDS para travestis. Combinei algumas vezes a entrevista com Giovana, mas nunca deu certo. Ela chegou a passar o endereço da sua casa para eu ir até lá em um sábado à tarde, mas precisou sair e não consegui fazer a entrevista. Sempre foi muito educada, simpática e divertida, tivemos muitas conversas informais, mas não consegui gravar uma entrevista com ela.

[Eu] *E assim que você veio já veio pra...*

[Raabe interrompendo] *pra casa lá...*

[Eu] *Isso, pra república que é aqui perto e ela já te falou que era aqui que as meninas ficam e era aqui que as meninas trabalham.*

[Raabe] *É.*

[Eu] *Não tinha outra referência de outro lugar na cidade pra isso?*

[Raabe] *Não. Só me disseram dessa região mesmo.*

[Eu] *Uma coisa que me chama atenção é que aqui pra cima fica mais as travestis e lá perto do posto ficam as mulheres. Pra cá também tem mulher?*

[Raabe] *Ficam algumas.*

[Eu] *E isso é acordado ou não?*

[Raabe] *Ah, é meio que combinado, né? Porque eles olham pra algumas travestis que parecem com mulher e confunde. Porque tem muita travesti que parece com mulher e engana, né? Então aí elas ficam lá pra baixo e eles sabem que aqui pra cima não tem mulher.*

[Eu] *Mas isso é entre vocês que rola esse acordo?*

[Raabe] *Não. Já é meio que natural e aí fica mais fácil, né?*

[Eu] *E tem lugares específicos? Você sempre fica em um lugar ou esquina?*

[Raabe] *Não, não tem disso, não. Mas tem do tempo, né? Se ela já tem mais tempo ali ela fica ali. Cada uma tem que fazer seu ponto, né? Não ficar cada dia em um lugar.*

[Eu] *Entendi.*

[Raabe] *Entendeu? Porque aí é mais fácil se o cliente saiu com você e te pegou ali ele sabe que sempre você vai estar ali. Por exemplo, se eu estou ali e amanhã ele vem e me procura ali vai me achar, mas se eu ficar lá do outro lado como ele vai saber que eu estou lá?*

[Eu] *Entendi. E costuma acontecer sempre isso de clientes recorrentes?*

[Raabe] *Sim, eles sempre procuram.*

A fala de Raabe confirmou as observações sobre a região ser conhecida, de fato, por abrigar a atividade de prostituição. Aliás, a única referência que ela tinha de lugar de prostituição em São Carlos era a região da Avenida Getúlio Vargas. Ela também apontou a divisão da região em pelo menos dois espaços, um onde ficam as mulheres e outro onde ficam as travestis. E ainda, de forma interessante, demonstrou como a fixação em certo ponto ajuda no relacionamento com os clientes.

[Eu] *E essa divisão que eu já ouvi falar se é “dentro”, “atrás”, “pra baixo”, como é isso? Hoje eu vi mais meninas lá “dentro”.*

[Raabe] *Ah, lá pra dentro fica mais meninas do que aqui porque sabe a Giovana?*

[Eu] *Sei.*

[Raabe] *Ela briga às vezes com as meninas.*

[Eu] *E não deixa ficar aqui?*

**[Raabe]** Não é bem isso. É que ela é doida [risos]. Eu fico aqui na frente, na Getúlio Vargas, mas ela às vezes implica e como ela é da cidade a gente que vem de fora não briga.

**[Eu]** Mas você fica.

**[Raabe]** Eu a conheci em Ribeirão. Ela que me chamou.

**[Eu]** Entendi. Mas como é que vocês dividem isso?

**[Raabe]** Ah, a rua de trás é atrás. Aqui é frente [Avenida]. Lá perto da Avenida São Carlos, na rotatória é lá em baixo.

**[Eu]** Entendi. Mas lá em baixo é lá perto do posto de especialidades.

**[Raabe]** Isso. E atrás do posto [de combustível] é o fundo.

**[Eu]** Então é mais ou menos pensado no sentido centro pra cá.

**[Raabe]** Isso. Ou pode começar aqui também [risos].

**[Eu]** E a Avenida vocês chamam de Avenida, GV ou quê?

**[Raabe]** Rua.

**[Eu]** Rua?

**[Raabe]** É. Tudo é rua. Pra fora de casa é rua. Sempre quando vamos sair a gente fala “vamos pra rua”. Aí você vai ouvir “a rua foi bem” ou “a rua não foi bem”, é assim.

A “Rua” é tudo o que existe para fora do ambiente da casa e, para quem a frequenta à noite, parece ser um espaço com disputas e uma gramática própria. Também chama atenção como ela parece ser um espaço “controlado”. Controlado no sentido que se tem uma abstração da região toda como se tudo fosse bem próximo, por isso a região é dividida em “frente”, “atrás”, “dentro”, “fundo”, “baixo”. No meu entender, tais categorias denotam uma visão espacial abrangente e próxima de todas as subdivisões da região.

Quando pergunto sobre a relação delas com a cidade, ela afirma que sente o preconceito e algumas dificuldades, mas parece não querer falar sobre isso, diz que “nem liga” para as pessoas que a olham feio e quando digo que uma parte conservadora da cidade não gosta da atividade de prostituição, ela ataca a hipocrisia.

**[Eu]** A cidade diz que não gosta disso. Eu me lembro que eu costumava jogar futebol com um rapaz que era candidato a vereador e ele dizia que um dos projetos dele, se ele fosse eleito, era de proibir prostituição em lugares públicos da cidade...

**[Raabe interrompendo]** O quê? Não gosta? Vem de monte aqui e ainda pra dar o cu! [risos] Olha eu nunca vi cidade com tanto viado igual São Carlos. Já tive em São Paulo, Franca, Ribeirão, mas cidade igual São Carlos não tem. E vem falar que não gosta de travesti? A maioria que vem é pra dar.

**[Eu]** Entendi. [risos]

**[Raabe]** E novinho, viu? Não é só velho, não.

**[Eu]** Bem jovens?

**[Raabe]** Ah, meninos de quatorze ou quinze anos já tá vindo pra cá. Hoje em dia não tem mais isso de homem e hétero, não tem mais isso,

*vem aqui e faz tudo. Aparece mulher também, mas é pouco, às vezes casal. Às vezes vem só conversar. Eu não ligo [...]*

**Figura 2** – Charlotte Bittencout, Raabe e Irma curtindo a noite no De Ponta Cabeça Bar



**Fonte:** Elaboração própria.

A conversa seguiu e Raabe confirmou algumas das minhas observações sobre o horário da movimentação na região da Avenida Getúlio Vargas.

**[Eu]** *Vocês geralmente começam vir pra rua que horário?*

**[Raabe]** *Quando escurece.*

**[Eu]** *Escureceu aí sai pra rua?*

**[Raabe]** *Noite caiu, coloriu.*

**[Eu]** *E aí ficam até que hora?*

**[Raabe]** *Normalmente até umas duas horas, mas varia muito, tem quem vira dia direto, igual àquela menina que tava aqui que levamos embora, ela tá virada.*

Como bem observado por Pelúcio (2009), a noite, além de temporal, pode ser entendida como categoria espacial e simbólica. Ligada à noite, à boemia, aos prazeres e à

prostituição, a “rua” seduz. É a noite na “rua” que as mulheres e travestis testam o sucesso de seus esforços de transformação do corpo, “dando close” – exibindo-se e esnobando as outras. À noite elas namoram, encontram e fazem amigas, compram roupas, aprendem técnicas corporais importantes, além, é claro, de ganharem o seu “acué” (dinheiro).

Terminamos a entrevista com ela me dizendo que, para esse trabalho que estava fazendo, seria bom eu conversar com Maria Madalena.

### 1.3 A “Rua”

Segundo Raabe, Maria Madalena tem 59 anos, “mas não parece. Cê fala que ela tem no máximo 40!” e que está em São Carlos já há um bom tempo e poderá me ajudar. Raabe se dispôs a me apresentar a Maria Madalena, “Vamos descer lá, ela fica aqui na esquina de baixo”, disse ela se agarrando ao meu braço enquanto descíamos a “rua” Avenida Getúlio Vargas. “Vamos abraçados pra eu te apresentar como meu namorado, só pra fazer inveja pra ela”. Nós rimos e seguimos abraçados até a esquina em que Maria Madalena costumava ficar. Quando chegamos à esquina, Maria Madalena estava entrando em um carro para um programa e Raabe me disse para eu voltar dentro de alguns minutos para eu falar com ela. Foi o que fiz, deixei Raabe na esquina e voltei para o bar para esperar o tempo de voltar.

Voltei caminhando até a esquina e Raabe me apresentou não como seu namorado, mas como pesquisador, e Maria Madalena, muito solícita e simpática, se dispôs a ser entrevistada, dizendo que já deu algumas entrevistas para pesquisadores e repórteres. Ela é alta e bonita, de fato, não aparenta a idade e começou a falar antes mesmo de eu ligar o gravador. Conversamos por pouco mais de uma hora na esquina da Avenida Getúlio Vargas com a Rua Dr. Joaquim Inácio de Moraes.

**[Eu]** *Você é de Santa Catarina. Faz quanto tempo que você está em São Carlos?*

**[Maria Madalena]** *Deixa eu ver. [pausa] Quinze anos. Mas aqui de noite eu sou uma coisa, durante o dia eu sou uma mulher séria, entendeu?*

**[Eu]** *Sim.*

**[Maria Madalena]** *Não misturo as coisas. Não sou mais novinha, não tenho dezoito, nem tenho trinta. Eu tenho cinco nove. Sou vovó. Sou a vovó das meninas. [...] Mas a prostituição é uma vida muito difícil, é uma vida muito louca. Se você fosse em uma casa de uma cafetina e começasse a viver o dia a dia, se você peneirar, se passar na peneira. Porque as travestis elas usam o corpo, ficam à noite transando e [barulho de carro na rua impede de que eu a ouça direito],*

*elas não procuram usar a massa encefálica pra alguma coisa, entendeu? Elas não vivem uma vida social. Elas vivem a vida da noite e acabou. Hoje em dia a vida social das travestis é a internet. Fica lá na internet, mas fazendo o quê? Falando besteira. Que tamanho é a neca [pênis] do fulano, que tamanho que é não o sei o quê. É assim.*

**[Eu]** *Entendi.*

**[Maria Madalena]** *Não é aquele papo agradável, sabe? Então eu queria, quando eu tava no grupo, que participava de um grupo daqui, eu queria que elas tivesse outra cabeça. [...]*

**[Eu]** *Mas você estava falando de como chegou em São Carlos.*

**[Maria Madalena]** *Ah, é que eu tinha casa em Santos e o quê acontece? Se você tem casa você tem que brigar todos os dias. E a maioria usa drogas e você encontrava de tudo e fora as brigas das outras travestis. E aí como eu fazia corpos muito bonitos, os corpos mais bonitos do Brasil eu que ajudei a bombar [colocar silicone], a fabricar, aí começou a vir rixa. Não queriam mais que eu tinha casa e tal e aí como eu acreditava no mundo espiritual e ainda acredito, acredito em Deus e acabou. Então vinha bilhetinho em baixo da minha porta “amanhã você vai morrer”, mas eu não sabia quem que era. Porque as pessoas que eu ajudei e que hoje estão todas bonitas me traíram. Então eu pensei, vou pro interior pra conhecer.*

**[Eu]** *Aí você veio pra São Carlos?*

**[Maria Madalena]** *Antes disso eu fui pro Rio primeiro, fiquei cinco anos em Copacabana. Eu fazia um trabalho de cuidadora lá, eu cuidava de um senhor lá rico, mas depois que ele morreu eu vim embora. Eu ganhava bem, morava em Copacabana, mas o senhor morreu e eu voltei pra São Vicente e tava aquela coisa ainda e aí vim pra São Carlos. E amei ficar aqui.*

**[Eu]** *Mas você não conhecia ninguém aqui?*

**[Maria Madalena]** *Conhecia todo mundo. As pessoas que moravam na minha casa lá. E quando me viram não acreditaram, ficaram apavoradas. Porque eu sou muito enérgica, não sou de lambeção, se você fez tem que pagar. Aqui mesmo quando eu cheguei aqui, um carro me pegou aqui e me levou pra Água Fria, lá tinha seis me esperando. Elas pagaram pra eles, mas eles pegaram o dinheiro que elas pagaram e deram pra mim e eu saí com todos eles. Então eu comecei a ver a máfia delas e eram pessoas que morou comigo que eu ajudei. Então, o mundo da prostituição é muito doido, é muito complicado.*

A fala de Maria Madalena mostra que “o mundo da prostituição” tem suas regras, códigos de condutas e gramáticas próprias. Os conflitos são constantes e em função disso o deslocamento espacial também.

**[Eu]** *Mas você estava falando que veio pra cá e não tinha cafetina.*

**[Maria Madalena]** *Quando eu vim pra cá a Beth lá do Jockey abriu uma casa lá na Rua Araguaia [Bairro Jockey Clube]. Nessa época, eu me lembro nesse posto [de combustível] Bandeira aqui, gente do céu!*

*Umás dez vieram. Umás que moraram aqui e que estavam muito doidas, elas rebaixavam muito as outras travestis e aí as travestis pegaram, travesti que veio do Rio de Janeiro, que morou comigo lá que era tudo, sabe, tudo quietinha, santinha, começando e tal, mas quando virou cafetina virou um bicho, virou um monstro, desceram essa rua aqui e elas estavam tudo na rua, mas eu não tinha vindo porque eu tava com enxaqueca, eu tenho enxaqueca, e aí ligaram em casa, e disseram a Beth levou sorte porque a gente ia tacar fogo na casa e não vamos fazer isso em respeito a você porque todo mundo morou comigo. Mas aí vieram aqui e foi um quebra pau, mas um quebra pau que detonaram todo mundo, foi uma guerra! E depois a Cláudia e a Bia abriram uma casa aqui pra cima. E aí depois dessa história toda surgiu um cafetão que dominava todo mundo, o Rodrigo, mas depois deu um outro rolo e aí foi quando a Bardan entrou no meio. Você conhece a Bardan?*

**[Eu]** Não.

**[Maria Madalena]** *Ela é a mais antiga das donas. Aí ela começou a ter costas quentes por causa do dinheiro e deram não sei quantos tiros nesse Rodrigo. E aí depois de tudo isso quando a Vera veio e falaram pra ela, olha o negócio é complicado, dá trabalho, é só problema, mas tem que ter uma casa pra quê? Pra ficar certo, sabe? Tem que ter a casa porque se não tem vem qualquer pessoa de qualquer lugar você tem que brigar pelo seu espaço.*

*[chega mais uma travesti e nos cumprimenta]*

**[Maria Madalena]** *Então é muita guerra. Então a cafetina é bom pra isso. Mas todas ficam olhando só pro dinheiro dela, aí não sei se você viu pra fora, Ribeirão Preto que mataram duas cafetinas, toda cidade tem, então é muito briga entre elas. Então elas matam e aquela uma que mora com você começa a criar asas, criar asas e começa ver como é que é a coisa e começa querer ficar no seu lugar, entendeu? É isso o mundo da prostituição. É muito complicado, se você for conviver no mundo GLS eu acho que são poucas coisas que salvam.*

**[Eu]** *Depois dessa guerra como foi?*

**[Maria Madalena]** *Depois dessa guerra todinha aí duas abriu casa e teve um rolo todo e teve outra guerra, mas eu morava aqui no centro e eu fiquei fora disso. E isso aí eu não gosto nem de comentar, sabe? São águas passadas e eu não gosto de lembrar dessas coisas.*

**[Eu]** *Aí a Vera abriu a casa?*

**[Maria Madalena]** *Abriu a casa e pronto. Só o que acontece? É bicha que rouba na rua e batem na porta dela, é muito complicado. É dívida de droga que vão cobrar lá, então é muito complicado.*

**[Eu]** *Mas aí se a pessoa abre uma casa todo mundo respeita*

**[Maria Madalena]** *Existe a casa da Vê e existe a Jezabel. Mulher mora com a Jezabel e quem chega respeita porque ela é mais antiga, mas outras não gostam, entendeu? As travestis mora tudo com a Vera.*

Maria Madalena deixa claro como os conflitos foram recorrentes e violentos para a consolidação do novo espaço e como a figura de uma cafetina ajuda a equalizar e, de certa forma, apaziguar e amenizar os conflitos.



**[Eu]** *E como é que fica essa divisão de quem fica na Avenida, quem fica na rua de trás?*

**[Maria Madalena]** *Só quando acontece essas brigas entre elas. Eu fico lá e você fica aqui, aquela coisa toda. Mas elas podem ir pra lá, podem ficar aqui, podem ficar no postinho, depois das 22h eu fico no postinho. Na rua de trás elas ficam mais porque é mais escuro, elas podem trabalhar nua. Porque não vai ficar nua aqui, né?*

**[Eu]** *Se ficar aqui tem algum problema?*

**[Maria Madalena]** *Uma que eu começo a implicar, né? Se quiser ficar nua fica lá atrás, porque lá é mais deserto. E aqui passa gente direto, é muita família. A questão que eles vão olhar, vão xingar ou falar alguma coisa, né? Teve uma época que era frio de doer a pele e elas andavam peladas aqui e isso é humilhação, não é?*

**[Eu]** *E dia de chuva como é que faz?*

**[Maria Madalena]** *Não tá nem aí. Dá uma cheirada e vem. Puta é igual artista [risos] o povo olha acha que nunca tá doente, pode tá chovendo pedra e vem tudo aqui. E eles ainda passam de carro e gritam “tá frio aí fora? Tá chovendo?” É complicado. Pra você ficar em uma esquina, você tem que ser uma travesti, eu sempre falei, a travesti é mais macho que qualquer homem desse mundo. Tem que dar a cara pra bater, aguentar ser da maneira que é.*

A divisão da “Rua” não se dava somente entre mulheres e travestis, mas também entre as mais velhas, que eram da cidade, e as mais novas que vinham de fora e moravam na casa de Vera e Jezabel, e ainda havia a divisão entre as que queriam trabalhar nuas ou com pouquíssima roupa e as que trabalhavam vestidas. As mais velhas e que eram da cidade, tanto travestis como mulheres, possuíam certa liberdade de transitar pelos espaços, e não pagavam a diária da “Rua”. As que vinham de fora e moravam nas casas das cafetinas afirmam que não havia uma restrição formal que limitava os espaços, mas respeitavam um acordo tácito, fechado antes da chegada delas na cidade, sobre os espaços de trânsito. E também no que dizia respeito a trabalhar nuas ou com pouca roupa, de ocupar as ruas de “dentro” e de “trás”.

Enquanto conversava com Maria Madalena, foram chegando mais duas travestis, além de Raabe, que já estava conosco, e também duas mulheres, prostitutas de São Carlos; ou que já estavam a um tempo considerável na cidade e não moravam na casa de Jezabel. Isso lhes possibilitava transitar por toda região e não só na parte de “baixo” da “Rua” como as meninas de Jezabel. Tentei falar com elas, mas elas não ficaram por muito tempo na esquina conosco. Contudo, foi o tempo suficiente para estabelecer um primeiro contato e para Séverine me dizer cantando um funk que prostituta não é puta, contrariando o que Marta e Dalila me disseram no De Ponta Cabeça Bar.

Segundo Séverine, prostituta é profissão, é trabalho, é algo que se faz por necessidade, para “se virar”, como ela diz, para ganhar o pão de cada dia; já puta é a mulher mau caráter, a que não tem vergonha na cara, que trai e engana. Ela me disse isso após cantar o funk de sua autoria intitulado “Prostituta não é puta”:

Falam mal das prostitutas e é tudo pura inveja  
 Prostituta não é puta, prostituta presta.  
 Porque o que ela faz é por necessidade  
 E também por autoestima, mas fala a verdade.

Putta é aquela que deseja o seu homem  
 Que se faz de sua amiga pra depois de dar o bote  
 Não precisa de dinheiro, só quer furar teu olho.  
 Te tira de otária e você não dá o troco?

Maria Madalena Jesus perdoou  
 Porque tinha papo reto e ainda o aceitou  
 Se a puta tava gorda cê que nem falou  
 Merece seu desprezo, pois não valem um cocô.

Putta safada cria vergonha na cara  
 O que você faz hoje amanhã tem volta  
 Mulher que é mulher não faz esse papel  
 E quer o meu conselho? Vá pro bordel.

Fiquei por um tempo conversando com as meninas na “Rua”. Aos poucos, uma a uma se dirige a outros pontos ou sai para realizar um programa. Minha presença não inibiu os carros de pararem e combinar os programas. Resolvi ir embora quando só restaram duas travestis na esquina; uma entrou em um carro para um programa e a outra disse que iria para “baixo” na “Rua”, que era onde costumava ficar naquele horário. Já era tarde.

**Figura 3** – Maria Madalena, Eu e Charlotte em uma esquina da “Rua” Avenida Getúlio Vargas.



**Fonte:** Elaboração própria.

Após esses contatos e essas conversas reveladoras com as travestis acerca da “rua”, ainda estava interessado em saber a relação das mulheres prostitutas com a “rua”. E, em uma noite insuportavelmente quente, consegui de maneira inusitada um bom contato com uma mulher.

Cheguei ao de Ponta Cabeça Bar por volta das vinte e uma horas e trinta minutos. Minha intenção era ver o jogo de futebol pela televisão com o Coxinha, caso não acontecesse mais nada de interessante na noite. Não havia ninguém no bar e fiquei no balcão bebendo coca-cola, comendo amendoim e conversando com o Coxinha, enquanto víamos um jogo

(ruim) do Santos. Um sujeito engraçado que falava em gíria o tempo todo entrou no bar. Também ficou no balcão bebendo sua cerveja e vendo o jogo. Falamos de futebol.

Não havia terminado o primeiro tempo do jogo quando Paulão entrou no bar falando alto e nos cumprimentando efusivamente. Ele se lembrava de mim e de meu nome. O sujeito engraçado que estava no bar fez questão que Paulão bebesse com ele, e após dois copos de cerveja, comentando sobre o dia de trabalho, Paulão perguntou se o carro parado em frente ao bar era meu. Respondi que sim. Não havia deixado o carro em frente ao bar desde o começo da pesquisa de campo por julgar ser mais seguro, mas naquela noite, não sei por que cargas d'água, deixei o carro ali. Ele me pediu para levá-lo à farmácia mais próxima para que ele comprasse um analgésico, pois estava com muita dor nas costas. Eu disse que o levaria mesmo receoso, pois me lembrava das meninas me dizerem que ele era “uó”, e saber que era envolvido com atividades ilícitas.

Paguei a coca-cola e o amendoim para o Coxinha e fomos procurar uma farmácia aberta àquela hora. Tentei os bairros mais próximos, mas sem sucesso, e seguimos então para a Avenida São Carlos, no centro, onde farmácias que ficam abertas vinte e quatro horas se localizam. No caminho, Paulão perguntou sobre meu trabalho, me contou suas aventuras sexuais com gays e travestis, da sua saudade da irmã que faleceu, sua crença no espiritismo e também de suas atividades ilícitas e seu envolvimento com drogas. Segundo ele, os representantes do PCC<sup>17</sup> em São Carlos o respeitam bastante por suas atividades desenvolvidas de maneira exemplar em parceria com eles.

Quando saímos da farmácia, uma viatura da polícia passou por nós na Avenida São Carlos, e ele me pediu que virasse na Rua Geminiano Costa para que não ficássemos no “rastros da polícia”. Saímos da Rua Geminiano Costa e pegamos a Avenida Comendador Alfredo Maffei, seguindo até o final dela em direção ao bairro Castelo Branco. Nesse bairro, subimos a Avenida Germano Fehr Jr. Todo esse trajeto foi orientado por ele porque me disse que iria me “mostrar onde ficam as bichas peladas”. Depois de andarmos mais um pouco, chegamos a uma rotatória da Avenida Getúlio Vargas novamente e rumamos para as ruas paralelas, ou melhor, as “ruas de dentro e de trás”. Segundo Paulão, por ser dia de pagamento “só tá na rua viado ruim, as boas estão trabalhando”, mas, ao virar uma das ruas, encontramos duas travestis e uma mulher, as três já conhecidas por mi.: Iara, Marta (as duas travestis) e Raquel, uma das prostitutas que parou um tempo na esquina na noite em que conversava com Maria Madalena. Elas perguntaram se eu iria para o bar, me pediram uma carona e eu as levei.

---

<sup>17</sup> Primeiro Comando da Capital (PCC) é uma organização criminosa paulista.

Parei em frente ao bar e saíram todos rapidamente do carro. O bar estava com um relativo movimento e as meninas, como de costume, pegaram cerveja, colocaram música na *jukebox* e dançaram. Paulão, sorridente, pagou algumas cervejas para elas, ficou um pouco no bar, quis me retribuir o favor de alguma forma, me pagando uma cerveja ou algo no bar, mas eu disse que não era necessário. Ele agradeceu mais uma vez e foi embora.

Fiquei sentado no balcão e Raquel espontaneamente veio conversar comigo. Ela disse que achava bacana meu trabalho e que, quando trabalhava em boate, conheceu umas meninas da UFSCar que também faziam pesquisa, e começamos a conversar amigavelmente. Ela me disse que é do Paraná, mas que mudou com a mãe para Taquaritinga quando tinha dez anos e lá se casou muito jovem. Sua irmã trabalhava na noite em São Carlos, mas a mãe delas não sabia e, após dez anos de casamento, pediu o divórcio, veio para São Carlos trabalhar com a irmã na noite também, e está em São Carlos já tem vinte anos.

Quando perguntei o que era melhor, se “rua” ou boate, ela não titubeou, disse que a “rua” é melhor que boate, pois se tem mais liberdade e é possível fazer as amizades. E ainda me explicou porque tive dificuldades para falar com as mulheres. Segundo Raquel, “as meninas lá de baixo não dão muita confiança e não ficam de papo porque pagam para a cafetina. Se a Jezabel passa e vê elas de papo fica ruim pra elas”.

Sobre São Carlos ela diz

*Eu gosto de São Carlos. Aqui é bom pra ganhar dinheiro. Comprei minha casa aqui, lá no [bairro] Santa Maria, é bom morar lá. Assim, eu quase não fico lá, né? Durmo o dia todo e à noite venho pra cá, às vezes eu vou pro centro ali no Mercadão. Durante o dia rola programa ali também.*

Terminamos o papo com ela me passando seu número de telefone e pedindo para que eu ligasse para ela para conversarmos mais.

E foi exatamente o que fiz, liguei para ela logo após o horário de almoço e ela atendeu muito simpática, dizendo que, se eu quisesse poderia ir até ela para conversarmos um pouco mais. Ela estava sentada em uma mureta de um canteiro em frente ao Mercado Municipal e logo quando eu cheguei pedi desculpas por que em pouco tempo uma amiga dela iria chegar e iriam sair para um programa. Disse que não havia problema em conversarmos um pouco.

**[Raquel]** *Tinha bastante boate ali na Getúlio Vargas, agora tem poucas. Deve ter uma ou duas.*

**[Eu]** *Tem aquela uma atrás do SAAE e tem aquela outra lá atrás do posto, né?*

**[Raquel]** *É. Antes tinha cinco só ali na avenida.*

**[Eu]** *E você trabalhava nas boates ali da Avenida?*

**[Raquel]** *Trabalhei em todas. Todas aqui de São Carlos. Sou mais conhecida que nota de um real aqui, André [risos].*

**[Eu]** *Aí você começou a ir pra rua depois?*

**[Raquel]** *Ah, eu ia pra rua e ia pra boate. Eu fazia as duas coisas.*

**[Eu]** *Mas parou com boate.*

**[Raquel]** *Trabalhar em boate hoje tá ruim, André.*

**[Eu]** *Por que?*

**[Raquel]** *Não dá movimento, não dá dinheiro. Antigamente dava dinheiro, hoje não dá mais não.*

**[Eu]** *Entendi. Bem ruim?*

**[Raquel]** *Arram.*

**[Eu]** *E na rua é melhor?*

**[Raquel]** *Na rua é melhor. Fica mais à vontade, né, André? Cê tem liberdade pra tudo. A hora que eu quiser ir embora eu vou, não tenho que pagar nada pra ninguém. Não tenho que nada. Sabe as meninas que pagam pra cafetina? Elas tem que trabalhar, ela podem até ir pro barzinho e tudo só que elas tem os compromissos dela e elas tem que honrar esse compromisso, né? Igual a gente na boate, entendeu?*

**[Eu]** *Entendi.*

**[Raquel]** *A gente tem que honrar o nosso compromisso senão paga multa.*

**[Eu]** *E é muito caro o que paga pra cafetina?*

**[Raquel]** *Elas pagam cinquenta reais pra trabalhar. Cinquenta reais por noite. E se ficar em barzinho de papo ela cobra cem pau. Então tem que trabalhar. Elas moram na casa da Jezabel que fica lá no [bairro] Estância Suíça e aí a Jezabel leva elas de carro pra Getúlio Vargas. E fica zanzando pra lá e pra cá com Eco Esporte dela ela e a mulher dela. Fica fiscalizando as meninas pra ver se elas estão trabalhando direitinho. Porque as meninas ficam lá na casa dela, comem, bebem, dormem, então ela fiscaliza. O dia delas ficar de boa é final de semana. Eu como tô aqui há 20 anos eu não pago nada, só paga as meninas de fora. Mas São Carlos é acolhedora e quem vem pra cá não quer embora. Você não viu aquela, é...ela não é daqui, ela não é brasileira...a...*

**[Eu]** *Peruana? [referência a uma travesti peruana que estava no bar conosco outra noite]*

**[Raquel]** *É! Peruana. Ela veio só dar um rolê e depois ir embora e já vai ficar direto, vai alugar uma casa, já está atrás de casa. Tô ajeitando um apartamento pra ela da minha amiga e ela não vai mais embora, não. Todo mundo que vem pra cá aluga casa, tem umas par dela que aluga casa. Porque aqui é bom pra trabalhar, é bom pra ganhar dinheiro.*

**[Eu]** *Entendi.*

**[Raquel]** *E a rua é bom por isso, cê tem liberdade, cê ganha dinheiro, cê se diverte, faz amizade, faz tudo. Me diverti pra caralho ontem, fui embora travada [risos] e eu tinha que sair hoje cedo pra resolver*

*umas coisas. Nossa! Nove horas hoje já tava de pé, já andei um monte, fui até lá perto do bar lá. Fui no CEME [Centro Municipal de Especialidades em Saúde], lá no postinho, lá. E aí eu voltei e parei aqui pra conversar com minha amiga, mas daqui a pouco vou embora, acho que vou voltar amanhã de manhã.*

**[Eu]** *Você falou que veio pra São Carlos e começou trabalhar em casas lá na Getúlio Vargas mesmo. Começou lá e aí começou a fazer amizades com o pessoal da rua e foi pra rua.*

**[Raquel]** *É, porque o pessoal da rua eu já conhecia. Na verdade eu já tinha amizade com o pessoal da rua. Eles passavam em frente as boates, às vezes entravam e aí comecei ir pra rua, fazer amizade. Nós nos encontrávamos ali no posto, entendeu?*

**[Eu]** *Entendi.*

**[Raquel]** *Aquele posto BR ali era o fervo, era o nosso fervo ali.*

**[Eu]** *Ali que juntava?*

**[Raquel]** *É, ali que juntava.*

**[Eu]** *Mas agora não pega mais nada ali.*

**[Raquel]** *Não pega porque não pode mais ficar lá, né? Não pode ficar muito movimento ali. Ali era o point nosso. Mas aí começou juntar muito negócio de droga e tal, né? Som alto, né? Aí parou. A polícia começou a pegar geral direto lá aí parou. E aí o dono do posto já não quis mais que ninguém ficasse ali. Às vezes a gente vai toma uma cervejinha e fica lá, mas se começa muito movimento o gerente ou o dono do posto já liga e já chama os homens [polícia] e aí já esparrama todo mundo.*

É notável como Raquel é enfática ao preterir as boates à “rua”, e também o apreço por São Carlos, sobretudo no que diz respeito às oportunidades de trabalho. Outra coisa interessante é a mobilidade dos lugares de encontro para o “fervo”, o posto de combustível já foi algo parecido com o que hoje é o De Ponta Cabeça Bar. E também ficou mais claro porque tive tantas dificuldades para falar com as mulheres e porque raramente eu observava prostitutas no bar. Onde o bar está localizado é território em que a presença predominante é de travestis e, de uma forma não muito clara, a “rua” foi dividida entre essas regiões para ocupação de mulheres e travestis, e assim permanece.

**[Raquel]** *E agora ninguém sobe e ninguém desce. E se chegar menina de fora assim que ninguém conhece e vai querer ficar lá, a Jezabel já corre atrás pra ver quem é. E já fala, ó se vai trabalhar aqui e se a menina falar “ah, eu não vou pagar”, nossa! Uma vez pegaram uma menina e quase mataram ela de tanto bater porque ela disse que não iria pagar porque a rua era pública. Chegou a chamar polícia tudo e a polícia não resolveu e menina teve que ir embora.*

Fica claro que o contexto possui suas convenções internas, consolidadas com o passar dos anos, e que paga um preço alto quem as desafia.

Nós encerramos a conversa quando a amiga dela chegou e Raquel precisou ir, mas o contato foi mantido. Nos vimos outras vezes no bar à noite e conversamos outras coisas. Trivialidades sobre como estava o tempo, de um cliente com o carro quebrado no motel e também do preconceito e da violência que sofre trabalhando “na noite”, como ela diz. Às vezes eu até dava carona para ela quando ela decidia que iria embora “cedo” (por volta de uma e meia da manhã, quando Coxinha começava a recolher as cadeiras do bar), pois ela mora em um bairro próximo à Rodovia Washington Luís e não me incomodava deixá-la em sua casa ao ir para Araraquara.

#### **1.4 Novamente Avenida Getúlio Vargas em preto e branco**

O colorido da noite começa a descansar suas cores e a “rua” volta a ser Avenida Getúlio Vargas com seus estabelecimentos comerciais. Ao nascer do sol, por volta das seis e meia da manhã, já é possível ver alguns carros, ônibus e pessoas caminhando pela Avenida. Em sua grande maioria, trabalhadores formais indo mais ou menos apressados para seus respectivos empregos com rostos ainda amassados, com sono ou já nervosos com o trânsito.

A região da Avenida Getúlio Vargas, no período diurno, mantém pouca ou nenhuma relação com a mesma região no período noturno. São duas faces que praticamente não se olham, mas a estruturação de uma – a construção e pavimentação da Avenida Getúlio Vargas e a ocupação majoritariamente comercial da mesma – contribuiu para o surgimento da outra, como será apresentado no próximo capítulo. Recentemente (menos de trinta anos), a atividade de prostituição que acontecia em outra região da cidade buscou um novo espaço, e encontrou na região da Avenida Getúlio Vargas um bom lugar. Esse lugar foi consolidado sob vários conflitos e disputas internas e também, posso dizer, com certa aprovação, pelo menos de uma parcela da população são-carlense, pois como é dito, “São Carlos é boa pra ganhar dinheiro”. O dono do De Ponta Cabeça Bar achava, inclusive, que ficaria rico em função do movimento noturno observado, ainda que à revelia de uma parcela conservadora que não aprova.

Os conflitos e as disputas internas da região que é chamada de “rua” por aquelas que a ocupam no período noturno acabaram por gerar abstrações compreensivas da região (“frente”, “dentro”, “atrás”, “baixo” e “fundo”) e divisões entre território de mulheres e território de travestis. E no território de travestis geram-se divisões entre as que optam por trabalhar nuas ou vestidas e ainda entre as mais velhas (acima dos trinta anos) e as mais novas.



As apropriações das mulheres e travestis dos espaços serão discutidas no capítulo três. A seguir exponho a etnografia realizada durante o dia na Avenida Getúlio Vargas e seus arredores.

## 2. UMA AVENIDA CHAMADA GETÚLIO VARGAS

*“A cidade é uma estranha senhora  
Que hoje sorri e amanhã te devora”<sup>18</sup>*

### 2.1 Hoje de manhã

A Praça Itália é uma espécie de complexo viário com uma rotatória principal que liga o início da Avenida São Carlos e o início da Avenida Getúlio Vargas. Essa última é uma das principais vias de acesso da Rodovia Washington Luís a São Carlos. Nesse início, ainda na Praça Itália, já é predominante a atividade comercial no local. Se percorrermos a Avenida Getúlio Vargas, não será necessário muito esforço para notar que é basicamente um corredor comercial.

Com aproximadamente três quilômetros de extensão, a Avenida compreende duas vias de mão única paralelas (uma em direção à cidade e outra à Rodovia) dividida por um pequeno canteiro com grama e palmeiras. A Avenida abriga postos de combustíveis, lojas de materiais para construção, bares, lanchonetes, restaurantes, hotéis, lojas de peças e de serviços para automóveis, concessionárias (nacionais e estrangeiras) de carros, um ambulatório médico, um ginásio de esportes e uma autarquia municipal – SAAE São Carlos<sup>19</sup> -, um salão para eventos e pequenas indústrias.

Por ser extensa, a Avenida Getúlio Vargas conecta vários bairros. Como já dito, ao iniciar na Praça Itália, faz ligação entre Centro e Vila Luftalla e mais à frente faz intersecções entre Vila Irene, Vila Isabel, Jardim São Paulo, Vila Alpes, Parque São José, Recreio São Judas Tadeu e Jardim Maracanã. Na altura de dois quilômetros, uma rotatória dá acesso ao Distrito Industrial Miguel Abdelnur e aos bairros Jardim Nova São Carlos, Castelo Branco e Azulville. E, ao atravessar a Rodovia Washington Luís chega ao Jardim Novo Horizonte.

Nas ruas transversais e paralelas (sobretudo, na altura do Parque São José, Jardim São Paulo, Recreio São Judas Tadeu e Jardim Maracanã) à Avenida Getúlio Vargas, também é predominante a atividade comercial e industrial, fazendo com que a região seja conhecida por essas atividades e também determinando um horário médio de movimentação, o qual gira em torno do horário comercial, das sete da manhã às seis da tarde.

---

<sup>18</sup> “A cidade ideal” (Enriquez; Bardotti; Chico Buarque) – Os Saltimbancos - 1977.

<sup>19</sup> Serviço Autônomo de Água e Esgoto de São Carlos.

Por volta das seis horas e trinta minutos já é possível ver alguns carros, ônibus e pessoas caminhando pela Avenida. Em sua grande maioria trabalhadores formais indo mais ou menos apressados para seus respectivos empregos com rostos ainda amassados, com sono ou já nervosos com o trânsito. Perto das oito horas, o movimento se intensifica. As lojas começam a abrir suas portas, o número de carros, ônibus, caminhões e pessoas aumenta. É constante o movimento de automóveis entrando e saindo da cidade por meio da Avenida e rapidamente a urgência da vida na cidade elimina o silêncio e faz com que esse quadro aparente pareça ser único. Talvez o único que importe no momento.

Entre nove horas e onze horas e trinta minutos, o movimento diminui um pouco, mas, perto das doze horas, se intensifica novamente. É hora do almoço. O fluxo de pessoas chegando e saindo é constante. Os que trabalham por ali estão indo para casa ou para os restaurantes próximos, e há quem aproveite o intervalo para buscar os serviços oferecidos na Avenida, em sua maioria de automóveis.

**Figura 4** - Fragmento do mapa da cidade de São Carlos (região da Avenida Getúlio Vargas).

Em azul: Avenida São Carlos; Amarelo: Avenida Getúlio Vargas; Vermelho: Rodovia Washington Luís (No encontro entre Avenida São Carlos e Avenida Getúlio Vargas em verde: Praça Itália).



**Fonte:** Disponível em: <<http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/conheca-sao-carlos/153923-mapa-da-cidade.html>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

Às quatorze horas, o movimento volta ao normal e se mantém assim até às dezessete horas e trinta minutos, mais ou menos. Nesse horário, os pontos de ônibus da Avenida estão praticamente todos cheios de pessoas à espera da condução que as levará para casa, faculdade

ou qualquer outro destino que não o trabalho. Perto das dezoito horas, há uma inversão do que foi visto quase há doze horas. Pessoas apressadas, cansadas, se despedindo da Avenida Getúlio Vargas. Alguns exibem um sorriso de dever cumprido ou coisa que o valha.

As portas das lojas e empresas vão se fechando praticamente junto com o por do sol. Salvo raras exceções, tudo fecha na Avenida Getúlio Vargas quando escurece. O que não significa necessariamente que todas as atividades exercidas ali se encerram. Ao cair da noite, como já visto, outras atividades se instalam na Avenida e seus arredores.

## **2.2 Ontem (de manhã, à tarde e à noite)**

Contudo, essa configuração é recente. Aliás, mais recente do que eu pensava. Quando iniciei a pesquisa sobre a ocupação da Avenida Getúlio Vargas por prostituição, sempre que tinha oportunidade de encontrar com algum morador de São Carlos eu lançava a pergunta: “desde quando a Avenida Getúlio Vargas é território de prostituição?” e a resposta que eu recebia invariavelmente era: “desde sempre”.

Curiosamente<sup>20</sup> meu pai (Seu Luiz) morou na Vila Isabel do fim dos anos de 1950 até meados da década de 1970. Quando perguntei se durante o período que ele morava naquela região já existia a atividade de prostituição, a resposta foi um “não” acompanhado de um olhar de “é evidente que não”. Uma clareza sobre a vida advinda de um conhecimento prático que só quem já chegou aos setenta anos possui. Logo de início não me ative ao fato de ter uma fonte poderosa com um laço de parentesco tão próximo. Um erro que foi reparado um tempo depois. Falarei sobre isso mais a frente.

Segundo Ary Pinto das Neves (2007a), o centro urbano de São Carlos foi constituído em 1857 (ano oficial da criação do Distrito de São Carlos do Pinhal). Um ano antes, em 1856, Antônio Carlos de Arruda Botelho, fundador da cidade de São Carlos, realizou o primeiro traçado urbano da cidade. A Rua São Carlos (atual Avenida São Carlos) foi concebida como um eixo norte-sul e traçada sobre uma grande colina junto ao enquadramento do pátio da capela. As outras ruas foram abertas em função desse eixo, paralelas e perpendiculares, nos sentidos norte-sul e leste-oeste.

Neves (2007) afirma que em 1889, é implantada a Vila Nery, em 1891, a Vila Isabel e Vila Pureza, em 1893, a Vila Prado e, em 1920, a Vila Marcelino. Até 1920, a cidade era composta então pelo centro urbano e esses bairros periféricos. Após 1920 se dá outro

---

<sup>20</sup> O fato é curioso, pois em nenhum momento a escolha do tema e local de trabalho foi consciente ou em função de laços familiares.

momento de expansão e implantação de ruas e lotes em São Carlos. Mas, por hora, convém voltar os olhos para esse período de 1889 a 1920, uma vez que nos interessa a região da Avenida Getúlio Vargas, ou seja, a região da Vila Isabel e da Vila Marcelino.

A Vila Nery foi o primeiro loteamento implantado na cidade, em 23 de março de 1889, na direção leste, cuja área era de 15 hectares. Outro loteamento do período foi a Vila Dona Pureza, aberta em 1891, com 26,8 hectares, na região oeste, onde foi construída a Santa Casa de Misericórdia. Essa vila foi realizada por meio do parcelamento da Chácara Matos, e, para dar acesso a ela, foi feito o prolongamento das atuais ruas Carlos Botelho e XV de Novembro. A Vila Pureza foi implantada em uma área de 27 hectares, tendo 380 lotes e uma praça central. No lado oposto da cidade, **a sudeste foi implantada a Vila Isabel, em 1891, em uma área rural bem isolada do limite da área urbana**, cerca de 17 hectares, composta por 16 quarteirões, divididos em 10 datas (LIMA, 2007, p. 44, grifo meu).

A Vila Prado e a Vila Nery eram “bairros compostos, principalmente, por operários qualificados, funcionários especializados de qualificação média e pequenos comerciantes” (LAVANDEIRA, 1999, p. 73). Já a Vila Marcelino e a Vila Isabel eram ocupadas por outros operários (uma boa parte ligada à ferrovia), um pouco menos qualificados. O distanciamento do centro (maior que a Vila Pureza e a Vila Nery) já deixava claro que a Vila Isabel nasceu para ser periferia, pois nesse momento já era possível notar uma segregação socioespacial na cidade. O centro era habitado pela elite oligárquica, pela emergente classe de comerciantes e donos de fábricas, enquanto próximo à ferrovia viviam operários, ferroviários e pequenos comerciantes. Devescovi (1985) aponta que os fazendeiros eram os grandes proprietários dos imóveis urbanos, cuja maior parte era usada para aluguel. Como a economia cafeeira em São Carlos cresceu muito rápido após a implantação da ferrovia, em 1883, parte dos fazendeiros passaram a investir o capital acumulado em setores da economia urbana nascente, sobretudo nos setores comercial e imobiliário. A cidade passa a ser objeto de interesse da elite, pois “significava para a burguesia cafeeira, não só um espaço privilegiado para realização do capital, mas também do ‘lócus’ do controle social e da preservação de seus interesses de classe” (DEVESCOVI, 1985, p. 48).

Esses fazendeiros nutriam uma posição progressista e investiram também em obras necessárias ao desenvolvimento da cultura e do comércio do café e ao crescimento da cidade (DEVESCOVI, 1985, p. 87). A estruturação da cidade foi garantida com a implantação de redes de transporte de bondes, telefonia, rede de coleta de esgotos, entre outros. Em 1890, foi encomendado um levantamento planialtimétrico da área urbana e seu mapeamento, para que fossem identificadas as edificações e para que fossem orientadas as novas construções. Toda a região habitada da cidade possuía sistema de água e esgoto nesse período e, em 1893, a luz

elétrica chegou à cidade. No ano de 1894, foi criada a Companhia Telephonica Saocarlene. Os bondes de transporte urbano começaram a circular em 1885, inicialmente movidos por tração animal e, em 27 de dezembro de 1914, é inaugurada a linha elétrica do bonde.

Um texto, publicado no “Diário de São Carlos” de 02,03,04/12/1890, retrata bem esse clima de progresso:

Agora existem em construção mais de 60 casas, e estão muito longe de satisfazer as necessidades da cidade. Não há casa que chegue. Tive ocasião de ver que as casas em São Carlos se alugam logo que preparam os alicerces. Há casas de aluguel mensal de 200\$000; são comuns as de 100\$000 e vulgares as de 50\$000. Qualquer 13 de Maio, e mesmo qualquer morfético ambulante e pedinte não encontra um rancho por menos de 8\$000 a 10\$000. É um lugar rico. [...]

Os paulistas devem se orgulhar de possuir um exemplar tão característico de seu progresso e espírito empreendedor e devem vir ver de perto a veracidade destes despreziosos apontamentos que tomei só para tornar conhecido um lugar que não pode ser equiparado a outro.

É enorme, é prodigioso o futuro da rica, próspera e moderna cidade de São Carlos do Pinhal (BRANDÃO, 2012a, p. 8 e p. 11).

Entretanto, tamanho crescimento, como já apontado, segregou a cidade espacialmente e isolou uma parte da população, destituindo-a da participação em toda essa infraestrutura e inclusive alimentando estigmas pejorativos a quem não morasse no centro. Na Vila Isabel, por exemplo.

### **2.3 Vila Isabel**

Uma vez que o meu interesse era saber como a região da Avenida Getúlio Vargas foi apropriada para a atividade de prostituição no período noturno, foquei esforços por saber um pouco mais sobre a história da Vila Isabel. Contudo, concordo com Ítalo Calvino quando diz que

A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 1990, p. 14-15).

Portanto, para “contar” a história da região da Avenida Getúlio Vargas, privilegiei a etnografia e as narrativas dos moradores e das mulheres e travestis deste contexto, pois entendo que foram eles que imprimiram o passado nas linhas das mãos da cidade. Por isso

entre a “história oficial” e uma etnografia sobre uma narrativa, optei pela segunda<sup>21</sup>, a qual segue.

Tive a felicidade de, ao abrir um site de notícias de São Carlos, deparar-me com a seguinte manchete: “Bairro Vila Izabel em São Carlos é tema de projeto de documentário premiado pelo Canal Futura”. A notícia explicava que se tratava do curta-metragem “Izabel”, da aluna Maria Júlia Carvalho, do curso de Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O curta, filmado em junho de 2013, aborda a memória dos atuais moradores da Vila Isabel. Eles contam sua história para os espectadores refletirem sobre como o passado se relaciona com o presente. Decidi que entraria em contato com Maria Júlia para falarmos sobre o filme e a pesquisa que ela fez sobre o bairro. Ainda não sabia como fazer isso, mas estava decidido.

Um tempo depois de ver a notícia soube que a Associação VERACIDADE<sup>22</sup>, através de um dos seus projetos – o Cine Veracidade –, realizaria uma exibição pública do curta “Izabel” no bairro Vila Isabel. Lamentei ter visto a notícia depois da exibição. Contudo, fiquei animado por conhecer um membro da Veracidade, pois ele poderia me colocar em contato com Maria Júlia. De fato, foi isso que aconteceu, através da rede social *facebook*, conversei com Maria Júlia. Trocamos algumas informações e ela me convidou para ir até sua casa em São Carlos para conversarmos sobre o filme.

---

<sup>21</sup> Sobretudo, orientado pela célebre afirmação de Lévi-Strauss: “Contra o teórico, o observador deve ter sempre a última palavra; e contra o observador, o indígena” LÉVI-STRAUSS (1980, p. 211).

<sup>22</sup> “A VERACIDADE é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que foi criada em meados de 2012 por um grupo de aproximadamente 50 pessoas a fim de transformar a realidade urbana”. Disponível em: <<http://www.veracidade.eco.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

**Figura 5** – Vista aérea Avenida Getúlio Vargas em meados da década de 1970 (à direita Vila Isabel)



**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Maria Júlia mora na Vila Nery, a “periferia boa” de São Carlos. Cheguei com facilidade à casa dela no horário marcado. Ela estava me esperando na sala com uma amiga. Conferi o número e antes que eu chamasse ou batesse palmas, ela me viu da janela e perguntou se eu era o André. Havíamos conversado apenas por meio da internet, era quase um encontro às cegas. Respondi que sim confirmando também que ela era a Maria Júlia. Muito amável, me convidou para entrar e para sentar na sala para conversarmos. Falei sobre minha pesquisa e do meu interesse pelo filme *Izabel*. Ela me contou que a ideia do filme surgiu ao conversar com as pesquisadoras Natalia Costa e Joanna D'arc, que realizam estudos sobre o período pós-abolicionista e suas implicações na arquitetura de São Carlos junto ao IAU (Instituto de Arquitetura e Urbanismo) da USP São Carlos. “A princípio, a ideia era produzir um documentário histórico sobre o bairro. No entanto, durante o processo de pesquisa e pré-produção, o foco foi redirecionado” (entrevista concedida a mim em 04 de fevereiro de 2014).

A mudança de foco se deu porque algumas pessoas comentaram que o bairro teve sua fundação relacionada ao processo de ocupação urbana dos ex-escravizados no período pós-abolição da escravatura. No entanto, tal informação não corresponde ao processo de fundação



do bairro diretamente. Maria Júlia me disse que, dados os desencontros de informações históricas, decidiu abandonar a ideia de seguir a chamada “história oficial”, e fez um filme bonito sobre as impressões dos moradores sobre o bairro e sobre o preconceito.

Muito solícita, exibiu o filme pra mim, passou-me alguns mapas antigos do bairro e alguns contatos que poderiam me ajudar. Um desses foi Seu Ariovaldo, o qual inclusive aparece no filme. Ela me disse que já havia ligado para ele falando sobre mim e que eu poderia ligar para marcar uma conversa. Liguei para ele e agendei um encontro, mas, antes da conversa pessoal, após falar com ele pelo telefone, falei com Seu Luiz (meu pai) sobre o filme a respeito da Vila Isabel e que o Seu Ariovaldo aparecia no filme. Disse que ele me concederia uma entrevista para a pesquisa. Convidei-o para ir comigo falar com Seu Ariovaldo e ele aceitou na hora: “conheço o Ariovaldo, morava perto da minha casa na Vila [Isabel]. Estudamos juntos, a gente ia ao cinema juntos. Não tinha muita amizade com ele, a família dele era de gente mais ou menos com dinheiro e a gente era bem pobre, mas era um cara legal. Vamos lá sim.” (entrevista concedida a mim em 10 de fevereiro de 2014).

Dois detalhes importantes dessa fala é que em meados do século XX, moravam na Vila Isabel pessoas mais pobres, como disse Seu Luiz, e pessoas “mais ou menos com dinheiro”. Além disso, o Seu Luiz é afro descendente e o Seu Ariovaldo não. Nesse depoimento já se notam evidências da diversidade de moradores da Vila Isabel.

Fomos ao encontro do Seu Ariovaldo. Antes de chegar a casa dele, andamos de carro pelo bairro e Seu Luiz olhava e comentava que muita coisa havia mudado. Rapidamente chegamos à Rua Santa Isabel, endereço que nos foi dado. Não havia campainha e bati palmas. Logo Seu Ariovaldo abriu o portão para nos receber. Não reconheceu Seu Luiz logo de início, mas Seu Luiz o reconheceu, foi “refrescando” sua memória até que ele se recordou e a conversa se deu de forma bem amigável e descontraída.

Seu Ariovaldo é um homem distinto, educado, possui duas graduações, uma em engenharia civil e outra em direito. Pertence a uma família que mora na Vila Isabel desde o começo do século XX, e também não sustenta que o bairro foi fundado por escravizados. Em uma terça-feira ensolarada, dia 11 de fevereiro de 2014, ele falou conosco sobre isso, dentre outras coisas.

*[Seu Ariovaldo] Já ouvi uma história que aqui seria habitado por escravos. Eu me permito, respeitando quem pensa isso, pensar um pouco diferente. Porque a Vila Isabel ao que eu sei nasceu na coloninha ali na rua Santa Clotilde nessa mesma reta. [fala apontando com as mãos] A versão que eu conheço que me foi passada, que minha vó passou pra minha mãe que passou pra gente que São Carlos*

*em uma época, que eu não sei precisar, sofreu com uma grande doença e que o pessoal de posse de lá [do centro] teria construído aqui pra fugir. E veja, o que o pessoal que defende a tese dos escravos pra cá que aqui foi formado por escravos? Tivemos pessoas aqui afro descendentes. Tivemos e convivemos, aliás, convivemos até hoje. O que acontece, eu pergunto: como é que esse pessoal saiu da escravidão onde trabalhava pra comer e de repente compra uma casa? Aquele tempo não tinha financiamento. Então eu não vejo assim. Escutei de uma pessoa até dizer o seguinte: o ex dono, entre aspas, que na verdade era dono, financiou e pagava como podia. Eu questiono: O sujeito explorou o ser humano até hoje, amanhã ele vira muito bonzinho e dá terra assim? Eu, me perdoe quem pensa de outra forma, mas eu não concordo. Ainda sou mais por aqui, o pessoal de posse veio aqui depois voltou e colocou alguém aqui pra tomar conta que poderia até ser pessoas aparentadas, talvez até alguns descendentes de escravos, mas não que tenha sido formado tão somente por escravos. Mesmo porque, segundo a gente ouviu dizer, se aboliu a escravidão no Brasil por pressão exterior. Países da Europa que fizeram pressão. E a bondade não vem por pressão, a bondade vem do fundo do coração. E se ele explorou alguém até hoje e vem amanhã e dá o patrimônio pra essa pessoa e digo 'cê paga como você puder'. Ele poderia pagar? De jeito nenhum. Era o povo que começava exatamente do nada.*

**[Eu]** *Eram casas de alvenaria normal? Nunca teve outro tipo de construção? Barracos?*

**[Seu Ariovaldo]** *Sim. Que eu conheço eram casas normais. E com um detalhe, construídas na divisa da rua. Você abria a porta, naquela época a porta era de duas folhas. Então quer dizer, à tarde você queria conversar com alguém, você abria uma folha e ficava na outra. Não eram como essas. Na metade eram duas folhas. Uma servia de apoio e era na rua, na divisa da rua. As casas do pessoal, vamos dizer assim, o pessoal afro descendente que eu conheço eram casa melhores que tinha uma certa varandinha, minha casa não tinha nada. É algo que ao meu ver era assim provisório. Eu tenho minha casa mais luxuosa, mas eu preciso sair daqui por algum motivo e preciso sair com urgência, eu vou pra algum lugar provisório que me abriga sem luxo nenhum.*

**[Eu]** *Só por um período de tempo?*

**[Seu Ariovaldo]** *É. Temporário. Aqui começou com esse pessoal de posse da cidade que veio pra fugir de uma certa doença. Parece-me, eu não tenho documento pra provar nem nada, mas que teria dizimado muita gente aqui em São Carlos muito anos atrás.*

Junqueira (2004) deixa claro que uma epidemia de febre amarela em 1896 influenciou a urbanização e desenvolvimento de São Carlos, mas não menciona a Vila Isabel como refúgio para essa epidemia. A “coloninha” a que o Sr. Ariovaldo se refere é o conjunto de casas que, no início do século, foi habitada pelos trabalhadores ligados à ferrovia. Segundo ele, essas casas são o germe da Vila Isabel:

**[Eu]** *Como era naquela época o bairro? Já tinha bastante casa? Era menor?*

**[Seu Ariovaldo]** *Não. Era bem menor. Vou contar aquilo que eu sei de vivenciar e o que eu sei de ouvi dizer da minha avó quando eu era criancinha e minha vó passava pra minha mãe. O que existia ali o que a gente fala que era uma coloninha perto da ferrovia e algumas casas esparsas. Então teria nascido a Vila Isabel dessa coloninha ali. Que seria a casa do Toninho Garcia, mas a casa do meu pai já era algo novo e tem uma chácara que a gente chamava chácara do Seu... [pequena pausa] deixa eu lembrar. Uma chácara que morava o Seu Carlos. Lembra do seu Carlos? [olhando para Seu Luiz] Um senhor já de idade que tava sempre de terno e colete. Um terno caqui. Ele usava. Podia estar um calor tremendo, mas ele tava de terno, elegantemente vestido. Uma pessoa muito distinta, muito educada que fugia do padrão daqui. Que tinha a chácara onde as ruas morriam aqui. Lembra disso? [novamente olhando pra o Seu Luiz]*

**[Seu Luiz]** *Aí você me pegou. Não estou lembrado.*

**[Eu]** *Mas o Sr disse fugia do padrão daqui. Como é que era?*

**[Seu Ariovaldo]** *Ele era diferente do pessoal daqui. Se vestia de uma forma diferenciada do pessoal daqui. Porque os meninos daqui de roupas comuns e ele era um Sr. que estava sempre de terno e colete.*

**[Eu]** *A maioria do pessoal daqui era trabalhador...*

**[Seu Ariovaldo interrompendo]** *Ferroviário. Vieram com a ferrovia que vinham trabalhar. Os que moravam aqui iam trabalhar – que era o que meu pai fazia – pegava a linha do trem como caminho pra ir trabalhar. Já ia direto.*

**[Seu Ariovaldo para Seu Luiz]** *Mas vocês vieram pra cá e não trabalhava na ferrovia?*

**[Seu Luiz]** *Não. Eu trabalhava na lavoura quando eu morava aqui. Tinha o Seu Andrezinho, o Seu Sampel...*

**[Eu]** *Então veio um outro grupo de pessoas que não estava mais ligado à ferrovia. Já era uma segunda geração?*

**[Seu Ariovaldo]** *Isso. É talvez seja isso, a geração minha e do seu pai. Porque o meu pai trabalhava na ferrovia, eu não.*

Encontrei também com o historiador Marco Antônio Leite Brandão com facilidade. Eu tinha seu endereço de e-mail porque participamos juntos há um tempo de um mesmo coletivo de incentivo à leitura em São Carlos. Escrevi para ele e marcamos de nos encontrarmos no SESC, dia 13 de fevereiro de 2014, para falarmos sobre a Avenida Getúlio Vargas, prostituição e a cidade de um modo geral. Ele é um paulistano que vive em São Carlos há mais de 30 anos, apaixonado pela cidade do interior, veio para estudar na USP no fim dos anos de 1970 e decidiu ficar na cidade. Quando cheguei, ele já estava esperando por mim folheando um jornal, elegantemente vestido, com sua barba característica e sua inconfundível boina italiana.

Marco também afirma que a Vila Isabel não é um bairro fundado por escravizados. Segundo ele, a cidade abrigava a maior senzala do interior paulista em uma fazenda situada no caminho para a cidade de Ribeirão Bonito. E, além dessa, outras fazendas (Santa Maria, Santo Antônio, Pinhal, etc.) mantiveram um grande número de escravizados em suas propriedades por longos anos. Pois São Carlos foi o último grande polo de uma economia fundamentalmente baseada em escravizados do Império do Brasil. O negro chega nessa região antes do ápice do café, que se deu entre 1876 e 1878, e que fez da região de São Carlos, Descalvado e Araraquara a região central do comércio escravocrata do período imperial. Nessa época a cidade recebia escravizados do país inteiro, Maranhão, Sergipe, Minas Gerais, um pouco do Paraná, mas a maior parte do sudoeste da Bahia através de uma rota de escravizados já consolidada.

**[Marco]** *Nessa história vai ter a raiz, onde você vai poder falar sobre Vila Isabel. O proprietário do mercado de escravos é natural de Rio das Pontas na Bahia, os comerciantes de escravos da região lá eram chamados de Sãopaulistas, traficantes que faziam comércio da mão de obra com o 'boom' do café que veio pra cá. Muitos deles [os escravos] se estabeleceram onde é o Vale do Quilombo hoje em Santa Eudóxia.*

**[Eu]** *Eu já fui lá no vale...*

**[Marco]** *Mas aí o que vai ter, o proprietário dos escravos da fazenda Babilônia em 1876 era o Manoel Cândido de Oliveira Guimarães, o filho dele, chamado Casemiro Cândido de Oliveira Guimarães foi casado com Isabel Ornela Guimarães. Isabel é a que dá o nome Vila Isabel. Então o nome da vila não é por causa da princesa Isabel. A gente sabe que Manoel era comerciante de escravos mesmo, tanto que quando ele faleceu em 1881 o auto de inventário apresenta falência. Você não faz auto de falência de título familiar. Falência é quando é comércio e o comércio dele era comércio de escravos.*

[Fez uma pausa ao olhar minha expressão de perplexo por não conhecer aquela parte da história de São Carlos]

**[Marco]** *Então onde está a Vila Isabel era da família Cândido Guimarães, mas não havia escravos ali. Quando Manoel faleceu, Casemiro ficou como herdeiro da área ali. E quando teve a abolição, talvez alguns ficaram por ali, mas o que acontece é que ali era região de caminho de periferia de quem passava por São Carlos. O antigo Picadão de Cuiabá ele subia a serra, passava por ali onde é hoje a Getúlio Vargas, entrava em São Carlos, pelo centro subia onde é hoje rua Episcopal, Carlos Botelho em frente a USP, depois Miguel Petroni, ia para Araraquara, depois pra Jaboticabal, depois pra São José do Rio Pardo, depois pra Cuiabá. Então, o antigo Picadão de Cuiabá passava onde era a periferia da periferia que ficava a Vila Isabel e também a Vila Pureza que na época é periferia da periferia. E também se fala que na Vila Pureza ficaram alguns escravos que*

*vieram após a abolição. Então a origem de onde vai sair a Vila Pureza e onde vai sair a Vila Isabel é por ser periferia, mas não foi questão de meses, demorou. No final do século XIX teve o que foi chamado oficialmente de Quadrilha Magnano, onde tinha dezenove homens e só uma mulher portuguesa o resto tudo italiano e a maior parte deles morava onde é hoje Vila Isabel. Ou seja, não é só questão de ser um bairro negro ou que o bairro é típico de ser de comunidade negra. Era dos mais pobres, isso é, mas não que fosse simplesmente ou que tivesse alguma coisa a ver com escravos, com negros. Aqui onde é Vila Pureza vai ficar também os mais pobres e negros, infelizmente a história do país costuma associar as duas coisas.*

**[Eu]** *É verdade.*

**[Marco]** *E lá você tinha um pessoal que marcou a história da cidade, porque quando foi feito a Santa Casa na Vila Pureza em 1893 foi colocado um órgão público no bairro que traz a linha do bonde e infraestrutura nessa periferia, mas que poderia ter acesso ao bonde que possibilitou ter lá um núcleo negro que se associavam e faziam suas festas que movimentava o pessoal da cidade. Teve lá o “Bola Preta” nos anos 1930, 1940 que marcou a cidade. Uns até chamavam lá de cinzeiro.*

**[Eu]** *Entendi.*

**[Marco]** *Mas tanto Vila Pureza como Vila Isabel não foram fundados como local de resistência negra ou de escravos recém-alforriados, porque em São Carlos o controle era mais rígido e por isso se tornou o último grande polo da escravidão. E diferente do Vale do Paraíba onde teve a crise não só da questão da escravidão e uma boa parte do capital dos proprietários da época era mão de obra escrava. Os bens patrimoniais deles estavam agregados a um valor altíssimo de escravos. Cerca de 60 a 70% de escravos ligados ao valor patrimonial, em São Carlos era por volta de 30%, ou seja, bem menos do que lá, então o valor do proprietário estava no café, estava nas terras. Então ao contrário das chamadas cidades mortas, aqui estávamos vivíssimos. O boom da escravidão entre 1876 e 1881 e após isso já começaram a vir imigrantes para São Carlos e é provável que após a abolição muitos escravos voltaram para Bahia e foi feito um esforço para esconder o que foi a história do negro dos campos de Araraquara e, sobretudo, de São Carlos.*

Segundo esses relatos e a literatura consultada, a Vila Isabel não foi fundada e não se manteve como um bairro de escravizados. Contudo, fica claro que, desde a aquisição das

terras da família Guimarães<sup>23</sup>, o bairro foi concebido como periferia e dadas as condições oferecidas, se perpetuou como tal. É interessante notar que o bairro possui lotes e quadras irregulares e ruas mais estreitas que o comum, não raro fazendo percursos curvos um tanto estranhos. O Seu Ariovaldo vai ao encontro do que diz a Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano quando diz que a região da Vila Isabel é classificada como “zona de expansão natural” e também coaduna-se com o que diz Lima (2007) quando afirma que as “áreas dos parcelamentos espontâneos” que se formaram nesse período surgiram da ocupação de áreas da FEPASA, contíguas à linha férrea. Conhecidas como “Coloninhas da Fepasa”, foram ocupadas por famílias de ferroviários muito provavelmente após ou no decorrer da implantação da ferrovia em 1883 (LIMA, 2007, p. 48).

Seu Ariovaldo nos disse que a razão do bairro possuir uma malha irregular e ruas estreitas e incomuns é que o bairro de ser uma “zona de expansão natural”.

**[Seu Ariovaldo]** *É que aqui não é loteamento Vila Isabel. Aqui é o que se chama de zona de expansão natural, ou seja, vai crescendo naturalmente sem planejamento nenhum. Você pega um loteamento, no loteamento cê vê onde é rua tal casa tal, prosseguimento da rua tal, a travessa da rua tal, aqui não. Temos o quê? A rua de baixo que o Sr. falou [para o Seu Luiz]; do André Sampel. Ela terminava não nessa rua, na outra. Pra ligar com a Getúlio Vargas foi uma doação do Sampel. Aqui algumas terras eram doadas. Vamos fazer uma rua aqui, essa rua vai ter 14 metros. Não, aqui era assim, eu vou dor 8 metros, outro doava 10, daí pega esses 8 ou 10 metros e ligava pra lá. Uma Zona de expansão natural. Alguns terrenos eram comprados. Antigamente se falava comprava uma data, os terrenos eram de onze por quarenta e quatro e hoje é 5 por 20 [metros]. Então você comprava e que era medido mais ou menos pelo passo e um passo a mais ou um passo a menos não tinha valor nenhum. Hoje se briga por vinte centímetros, perde amizade com todo mundo, mas antes se negociava o terreno com uma cabra mais um frango na época do natal e tava feito o negócio. E aí foi agregando pessoas, antes era assim, você casa e vai morar com seu pai e com sua mãe, antes o*

---

<sup>23</sup> Não foi possível descobrir como se deu esse processo de aquisição das terras da família Guimarães pela prefeitura. Não encontrei nenhum documento e nenhum registro nas visitas que fiz na Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano e na Fundação Pró-Memória de São Carlos. Aliás, foi uma das dificuldades do trabalho o acesso a Secretaria. Foi necessário protocolar um requerimento explicando a razão de eu querer olhar os arquivos e procurar algum documento relacionado à urbanização da Vila Isabel ou a algum projeto relativo à Avenida Getúlio Vargas. Após protocolar esse requerimento, levar um documento da UNESP atestando que realmente eu era vinculado à instituição, conversar com a assistente da secretária me disseram que em uma semana me liberariam o acesso. Entretanto, só após quarenta e cinco dias entraram em contato comigo por telefone (eu já havia ido até lá pessoalmente verificar se estava liberado o acesso, pelo menos, quatro vezes) e me disseram que aquela região por ser muito antiga não havia nenhum projeto, processo ou registro sobre ela. E que era classificada como “área de parcelamento espontâneo”. Esse termo é utilizado pela prefeitura municipal, ao referir-se àqueles parcelamentos que surgiram, sem nenhum controle da Câmara ou da Prefeitura, ao longo dos anos.

*sistema era assim. E como é que nós chegávamos aqui antes da Getúlio Vargas?*

**[Eu]** *Era isso que eu iria perguntar.*

**[Seu Ariovaldo]** *Lá da hoje Praça Itália, antiga...* [se dirige ao Seu Luiz esperando que ele complete a frase]

**[Seu Luiz]** *Não vou lembrar...*

**[Seu Ariovaldo]** *SANBA! Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro<sup>24</sup>. Era a Indústria que tinha lá e quem trabalhava lá era chic. Trabalhava de terno e gravata. Então você em época de chuva pro médico vir atender alguém aqui no bairro, parava o carro lá e vinha a pé pela rua que era paralela a antiga via férrea que hoje é a Santa Gertrudes, aquela de duas pistas, lá era a via férrea. A gente chamava de via férrea de pau estreito, porque o trilho era estreito. O trilho comum onde passa a... Ainda tem a ALL que era Companhia Paulista FEPASA, hoje é ALL se não me engano.*

**[Eu]** *Pra entrar no bairro só por essa pista?*

**[Seu Ariovaldo]** *Só por essa via. Não tinha a Getúlio Vargas. E folclore da história, não sei se senhor lembra que tinha a jaqueira [para o Sr. Luiz]*

**[Seu Luiz]** *Eu lembro. O pessoal falava que era mal assombrada.*

**[Seu Ariovaldo]** *É! Diziam que era mal assombrada. Então todo mundo tinha medo de passar ali à noite [risos]. Era escurecer o povo ficava com medo de passar ali. [risos] Então o bairro era escondido. Ficava encravado aqui. Não era exatamente o termo encravado porque encravado é quando você não tem saída pra nada e nós tínhamos saída.*

A cidade de São Carlos com sua elite oligárquica herdeira do café e comerciante de escravizados, juntamente com uma emergente classe burguesa, cresceu, se desenvolveu e fez odes ao progresso, mas de costas para a Vila Isabel, a qual era afastada, não atendida pelo transporte público, e que possuía apenas uma via de acesso para entrada e saída e mesmo assim, em dias de chuva ficava intransitável e, em dias normais, ou melhor, em noites normais, era mal assombrada.

Quando perguntei sobre violência, Seu Ariovaldo e Seu Luiz advogaram em favor do bairro. Era comum dizer que o bairro era um pouco violento e, se algum moço de outro bairro fosse paquerar alguma moça da Vila Isabel, não entrava.

**[Seu Ariovaldo]** *Ah, era assim, ou você fazia amizade ou não podia namorar moça daqui. Só tinha uma saída. Cê tinha que entrar e sair por lá. Ou fica amigo ou apanha. [risos]*

**[Seu Luiz]** *Mesmo até quando já tinha a Getúlio Vargas os moços chegavam até a Getúlio Vargas, mas aqui dentro não entrava.*

<sup>24</sup> O prédio dessa indústria permanece até hoje em frente à Praça Itália.

**[Seu Ariovaldo]** *Mas eu acho que era mais ciúmes, porque aqui todo mundo era amigo de todo mundo. Vou dar um exemplo, se você fosse hospitalizado e você não tivesse um pijama pra ficar no hospital, alguém te emprestaria o pijama ou você emprestaria o seu para alguém. Era assim, uma grande família, uma família de um bairro embora não nascida assim, vamos dizer, da mesma barriga, mas era muito unida porque a gente ficava isolado aqui então problema aqui não tinha. Esse problema aí que eu coloco como um ciuminho porque eu conheci na minha época pessoa que veio de fora e namorava moça daqui mas chegou humilde, fez amizade e ficou amigo e podia entrar e sair tranquilo.*

**[Seu Luiz]** *Eu lembro que quando eu morava aqui algumas pessoas falavam mal daqui, mas aqui a gente tinha uma amizade boa.*

**[Seu Ariovaldo]** *Aqui tinha uma amizade muito boa. E era conhecido como Vila das cabras. Sabe por que?*

**[Eu]** *Por quê?*

**[Seu Ariovaldo]** *Porque tinha muitas cabras que andavam pela rua com aquelas cangas pra não varar cerca. Só que quando uma pessoa precisava de algum leite de cabra, segundo dizem, um leite mais forte, por alguma recomendação corria pegar aqui. Era chamada Vila das Cabras que pra alguns era uma conotação positiva e pra outros uma conotação negativa.*

Quando conversei com Marcos Brandão, ele fez um comentário interessante sobre o bairro ser habitado por párias e marginais. “Eu lembro que corria na cidade a fama dos Magnano de bandidos, mas virou bandido porque brigaram com a família dos Botelho e eles moravam na Vila Isabel” (BRANDÃO, entrevista concedida à mim em 13 de fevereiro de 2014). Brigar com, não apenas uma das famílias mais tradicionais da cidade, mas também a família fundadora da cidade não trouxe boa reputação para a família Magnano. E para “melhorar” a situação, eles moravam na Vila Isabel e os Botelho, é claro, no centro. Isso ajudou a perpetuar a ideia de que quem morasse na Vila Isabel, se não era bandido, era amigo dele.

Quando encerramos a visita ao Seu Ariovaldo, ao nos despedirmos já no portão da sua casa, ele falou um pouco sobre a questão da violência e criminalidade no bairro. Ele admitiu que, recentemente, isso ocorre, e que, ainda quando jovem também ocorria algo relacionado. Disse até que havia um rapaz que as pessoas chamavam de “Peão”, e que o pessoal do bairro dizia que ele era assassino, mas ninguém sabia ao certo. Contudo, ele salientou que Peão nunca mexeu com quem era da Vila Isabel, e ainda que se viesse bandido de fora, ele e seu pessoal não deixavam entrar.

Após isso, Seu Luiz perguntou pela família Sampel. Ele respondeu que o Seu Osni ainda tinha uma oficina mecânica na rua de baixo. Despedimos-nos e fomos até a rua de



baixo. Encontramos facilmente a oficina e estacionamos o carro, mas Seu Osni não estava. Disseram-nos que ele voltaria logo. Ao invés de esperar na oficina, Seu Luiz sugeriu deixar o carro ali e andarmos pelo bairro. Aceitei a sugestão. Ele andava não pela calçada, mas no meio da rua mesmo, observando o bairro, as casas, as ruas. Era uma terça-feira de manhã e havia poucas pessoas na rua, apenas algumas crianças, idosos e donas de casa nos portões nos observando de maneira desconfiada. Eles notavam que éramos “estranhos”, que não éramos dali.

Quando chegamos a casa onde Seu Luiz tinha morado há quase quarenta anos, eu percebi a emoção dele. Parou em frente, olhou para mim e disse que era ali que ele morava, como se estivesse pensando alto e lembrando dos tempos idos. Uma casa simples sem muitos atrativos, com portas e janelas que abrem direto na calçada da rua, mas que o faz parar e olhar por um tempo. Após esse breve tempo, notamos uma senhora parada em pé no portão da casa ao lado da antiga residência de Seu Luiz. Ele se aproximou dela e falou que a estava reconhecendo. Ela disse a mesma coisa e arriscou dizer o nome dele: “Luiz?”, ela perguntou desconfiada e ele rapidamente respondeu que sim. Tratava-se de Dona Vera Sampel, esposa de Seu Osni Sampel, amigo de infância e adolescência do Seu Luiz e filho do proprietário da casa em que o Seu Luiz e família moravam, o Seu André Sampel. Eles se cumprimentaram alegremente, perguntaram da família, da vida e, após amenidades, Seu Luiz me apresentou. Eu falei da pesquisa e ela me disse que não gosta de morar na Vila Isabel e que só está ali por todos esses anos porque o marido gosta muito do bairro. Quando perguntei o porquê dela não gostar do bairro, ela fez referência à violência e à criminalidade, presentes no bairro nos últimos anos. Dona Vera nos convidou para entrar para tomar um café, mas Seu Luiz recusou e perguntou pelo Seu Osni. Ela disse que ele acabara de sair dali em direção à oficina, e nós provavelmente tínhamos nos desencontrado.

Voltamos caminhando pela rua em direção à oficina. Quando estávamos na esquina, nos aproximando, Seu Osni nos viu de longe e saudou Seu Luiz com alegria. Veio ao nosso encontro e nos cumprimentou mais efusivo que Dona Vera. Após reminiscências e afetividades, o Seu Luiz me apresentou da mesma forma que a Seu Ariovaldo e Dona Vera.

Seu Osni é um homem de sessenta e cinco anos, baixo e magro. Mecânico de automóveis há muitos anos, quando nos encontramos pela primeira vez, ele estava em sua oficina executando seu ofício com ferramentas nas mãos e um pouco sujo de graxa, como era de se esperar. Aos nos ver, ele parou o que estava fazendo para falar conosco. Ficamos conversando na calçada em frente ao portão da oficina, que fica na Rua Santa Clotilde, mas rapidamente caminhamos até a esquina com a Rua Padre Joaquim Botelho Fonseca, onde

tinha uma árvore fazendo uma sombra boa, era perto do meio dia e estava bem quente. Nesse instante, peguei o gravador e perguntei se podia gravar, uma vez que nosso encontro se deu sem combinação prévia. Ele aceitou sem a menor cerimônia.

**[Eu]** *O Senhor morou aqui desde sempre?*

**[Seu Osni]** *Eu nasci aqui. Meu pai era daqui, meu avô era daqui. Inclusive, eu posso falar uma coisa pra você?*

**[Eu]** *Pode claro.*

**[Seu Osni]** *Eu acho que cê veio no lugar certo. Eu tenho uma certa revolta.*

**[Eu]** *Por que?*

**[Seu Osni]** *Porque todas as pesquisas que fizeram aqui nunca vieram perguntar uma palavra pra mim. E a minha família Sampel é muito popular na cidade e aqui na Vila Isabel nós estamos com 108 anos. Se você falar assim pra mim, Osni, mas cê tá magoado por que, por que não fizeram a pergunta pra você? Não. Não é porque não fizeram a pergunta pra mim. Não fizeram pras pessoas que eram daqui. Certo? Vamos supor, aquela casa lá, ó [apontando em direção a uma casa antiga na quadra de cima], é a casa mais antiga que pode ter aqui. As nossas é as mais antiga também. Os Carminé [referência a outra família] é uma das mais antigas, mas foram perguntar pra gente que mudou aqui faz 5 anos, 10 anos. Eu não sei aonde que eles vão achar uma história da Vila ou de São Carlos.*

Ele reclamou a história do bairro à sua família e afirmou que recentemente uns estudantes vieram fazer pesquisa e filmar o bairro, mas que ninguém o consultou. Quando ele disse isso, pensei que se referia a Maria Júlia, mas não tenho certeza. Se realmente se referia à ela e sua equipe, ele não soube que o trabalho dela acabou por ter menos teor histórico, por assim dizer.

**[Eu]** *Quem morava aqui era mais quem tava ligado à ferrovia?*

**[Seu Osni]** *É. À Companhia Paulista.*

**[Eu]** *Mas a família do Sr. não estava ligada à ferrovia.*

**[Seu Osni]** *Não.*

**[Eu]** *E qual era o trabalho?*

**[Seu Osni]** *Era a chácara que eu tava te falando [estávamos conversando antes de eu ligar o gravador]. Meu avô veio como imigrante espanhol e deram essa faixa de terra pra ele que vinha de lá [aponta pra Avenida Getúlio Vargas] até aqui adiante um pouco pra frente da minha casa onde vocês foram agora. Aí cultivava a terra, tinha gente que trabalhava pra ele, tinha plantação de abacaxi e não sei o quê e outras coisas. Então era dividido em partes. O que que tinha em São Carlos? A catedral, né? Uma igreja aqui que nem era essa [se refere à igreja Santa Isabel]. Aqui não foi loteado pra ser bairro. Aquela rua ali não atravessava lá e essa rua aqui foi meu finado pai que fez uma permuta com a prefeitura, aquele pedaço dali*

*até lá na Getúlio Vargas e um pedaço da Getúlio Vargas e um pouco pra lá ainda.*

**[Eu]** *Não tinha a Getúlio Vargas?*

**[Seu Osni]** *Não. Era como eu te falei, era o pessoal pra lá onde é o posto de saúde e pra cá era do meu avô. Então era terra, era mato, era barba de bode. Ah, o Luiz não pegou essa fase...*

**[Seu Luiz]** *Peguei...*

**[Seu Osni]** *Não tinha uma casa ou tinha só uma casa ali, desse ladinho da Vila Isabel aqui pra lá não tinha nada, depois ia ter a Vila Monteiro bem depois lá embaixo que fazia parte da cidade lá, Mercadão, aí ia subindo um pouco ficou Vila Monteiro e tinha o nome de Vila Monteiro porque era dos Monteiros.*

**[Seu Luiz]** *E pra entrar aqui na Vila era só naquela rua de baixo*

**[Seu Osni]** *Só na rua de baixo. Depois que fizeram a permuta aqui, aí abriram a Getúlio Vargas.*

A fala do Seu Osni vai de encontro com o que disse Seu Ariovaldo no que diz respeito aos proprietários das terras que posteriormente foram adquiridas pela prefeitura e onde foi construída a Avenida Getúlio Vargas. Assim como não encontrei documentos referentes ao processo de urbanização da Vila Isabel, também não encontrei projeto e ou processo referente à construção da Avenida Getúlio Vargas na Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano.

Na Fundação Pró-Memória de São Carlos, tive acesso às atas da câmara municipal desde a fundação da cidade e encontrei, nas atas do período de 1952 a 1956, quando o prefeito da cidade era Antônio Massei, uma ata de uma sessão da câmara de 29 de novembro de 1954, a qual registra a discussão sobre o nome da Avenida. Os senhores vereadores Alderico Perdigão, Antônio Donato e João Miguel discutiam a necessidade de especificar o nome do homenageado. Se a Avenida deveria se chamar “Avenida Presidente Getúlio Vargas” ou apenas “Avenida Getúlio Vargas”. Em 14 de dezembro de 1954, foi publicada a lei que dizia em seu Artigo 1º “Passa a denominar-se “Avenida Getúlio Vargas” a via de acesso que liga o início da Avenida São Carlos com a Rodovia Estadual São Carlos – Rio Claro.” (Lei 2023 14/12/1954).

**Figura 6** - Foto das obras da Avenida Getúlio Vargas em 1950



**Fonte:** Fundação Pró-Memória de São Carlos.

Quando estávamos nos despedindo, Seu Osni me disse que iria me ajudar, “independente de família ou não. Porque seu pai é como minha família. Resumindo em poucas palavras, quando eles mudaram nós choramos” (Seu Osni entrevista concedida a mim em 11 de fevereiro de 2014). Ele disse que seus primos possuem documentos que contam a trajetória do seu avô desde a Espanha, parando no Porto de Santos e depois vindo para São Carlos, fala também da posse das terras e mostra que sua família permanece na Vila Isabel já há cinco gerações. Fiquei muito entusiasmado e combinamos que, na sexta-feira no fim da tarde, eu voltaria para ver os documentos.

Como combinado, voltei na sexta-feira no fim da tarde à oficina do Seu Osni Sampel, mas fui sozinho sem o meu (pai) informante. Assim que cheguei, perguntei pelo Seu Osni, mas ele “precisou sair pra levar um carro pra um cliente”, disse um dos mecânicos da oficina. Aguardei cerca de dez minutos até ele chegar. Como da outra vez, me recebeu muito bem e me levou a uma empresa de um parente. Segundo ele, os papéis ficam no escritório dessa empresa. Ao chegar lá, ele me apresentou e disse que queria os documentos da família. Seus

parentes (não me lembro se primo ou sobrinho) foram também muito prestativos, rapidamente pegaram as caixas e pastas que continham fotos e cartas de seus ascendentes espanhóis. Chamou atenção a quantidade no acervo da família de fotos e de cartas. Li com ele uma carta originada da província de Barcelona, do ano de 1905, perguntando se a situação era boa em São Carlos – Brasil, e como estavam as crianças.

A faixa de terra que pertencia à família Sampel ia da Rua Humberto de Campos (localização do Posto de Saúde que Seu Osni menciona), atualmente Vila Luftalla, passava onde posteriormente foi construída a Avenida Getúlio Vargas e seguia pela Vila Isabel, mais ou menos, seguindo o traçado da Rua Santa Clotilde, até onde é hoje em dia a Rua Núncio Cardinalli. Mesmo com os documentos, não ficou claro como aconteceu a negociação com a prefeitura para a abertura da Avenida Getúlio Vargas. Entretanto, sabemos que ela ocorreu.

Nos despedimos dos parentes do escritório e seguimos de volta para a oficina. Quando perguntei sobre a violência no bairro ele respondeu rapidamente

**[Seu Osni]** *Ah, era aqui, Vila Prado, Vila Pureza, depois Tijuco Preto. Aquela época um parecia que tinha ciúme, um não podia namorar a namorada que era de lá do Tijuco Preto e tal. Agora que tinha gente ruim isso tinha no Centro, Vila Isabel, Vila Prado e em tudo, entendeu? Isso aí sempre existiu, não vai deixar de existir porque hoje os maiores passadores de drogas estão nos condomínios, são da alta. Os pequeninhos tão morrendo de fumar maconha aí, isso sim. E por que que nós somos desprezados? Nós fomos sempre desprezados pela alta sociedade inteligente. Porque...[barulho de carros e buzina interrompe]...eu lembro do Bar São Paulo que o Gradino ia fumar maconha escondido..*

**[Eu]** *O Bar São Paulo é lá no centro*

**[Seu Osni]** *É lá no centro. Bar São Paulo, Café São Paulo...*

**[Eu]** *No bairro não tinha?*

**[Seu Osni]** *Aqui era mais família, não tinha muito violência, mas briga sempre existiu. Por coincidência um irmão meu que era por parte de mãe era um dos briguentos, ele o Ortega...Então era ele um dos briguento, o Valentin. Ah, o Valentin morreu. O Valentin, o Brunão...entendeu? Então, sei lá... Outra coisa que acontece muito aqui é assim, acontece uma briga lá no CDHU e nego fala que é na Vila. A Vila Isabel acabou pegando esse nome, essa fama.*

É possível afirmar que a Vila Isabel e toda sua região no entorno viveram dois momentos diferentes, um antes e um após a construção da Avenida Getúlio Vargas. Os antigos moradores são enfáticos quando observam as mudanças ocorridas no bairro, posteriores à construção.

**[Eu]** *Mas aí mudou muito quando abriu a Getúlio Vargas?*

**[Seu Osni]** *Não tenha dúvida, mas aí faz só uns 50 anos.*

**[Eu]** *É pouco tempo, né?*

**[Seu Osni]** *Em relação ao tempo que meu avô veio pra cá, faz pouco tempo. Foi depois de 30 ou 40 anos que meu pai já tava aqui, certo? Aí eu nasci, você põe 65 anos pra trás, vamos supor eu tinha o quê, 10 anos quando abriu a Getúlio Vargas, certo? Não sei...*

**[Eu]** *O Sr. tinha uns 10 anos e não tem muita lembrança de como era antes e como ficou depois?*

**[Seu Osni]** *Tenho, tenho sim. Eu sei que tinha uma jaqueira aqui embaixo que era mal assombrada [risos]...Não tinha água encanada, era água de poço. O finado Reizinho que tinha aquele poço que puxava água com corrente, era umas borracha, né? Virava a manivela e vinha pelo cano. Depois que foi vindo saneamento básico, iluminação... Apesar que nós não temos aqui ainda um saneamento básico bom porque aqui é manilha ainda.*

Seu Ariovaldo ainda pontua a mudança de atividades no bairro

**[Seu Ariovaldo]** *E com a vinda da Getúlio Vargas modificou tudo porque abriu pra cá. Daí depois começou se tornar uma área de comércio. Até o bairro começou a ficar uma área comercial. Eu já tive algumas ofertas pela minha casa. O comércio está empurrando a gente pra lá, eles querem algo de nós. Então veja bem, esse terreno aqui é grande. Dá fundo pra Getúlio Vargas. É um interesse natural pelo crescimento. Não só a Getúlio Vargas, aquela outra via ali também [se refere à rua Santa Gertrudes] está se tornando uma via de comércio. A tendência é se tornar todo um bairro comercial, mesmo nessa parte mais próxima aqui. A tendência é ir desaparecendo.*

Segundo informações da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano, o plano diretor da cidade, para habitação, é crescer para o vetor norte, ou seja, em direção à Rodovia que vai para Ribeirão Preto, e noroeste, sentido bairro Santa Felícia, precisamente atrás do campus 2 da USP, e não para a região da Vila Isabel.

Contudo, as atividades comerciais se tornaram predominantes na Avenida Getúlio Vargas de 1990 em diante, antes disso, era mais uma via de acesso à Rodovia Washington Luís do que qualquer outra coisa.

Quando conversei com Maria Madalena sobre a ocupação da região da Avenida Getúlio Vargas pela atividade de prostituição, ela foi muito esclarecedora e didática, até.

**[Maria Madalena]** *A prostituição não começou aqui, começou lá no cemitério. Como é o nome daquele cemitério?*

**[Eu]** *O Nossa Senhora de Fátima?*

**[Maria Madalena]** *Aquele perto da Universidade.*

**[Eu]** *É.*

**[Maria Madalena]** *O Nossa Senhora de Fátima, começou lá e era barra pesada. Era muita pedrada, era um inferno. Polícia todo dia catava você e jogava no camburão e te tratava como bicho. Era difícil. [...].*

**[Eu]** *Isso era lá no cemitério?*

**[Maria Madalena]** *Era lá no cemitério, começou lá.*

**[Eu]** *E isso em que ano, você lembra?*

**[Maria Madalena]** *Isso era noventa acho que era noventa, mas era aquelas bichas bem requenguela, sabe? Quando começa aquelas coisas, assim, sabe? [risos] Eram todas barbudas, mas se achavam mulher, né? [risos] E hoje como existe aqui a Getúlio que ficam as travestis que moram com a Vera que morou comigo e hoje ela é cafetina aqui e tem agora as meninas ali em baixo que moram com a Jezabel, do postinho pra baixo são as meninas, as do mercadão ficam ali. Aqui ficam as travestis da Vera e as gays que se montam e eu joga tudo pra lá, não vai ficar aqui.*

**[Eu]** *E como é que saiu do cemitério pra vir pra cá?*

**[Maria Madalena]** *E que foi indo assim. Lá é muito perigoso, mas fica gente lá ainda. Fica gente lá, fica gente na pista, as velhas ficam na pista. Então não deixou de ficar gente lá, mas aqui não tinha. Você sabe que aqui era tudo mato. Ali naquela esquina da Casa Sol que às vezes a gente fica ali era tudo mato. Então acontecia muita coisa porque não tinha esses prédios era só mato. Aí começou a mudar, aquela encrenca, aquela rixa comecei a pensar, vamos conquistar um lugar novo, onde as pessoas vem.*

**[Eu]** *Vieram pra conquistar um novo espaço então.*

**[Maria Madalena]** *Quando começou aqui não tinha cafetina. Às vezes vinha cinco ou seis pra cá e tinha que brigar por lugar. Todo dia tinha briga, todo dia tinha briga. Eu quando cheguei de Santos eu apanhava todos os dias. Eu tava parada e olhava vinha vindo cinco, seis travestis, traveção desse tamanho e eu pensava “ih, agora nem vou correr porque elas vão me pegar”. Era todo dia, fora quando a polícia levava e o tanto que eu apanhava. Até você conquistar seu espaço elas tinha que respeitar você. E eu acabei conquistando as pessoas com esse negócio de trabalhar com prevenção na rua. Então eu trabalhava conquistando as pessoas.*

**[Eu]** *E por que aqui?*

**[Maria Madalena]** *Porque é melhor aqui. Aqui é tráfego de carro. O cemitério também, por isso lá. Lá também era bom, mas era perigoso, né? Na praça da catedral e na praça São Benedito ficam as gays e as drags montadas. As gays bem antigas e as travestis antigas andava por lá, mas agora em São Carlos alastrou. Aqui na Getúlio Vargas ficam as travestis e do postinho pra baixo as meninas da Jezabel e só.*

A fala de Maria Madalena mostra que a atividade de prostituição rueira em São Carlos se acentua na década de 1990 e que, anterior à ocupação da Avenida Getúlio Vargas, os pontos de prostituição eram na região do Cemitério Nossa Senhora de Fátima, no bairro Vila Marina. Devido às disputas internas, buscou-se um novo lugar, a escolha do lugar se deu em

função do fluxo constante de carros, e esse lugar foi consolidado não sem muitas disputas também. É interessante ressaltar que a transformação da região da Avenida Getúlio Vargas em sinônimo de lugar de prostituição e marginalidade é muito recente, menos de trinta anos. E ainda, é importante retomar a fala de Raquel quando disse que, nesse mesmo período a que Maria Madalena se refere, havia cerca de cinco boates localizadas na própria Avenida Getúlio Vargas.

Ouvi alguns moradores de São Carlos dizerem que se fazia “pegas de carros” na Avenida e depois mulheres e travestis fazendo da Avenida ponto de prostituição. Perguntei aos meus interlocutores mais antigos do bairro sobre essas ocupações. Seu Ariovaldo chamou atenção para a novidade da notícia.

**[Seu Ariovaldo]** *mas aí é mais moderno, é mais recente. Naquela época não tinha isso [se referindo aos “pegas de carros”]. Talvez mais pros anos 1980 ou 1990, é de agora, antes não tinha isso. A própria Getúlio Vargas começou a ter mais barracão comercial de 1990 pra cá. Antes não tinha nada. Se descobriu que aqui era malha comercial mesmo de noventa e pouco pra cá. Menos de 20 anos.*

**[Eu]** *Aí começou a ter algumas ocupações incomuns. Eu notei que à noite tem mulheres e travestis fazendo ponto de prostituição ali. Quando que começou esse tipo de movimento. Esse tipo de atividade por aqui. O Senhor lembra disso?*

**[Seu Ariovaldo]** *Não sei. A gente ouve falar disso de uns dez ou vinte anos pra cá, mas não posso dizer. A gente ouve dizer coisas como “ah, ficamos sabendo de um travesti aí...”, e sempre relacionado alguma coisa com polícia. E é sempre aquilo, se você fez uma boa ação não dá no rádio, é aquilo o cachorro mordeu o homem não é notícia, o homem mordeu o cachorro daí vira notícia. [risos]*

**[Eu]** *E como é que foi a convivência do bairro e do senhor com esse tipo de ocupação?*

**[Seu Ariovaldo]** *Olha só, a mim nunca, nunca me fizeram mal algum. Então se eu disser que não tem eu estou mentindo porque já aconteceu de eu sair aqui à noite pra levar um neto aqui ou levar algum familiar em algum lugar e ver um movimento que não é o convencional, mas não me fizeram mal algum. Assim, às vezes tem algum problema de polícia, mas nada com a gente. A relação com o bairro é tranquila, eles lá e nós aqui. Aconteceu um fato uma vez, a gente tem um grupo de oração aqui que se reúne a 21 anos. E nós nos reunimos uma vez por semana. Uma noite nós estávamos saindo e passou um travesti. Ele passou aqui, não sei o que tinha acontecido, ele virou pra nós assim e falou: “não riam de mim, não riam de mim por favor”, eu falei “não, ninguém vai rir do ser humano” e foi só isso, um encontro. Ele pediu que nós não ríssemos dele porque dava pra notar que era um homem com roupas de mulher e roupas não sumárias, sumaríssimas e disse não riam de mim, não riam de mim e eu disse ninguém vai rir do ser humano, foi a resposta que me veio e*



*ele agradeceu e subiu pra lá, não falou mais nada, não falou palavrão, não falou algo desconectado, só passou.*

**[Eu]** *Porque o senhor acha que vieram pra cá?*

**[Seu Ariovaldo]** *Ah, a Getúlio Vargas é caminho, é via de acesso. Se você tiver passando por aqui você não chama atenção de ninguém. Se alguém te ver e comentar você diz “eu ia pra tal lugar”, ninguém vai te questionar. No interior de um bairro você é notado na Getúlio Vargas não, é lugar pra ir e vir. Até a relação com drogas que o pessoal fala pode ser que esteja ligado a isso porque a Getúlio Vargas é caminho. Se entra e sai daqui e ninguém nota e fica perto da rodovia, pra uma fuga uma saída rápida já está perto da rodovia, se vem uma batida você já vai embora. Mas isso é muito recente.*

Seu Osni deixa um pouco mais claro qual a relação do bairro com essas ocupações recentes da Avenida Getúlio Vargas.

**[Eu]** *E a relação do bairro com as travestis, as prostitutas e com a Getúlio Vargas?*

**[Seu Osni]** *Ah, que que cê vai fazer, né? É o mundo de hoje. Vai, vira ali naquele quarteirão ali, cê vê tem dois colchões e tem dois caras dormindo ali. E tá assim, e vai daí pra pior. Hoje tem dois, amanhã vai ter três, quatro e vai. Hoje mudou, hoje é outra coisa, mas não entendi sua pergunta.*

**[Eu]** *Qual a percepção que você tem dessas atividades, se eles conversam com o bairro e se acabam entrando para o bairro ou não.*

**[Sr. Osni]** *Ah, eles vivem aqui. Tem os travestis que tem suas casas aqui, mas isso daí tem em tudo lugar, tá na televisão, tudo, mas o bairro não tem problema com isso. Aceita, porque direta ou indiretamente o que que cê vai fazer? Mas também não tem problema, pelo contrário, os travestis e putas, que era do meu tempo, porque hoje tem um nome mais bonito, mas é a mesma coisa, né? Eles respeitam muito mais a gente do que muitas pessoas que se diz bom. Respeita muito. Eu frequento o posto das Bandeiras tarde da noite que vou tomar meu café dez, onze horas, às vezes meia noite, porque eu tenho problema pra dormir e tomo calmante e tal. Mas cê vai ali e vê os caras são respeitador. Quem não respeita somos nós a eles. Isso sim e é a discriminação, certo? Mas quem discrimina é que não presta. Porque cê vê as putas, os travestis, eles não mexem com ninguém. Então essas prostitutas, essas putas que que nós vamos falar? E outra, agora fala uma coisa pra mim, quem que sai com os travesti? Só nego do dinheiro. De noite aí só pára carro novo.*

Ou seja, a relação estabelecida entre os moradores dos bairros próximos à Avenida Getúlio Vargas, mais precisamente a Vila Isabel e a atividade de prostituição, seja por mulheres e ou travestis, é de observação e coexistência. Não fica claro se há uma convivência, mas algo mais próximo de uma resignação em torno de um entendimento de algo que não se

pode mudar, pois é característico da contemporaneidade e uma aceitação que por vezes é a contragosto e por vezes indiferente.

De uma forma muito parecida, as travestis e mulheres não estabelecem também uma relação propriamente com os moradores do bairro. Segundo elas, procuram não incomodar ninguém para não serem incomodadas e algumas delas nem mencionam os moradores dos bairros próximos, sobretudo por ocuparem espaços no período noturno, onde não há residências familiares. A “rua” para elas não envolve esse tipo de relação. Principalmente por uma boa parte das mulheres e travestis que ocupam a região atualmente serem de outras cidades. Elas quando chegam à cidade, já têm referência da Avenida Getúlio Vargas e ou das boates, pouco sabem ou querem saber sobre a história “oficial” da cidade e da Vila Isabel. Seus interesses são outros.

Ariela, uma mulher que prefere ficar nas boates ao invés da “rua”, me disse em uma conversa que era de Cuiabá, que estava em São Carlos há apenas quinze dias e estava “sentindo a cidade”. Disse que havia ficado em uma boate durante as duas primeiras semanas, agora estava começando em outra, mas que estava bem ruim para ganhar dinheiro na boate (assim como disse Raquel) e que, se continuasse dessa forma, iria para outra cidade.

É inegável que Maria Madalena, Giovana e Raquel possuem relações diferentes com a cidade, uma vez que moram na mesma há mais de 10 anos. Maria Madalena disse que conquistou certo respeito dos vizinhos em função do trabalho voluntário de “cuidadora” que realiza com os idosos do bairro onde mora. Raquel disse que pouco se relaciona com os vizinhos por viver em “horários trocados” – “eu durmo o dia inteiro e à noite eu saio, nem fico em casa, quase”. E Giovana disse que se dá bem com os vizinhos, “eles não mexem comigo e eu não mexo com eles”.

Em uma de nossas entrevistas agendadas que não deu certo, fiquei por algum tempo batendo palmas e chamando no portão da casa de Giovana, com uma vizinha me olhando sem dizer nada. Resolvi sair e voltar após alguns minutos, a cena se repetiu. Ao se incomodar com minha insistência, a vizinha disse laconicamente “acho que ela saiu...”. Geralmente, em cidades do interior, os vizinhos se conhecem e dão recados. Não foi o caso.

## **2.4 Hoje à tarde**

Após várias incursões à Avenida Getúlio Vargas, às ruas paralelas e perpendiculares e aos bairros que a circundam, estava convencido que as atividades comerciais predominantes na Avenida e arredores haviam impulsionado a urbanização da região. Ledo engano, a

etnografia mostrou que a Avenida Getúlio Vargas é mais jovem do que eu pensava. Em 1950, iniciava-se sua construção, só em 1954 foi batizada com esse nome, e passou a responder por ele e às vezes por “GV”, que é a forma como alguns moradores são-carlenses se referem a ela. É bem verdade que a via (o “Picadão de Cuiabá”) que dava acesso de São Carlos a Rodovia Washington Luís é anterior a isso. Contudo, não foi possível encontrar nada que minimamente indicasse em que data (mesmo que aproximada) foi aberto esse caminho. E, além disso, mapas antigos mostram que o chamado Picadão de Cuiabá apenas começava onde é a Avenida próxima à Rodovia, mas, ao entrar na cidade fazia outro trajeto, mais próximo de onde é hoje a Rua Raimundo Corrêa. Portanto, os três quilômetros de extensão da Avenida datam da década de 1950 até os dias de hoje.

O bairro Vila Isabel é de importância fundamental para entender o processo de urbanização da região e o surgimento da Avenida Getúlio Vargas. Pensado desde sua concepção como um bairro afastado, foi povoado, em um primeiro momento, por trabalhadores pouco qualificados, muitos deles ligados ao trabalho na ferrovia, lavoura e imigrantes de outros países. A tese de que foi um bairro fundado por escravizados e mantido como tal não se sustenta. Seu Luiz bem lembrou, inclusive, que um senhor chamado Antônio Camargo era um negro querido pelo bairro, mas também estava ligado à ferrovia, e que, no final da tarde, quando chegava do trabalho, sentava na calçada em frente à sua casa e contava histórias para as crianças. E vale salientar que, após a Segunda Guerra Mundial, São Carlos se insere no projeto de industrialização do Brasil, abriga muitas indústrias, conseqüentemente operários. Muitos desses vão habitar nas periferias, tal como a Vila Isabel. Ou seja, segundo a etnografia, um bairro majoritariamente de trabalhadores assalariados.

A Vila Isabel consolidou-se como periferia muito em virtude do descaso e falta de interesse dos governos que passaram pela administração do município em integrá-la à cidade. Um caso emblemático e representativo é o das linhas do bonde, que não atendiam os moradores do bairro. E dada as facilidades de acesso, a urbanização se deu no entorno das linhas do bonde e os bairros que também eram tidos como periferia (Vila Prado, Vila Pureza e Vila Nery) misturaram-se com a cidade, mas a Vila Isabel permanece bem recortada, até as ocupações mais novas da cidade não tem relação com o bairro.

Outro aspecto importante é que

Na década de 60, a implantação do Distrito Industrial a sudoeste da cidade – próximo à Avenida Getúlio Vargas e a Rodovia Washington Luís – acabou por reforçar a direção da ocupação no extremo sul do eixo principal, à medida em que passava a se constituir sobretudo a partir do final dos anos 70, como um elemento indutor de uma certa compactação daquele

conglomerado. **Vale salientar ainda, que com a perda da importância da circulação ferroviária (a partir dos anos 60) percebeu-se uma certa dispersão dos novos estabelecimentos industriais, os quais passaram a ter como principais fatores locais a proximidade com a circulação rodoviária e não mais com o eixo ferroviário.** E foi exatamente nesse contexto que começaram a surgir alguns bolsões industriais em outras áreas urbanas e, em particular aquele situado a noroeste da cidade, às margens da rodovia, **o qual, por sua vez, também contribuiu para a expansão de bairros residenciais compostos por contingentes populacionais de baixo poder aquisitivo, tais como o Jardim Industrial e o Parque Delta** (loteamentos abertos, respectivamente, no final da década de 50 e início dos anos 70) (DEVESCOVI, 1985, p. 184-185, grifo meu).

Isso mostra que as conjunturas política e econômica do país também influenciaram o “abandono” e o desinteresse pela ocupação da região sul da cidade. Uma vez que o transporte ferroviário perdia sua relevância, o interesse pela região próxima à ferrovia e à estação ferroviária também arrefeceu.

A construção da Avenida Getúlio Vargas só foi possível devido a uma negociação de um morador da Vila Isabel, o imigrante André Sampel, proprietário da faixa de terra que ia da Vila Luftalla (ainda inexistente) até a Vila Isabel, com a prefeitura. Após a negociação, têm início as obras da construção da Avenida Getúlio Vargas que depois de pronta atraiu atividades comerciais para os bairros daquela região. Isso alterou substancialmente a vida dos moradores e a rotina local.

Os moradores que não se mudaram do bairro, acompanharam as mudanças, observam tudo com certo distanciamento. Percebi, talvez em função da idade avançada, um tanto de nostalgia também. O que pode soar natural, pois todos se recordam do passado, por pior que ele tenha sido, como sendo, muitas vezes, melhor do que foi. Eles falam que antigamente o sentimento de comunidade no bairro era maior, que todo mundo sabia quem morava ali e agora tem gente que passa e eles nem conhecem, não sabem de quem é filho ou de que família é. O bairro e a região se transformaram, a cidade, que antes parecia sorrir, mesmo de costas para a região, hoje parece querer devorar o bairro com seu interesse em transformar a área em um local definitivamente comercial ou, ainda pior, dá de ombros e marginaliza uma região que não lhe interessa para o desenvolvimento ou para o vetor de crescimento do plano diretor.

O que aconteceu com a Avenida Getúlio Vargas contraria praticamente todas as “características de uma rua segura” (JACOBS, 2011, p. 35)<sup>25</sup>, pois a convergência para região, entre área comercial e área industrial faz com que, sobretudo no período noturno, as calçadas fiquem desertas. Mas não foi só isso que, digamos assim, atraiu atividades “marginais”<sup>26</sup>. Como visto, os conflitos e disputas entre as travestis e prostitutas fizeram com que mais espaços da cidade fossem ocupados pela atividade de prostituição. Juntamente com isso, o fato de estar bem próximo à Rodovia, dentre outras coisas, também foi facilitador de tais atividades. Curiosamente, o nome dado à Avenida é de um presidente que não é, propriamente, amado pelos paulistas e, em São Carlos, tal Avenida e toda sua região também não é a preferida da cidade.

Após essas observações, encerro minha etnografia pela Avenida Getúlio Vargas e seus arredores. Notando uma Avenida que se torna “Rua” e uma “Rua” que se torna Avenida em função do movimento de rotação da Terra.

---

<sup>25</sup> É uma coisa que todos já sabem: uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta, não. [...] E por que certas ruas são movimentadas num período do dia e de repente se esvaziam?

Uma rua com infraestrutura para receber desconhecidos e ter a segurança como um trunfo devido à presença deles – como as ruas dos bairros prósperos – precisa ter três características principais:

Primeira, deve ser nítida a separação entre espaço público e o espaço privado [...]

Segunda, devem existir olhos para rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua [...]

E terceira, a calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios da rua a observar as calçadas. Ninguém gosta de ficar na soleira de uma casa ou na janela olhando uma rua vazia. (JACOBS, 2011, p. 35-36)

<sup>26</sup> Como já mencionado, a região ficou conhecida como periferia violenta com tráfico de drogas e prostituição de mulheres e travestis.

### 3. A “RUA” E A ANTROPOLOGIA

#### 3.1 E ou a Antropologia da “Rua”

Entre os são-carlenses, sobretudo os que transitavam pela região da Avenida Getúlio Vargas durante o dia, os moradores dos bairros próximos (e também os frequentadores do De Ponta Cabeça Bar), era comum ouvir a referência ao lugar como “GV”, ou apenas “Getúlio Vargas”, pois no contexto no qual eles estavam envolvidos, tais referências eram suficientes para uma rápida localização. Entretanto, essas nomenclaturas têm apenas essa função: situar um espaço geográfico, um endereço. Principalmente no que diz respeito à localização de serviços (de autopeças, materiais para construção, ferramentas, etc.). Ou ainda, a localização da atividade de prostituição. Não foram poucas as vezes em que ouvi colegas de trabalho (quando ainda morava e trabalhava em São Carlos) fazerem piadas sobre falta de dinheiro citando a Avenida Getúlio Vargas: “Esse mês a coisa está tão feia que vou precisar ‘rodar bolsinha’ na GV”. “Rodar bolsinha”, é claro, se referia à atividade de prostituição.

Desde minhas primeiras incursões noturnas e contatos iniciais com travestis e mulheres, percebi que elas tinham uma categoria própria para se referir à Avenida. Para elas, assim como disse Raabe, “Tudo é rua. Pra fora de casa é rua. Sempre quando vamos sair, a gente fala ‘vamos pra rua’. Aí você vai ouvir ‘a rua foi bem’ ou ‘a rua não foi bem’, é assim”. E nesse contexto, onde tudo é “Rua”, outras categorias foram inventadas, tais como “atrás”, “fundo”, “dentro”, “baixo”. E a Avenida Getúlio Vargas se tornou “Rua da frente”.

Durante a pesquisa, a categoria “Rua” despertou meu interesse por seu caráter polissêmico, por marcar um espaço de sociabilidade e também por que, a partir dela, outras categorias foram inventadas. Quando Raabe diz que “pra fora de casa [tudo] é rua” ela sugere uma separação de dois contextos distintos, o dentro da casa e o fora da casa. Contudo, esses contextos são muito particulares e possuem relações próprias. Nesse sentido é oportuna uma reflexão sobre os conceitos de Casa & Rua de Roberto DaMatta (1985), que já havia vislumbrado essa separação anteriormente e não só isso, mas também pensado sobre as características e especificidades de cada um.

Penso ser também de grande contribuição para essa reflexão a “família de categorias” de José Guilherme C. Magnani (1998) (pedaço, mancha, trajeto e circuito) que, de certo modo, dialoga e avança nas considerações sobre Casa e Rua, principalmente a categoria “pedaço”. E, somando a isso, o conceito “código-território” de Néstor Perlongher (1987) pode

de igual modo ser de grande valia para tal reflexão, uma vez que ele pensa esse conceito em um contexto com algumas características semelhantes ao da Avenida Getúlio Vargas.

Contudo, antecipo que essa reflexão será feita à luz das categorias derivadas da minha etnografia<sup>27</sup>, sobretudo da categoria “Rua”. Demonstrarei em que medida esses conceitos clássicos e caros à antropologia urbana convergem e divergem da categoria “Rua” e suas abstrações “frente”, “atrás”, “dentro”, “baixo” e “fundo”, inventadas pelas mulheres e travestis no contexto da prostituição em São Carlos na região da Avenida Getúlio Vargas. De modo a pensar a relação da antropologia com a “Rua” e ou uma antropologia da “Rua”.

### 3.2 A Casa e a Rua e a “Rua”

Roberto DaMatta escreveu o ensaio “A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil” em 1984 com pretensões um tanto distintas do proposto nesta dissertação. Ele pretendia, através das categorias Casa e Rua, dar conta de entender e explicar a natureza da sociedade brasileira. Pensá-la como uma realidade que forma um sistema. Um sistema que tem suas próprias leis e normas. E normas que precisam dos indivíduos para se concretizarem, mas ditam a esses indivíduos como é que essas mesmas normas devem ser atualizadas e materializadas. Ou seja, ele pensa a sociedade brasileira como uma entidade que se faz e se refaz através de um sistema complexo de relações sociais. E faz uso de Casa e Rua como categorias sociológicas para compreender essa sociedade de uma maneira globalizada.

Segundo DaMatta, esse conceito de Casa e Rua

[...] pretende dar conta daquilo que uma sociedade pensa e assim institui como seu código de valores e ideias: sua cosmologia e seu sistema classificatório; e também para traduzir aquilo que a sociedade vive e faz concretamente - o seu sistema de ação que é referido e embebido nos seus valores (DAMATTA, 1985, p. 12).

Isso quer dizer que, para DaMatta, Casa e Rua não dizem respeito apenas a espaços físicos, mas “entidades morais”, “domínios culturais institucionalizados” que são estruturantes e estruturadores da sociedade brasileira.

DaMatta não ignora a tradição de estudos históricos e sociais brasileiros que mostravam a casa como um lugar privilegiado. Todavia, ele aponta que nesses estudos a casa

surgia como palco e não como ator dos acontecimentos, pois os atores eram as famílias com poder que comandavam a sociedade. Não se percebia que a família se integrava plenamente no espaço da casa. E chama atenção que este espaço da casa somente se define e se deixa apanhar ideologicamente com precisão quando em contraste ou em oposição a outros espaços e domínios (a rua, por exemplo).

Para DaMatta, a oposição entre Casa e Rua é básica na gramática brasileira, é o par estrutural que é constituído e constituinte na própria dinâmica de sua relação. Ela permite uma série de variações, combinações e segmentações, todas elas contendo ainda graus variáveis de intensidade e exigindo lealdades de ordens diversas. Além disso, permite o englobamento, ou seja, uma operação lógica em que um elemento é capaz de totalizar o outro em certas situações específicas.

Segundo o antropólogo carioca, diante de certos problemas e revelações, preferimos englobar a rua na casa, tratando a sociedade brasileira como se fosse uma grande família. Cria-se uma ilusão de presença, honestidade, bondade, generosidade e compromisso com o povo. Isso é usado para romper impasses institucionais e legais, tratando as questões sob um prisma pessoal e “caseiro”, familiar, doméstico. Também ocorre o englobamento no sentido oposto – pelo mundo da rua. Na observação de leis que devem ser rigorosamente cumpridas ainda que o caso seja passível de flexibilização. Nesse momento, vivem-se situações autoritárias (muitas vezes, produzidas pelo Estado).

Roberto DaMatta afirma que a Casa e a Rua são os modos diferenciados e complementares de “ordenar” e também de reconstruir e constituir a experiência social brasileira. E que “é estudando o espaço de uma sociedade que se pode lançar luz sobre questões tão importantes como o seu sistema ritual e o modo pelo qual ela faz sua dinâmica” (DAMATTA, 1985, p. 70, 71).

Segundo ele, o código da Casa é fundado na família, na amizade, na lealdade, na pessoa e no compadrio. Ou seja, é emocional, é onde exigimos nossa presença e opinião; é onde se quer um lugar determinado e permanente na hierarquia da família, um espaço com direito inalienável e perpétuo.

O código da Rua é baseado em indivíduos anônimos e desgarrados. Maltratados pelas autoridades, aplicação de leis universais, por uma burocracia antiga e profundamente

---

<sup>27</sup> Por uma questão meramente prática e didática, de modo a facilitar a leitura, optei por retomar e até reescrever alguns relatos etnográficos e entrevistas presentes nos capítulos anteriores. Com isso, pretendo evitar que o leitor tenha que ir e voltar muitas vezes no texto, causando desconforto para acompanhar minha reflexão devido à constante interrupção e quebra de ritmo da leitura.



ancorada entre nós, e num formalismo jurídico-legal que chega às raias do absurdo. Ali não temos paz, nem voz. O que fica para fora da casa é problema do Estado.

Segundo o autor, o espaço público serve como foco para relação estrutural entre o indivíduo e a massa. Esse espaço apesar de fixo é transitório para o indivíduo e engloba tudo que está relacionado ao paradoxo. Ele, assim como o espaço privado da casa, permite a atualização da própria vida social, pois esses espaços são esferas de significação social que demarcam mudanças de atitudes, papéis sociais, etc. São domínios pelos quais a própria sociedade brasileira se atualiza e ganha vida.

Estar em Casa indica relações harmoniosas em que disputas e contradições devem ser evitadas. É o lugar onde se é avesso à mudança e à história, à economia, ao individualismo e ao progresso. A Casa é o espaço do repouso, da calma, recuperação, hospitalidade, onde se tem a ideia de amor, carinho e calor humano. Quando a Casa é englobada pela Rua vivemos frequentemente situações difíceis e em geral autoritárias.

Porque a Rua é o lugar aberto ao legalismo jurídico, ao mercado, à história linear e ao progresso. A Rua é o lugar dos malandros, meliantes, pilantras, marginais; local de indesejável individualização (“cada um por si e Deus por todos”), de contradição. A Rua pertence ao governo, ao povo; é lugar de perigo, de movimento, propício à desgraça e aos roubos. É o lugar de impessoalidades e do não reconhecimento. Somente na Rua que se faz o uso do “Você sabe com quem está falando?”.

Assim, para DaMatta, temos eixos de classificação diferenciados que estão associados a certas categorias de pessoas e segmentos sociais. Sua tese é que a sociedade brasileira é fortemente motivada e tematizada pelas relações e pelas possibilidades de inventar pontes entre esses espaços.

O autor afirma que o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido, pois as expressões “em cima” ou “embaixo” nada têm a ver com topografia ou código racional universal, mas exprimem regiões sociais convencionais e locais. Ou seja, para ver e sentir o espaço, é necessário situar-se. E para se situar é necessário pensar em tempo.

As atividades que demarcam o tempo ocorrem em algum lugar, ou melhor, em lugares distintos uns em relação aos outros. Tempo e espaço precisam, para serem concretizados e sentidos como “coisas”, de um sistema de contratos. E cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir enquanto um todo articulado.

Segundo DaMatta, somente a festa (e quando fala de festa ele exemplifica com o carnaval) promove precisamente os deslocamentos dessas atividades dos seus “espaços normais”. Na festa, todas as ações podem acontecer simultaneamente, sem haver uma separação entre elas e os espaços onde normalmente ocorrem.

As festas de rua são carnavalescas e unificam o mundo por meio de uma visão na qual rua e casa tornam-se espaços contínuos, reunidos por uma convivência temporariamente utópica de espaços rigidamente divididos no mundo diário (DAMATTA, 1985, p. 68).

De acordo com o autor, não se pode misturar o espaço da Rua com o da Casa sem criar alguma forma de grave confusão ou até mesmo conflito, pois Casa e Rua demarcam fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em todos os membros da nossa sociedade. Não se pode transformar a Casa na Rua, nem o inverso, impunemente. Há regras para isso. Normas virtuais importantes que permitem essas relações realizam também uma esperada síntese de todo o sistema.

O antropólogo nos convida a pensar sobre a intrincada teia de relações que forma o universo brasileiro a partir da análise da experiência do espaço público e do espaço privado. Chega até sugerir uma identidade do brasileiro quando afirma que esses espaços permitem leituras da sociedade brasileira, não se tratando apenas de uma mera variação empírica, mas de uma variação sistemática, previsível e legitimada. Segundo ele, no Brasil, a orientação espacial é geralmente feita dentro de um espaço embebido socialmente, diferentemente de uma racionalidade impessoal vista nos Estados Unidos.

Como já exposto, minhas pretensões são de outra ordem para pensar a “Rua” das mulheres e travestis em São Carlos. Não pretendo explicar a sociedade brasileira utilizando essa categoria. Quero aqui expor apenas minha percepção sobre a percepção delas sobre a “Rua”, expor o que significa “Rua” no contexto da prostituição são-carlense, mais especificamente na região da Avenida Getúlio Vargas no período noturno.

É oportuno retomar brevemente o que trato como contexto. Não se trata apenas de uma atmosfera que envolve e rodeia pessoas e coisas, onde um símbolo é utilizado e foge dos limites e conceituações. Mas, amparado por Roy Wagner (2012), trato contexto em um aspecto amplo, empregando-o para qualquer conjunto de elementos simbólicos que ocorram no mesmo lugar de alguma maneira formando uma continuidade reconhecível. Um contexto é, ao mesmo tempo, parte da experiência e algo que a mesma constrói; é um ambiente no interior do qual pessoas e elementos simbólicos se relacionam entre si, e é justamente

constituído pelo ato de relacioná-los. Cada parte identificável de um contexto reconhecido se pertence mutuamente da mesma forma que mesas, cadeiras, copos, cervejas, mesas de sinuca pertencem a um bar.

A “Rua” no contexto da prostituição em São Carlos circunscreve muitos elementos da Rua observada por Roberto DaMatta. Contudo, ela possui características e minudências que apenas dizem respeito a “Rua”. Abriga um conjunto de pessoas e elementos simbólicos em relação que se constitui de uma maneira identificável. Por esse motivo, toda vez que me referi e irei me referir ao contexto são-carlense, fiz e farei uso de “Rua” (com aspas)<sup>28</sup>. Tão somente para ficar claro que “Rua”, na colorida noite são-carlense, não é precisamente a Rua DaMattiana. A seguir, mostrarei o quanto de Rua há na “Rua” e também o quanto não há.

Intento demonstrar é que na “Rua” há também a individualização exacerbada, de impessoalidades e do não reconhecimento, do lugar onde se faz o uso do “Você sabe com quem está falando?”. Quando uma vez insisti em uma pergunta objetiva “O que é a ‘Rua’ para você?” recebi a resposta também objetiva: “trabalho [...]”. E é muitas vezes encarado com a seriedade de qualquer outro trabalho com compromissos e horários. Inúmeras vezes ouvi que São Carlos era uma cidade boa para trabalhar e ganhar dinheiro. Raabe me disse que preferia ficar sozinha na “Rua” e Maria Madalena falou do “profissionalismo” para além de situações adversas

**[Raabe]** *Eu sou assim, se eu tô na esquina e chegam duas, três, eu pego e saio andando ou começo fazer cara feia pra elas sair. Eu tô trabalhando, né? Se o cliente vier e parar pra minha amiga ele não vai parar pra ela se ela tiver perto de mim.*

**[Maria Madalena]** *Teve uma época que era frio de doer a pele e elas andavam peladas aqui e isso é humilhação, não é?*

**[Eu]** *E dia de chuva como é que faz?*

**[Maria Madalena]** *Não tá nem aí. Dá uma cheirada e vem. Puta é igual artista [risos] o povo olha acha que nunca tá doente, pode tá chovendo pedra e vem tudo aqui. E eles ainda passam de carro e gritam “tá frio aí fora? Tá chovendo?” É complicado. Pra você ficar em uma esquina, você tem que ser uma travesti, eu sempre falei, a travesti é mais macho que qualquer homem desse mundo. Tem que dar a cara pra bater, aguentar ser da maneira que é. E tem um monte*

<sup>28</sup> O uso de aspas é inspirado em Manuela Carneiro da Cunha (2009) quando trabalha a expressão “cultura” (com aspas) para afirmar que traços cujo significado derivava de sua posição num esquema cultural interno passavam a ganhar novo significado como elementos de contrastes interétnicos. “Cultura” é aquilo que o nativo faz da cultura, é quando a cultura é objetificada. Ou ainda, aquilo é dito acerca da cultura. Aqui “Rua” é uma invenção feita pelas travestis e mulheres da Avenida Getúlio Vargas. “Rua” é o que elas fazem da Avenida e arredores no período noturno.

*de cara que se acha aí, mas hoje em dia quando você passa na rua e eles olham e falam “puta que pariu! Como é que pode, né?”*

Raquel bem lembrou que as mulheres que mantêm vínculo com a cafetina sofrem outra ordem de exigência.

**[Raquel]** *Sabe as meninas que pagam pra cafetina? Elas tem que trabalhar, ela podem até ir pro barzinho e tudo só que elas tem os compromissos dela e elas tem que honrar esse compromisso, né? Igual a gente na boate, entendeu?*

**[Eu]** *Entendi.*

**[Raquel]** *A gente tem que honrar o nosso compromisso senão paga multa.*

**[Eu]** *E é muito caro o que paga pra cafetina?*

**[Raquel]** *Elas pagam cinquenta reais pra trabalhar. Cinquenta reais por noite. E se ficar em barzinho de papo ela cobra cem pau. Então tem que trabalhar.*

Há sujeitos maltratados pelas autoridades que muitas vezes não têm paz, nem voz na “Rua”. Na fala de Maria Madalena isso fica explícito quando relata o início das ocupações da cidade por prostituição:

**[Maria Madalena]** *A prostituição não começou aqui, começou lá no cemitério. Como é o nome daquele cemitério?*

**[Eu]** *O Nossa Senhora de Fátima?*

**[Maria Madalena]** *Aquele perto da Universidade.*

**[Eu]** *É.*

**[Maria Madalena]** *O Nossa Senhora de Fátima, começou lá e era barra pesada. Era muita pedrada, era um inferno. Polícia todo dia catava você e jogava no camburão e te tratava como bicho. Era difícil. [...].*

A “Rua” abriga também malandros, párias e marginais. E isso foi personificado na figura de Paulão, que se apresentou dizendo: “boa noite, meu nome é Paulão e sou violento”; logo em seguida as meninas me alertaram que ele era “uó” e para eu tomar cuidado. Segundo me segredaram, ele costumava sair com as travestis (nunca com mulheres) e às vezes batia nelas. Algumas chegaram a ajoelhar na rua com ele segurando uma arma enfiada em sua boca. Quando o levei até a farmácia para comprar um remédio, ele mesmo me contou sobre seu envolvimento em empreendimentos ilícitos.

Quando encontrei uma travesti debilitada no De Ponta Cabeça Bar, e ofereci ajuda, ela não aceitou por eu ser um “estranho”. A “Rua” se mostrou como um lugar de desconfiança, do perigo, do “cada um por si e Deus por todos”. Durante um papo no mesmo bar, uma noite

as ouvi comentarem de uma recente briga que Marta teve com outra travesti. Durante essa briga, a outra travesti cortou o cabelo de Marta, esta jurava que, quando a visse, iria “matar, furar e arrancar os olhos da bicha”. É bom lembrar também que quase me envolvi em uma confusão com uma travesti quando ela supôs que eu estava ali para “roubar os bofes das meninas”.

Em conversa com Charlote, soube que a “Rua” é também lugar de movimento, propício à desgraça e roubos.

**[Eu]** *E a rua como anda?*

**[Charlote]** *Pra mim boa. Violenta, mas boa.*

**[Eu]** *Violenta? Por quê?*

**[Charlote]** *Travestis de fora roubando e sendo roubadas.*

**[Eu]** *É mesmo? Tem rolado briga?*

**[Charlote]** *Às vezes [...]*

Porém, minha percepção etnográfica e as entrevistas realizadas sinalizaram que isso não é tudo. A “Rua” também comporta outras manifestações e comportamentos. A fala de Maria Madalena é emblemática, nesse sentido.

*Se você fosse em uma casa de uma cafetina e começasse a viver o dia a dia, se você peneirar, se passar na peneira. Porque as travestis elas usam o corpo, ficam à noite transando e [...], elas não procuram usar a massa encefálica pra alguma coisa, entendeu? Elas não vivem uma vida social. Elas vivem a vida da noite e acabou. [...] Cê vai na casa das travestis e o único assunto que tem lá é o tamanho da neça [pênis] que foi na noite.*

Noves fora o julgamento pessoal de Maria Madalena, do alto dos seus cinquenta e nove anos, uma frase despertou meu interesse: “Elas vivem a vida da noite e acabou”. A “vida da noite” foi um dos focos de atenção da etnografia. Não só elas me disseram como eu também observei que a “Rua” não era somente o lugar da impessoalidade, do perigo, etc., mas que havia a “vida da noite”; havia “vida” na noite e, por conseguinte, na “Rua”. Quero dizer com isso que a “Rua” não era somente Rua. Em alguns momentos, como exemplificado, sim, a “Rua” possuía aspectos da Rua, mas, em tantos outros, a “Rua” se mostrava com outras características, inclusive com traços semelhantes ao descrito como pertencentes à Casa.

DaMatta até sugere uma relativização entre a oposição tão acentuada desses dois espaços, afirmando que mesmo Casa e Rua ao demandarem condutas opostas, que valem apenas para certas pessoas, ações e situações; essas diferenciações são complementares, não exclusivas ou paralelas. E ainda aponta que é possível pensar Casa e Rua no contexto da

vizinhança, “Se estou no ‘centro’ da cidade, ‘minha casa’ pode muito bem ser o meu bairro, como todas as suas ruas e jardins” (DAMATTA, 1985, p. 19).

Contudo, DaMatta não avança nesse sentido. Aliás, afirma que somente em festas e ocasiões espaciais os universos da Rua e da Casa se juntam. Quem avança nessa questão é José Guilherme C. Magnani no seu trabalho sobre os espaços de lazer na periferia de São Paulo nos final dos anos de 1970 e início dos 1980. Ele observou que a Rua nem sempre é o lugar da impessoalidade, muito pelo contrário, as pessoas constroem relações e sociabilidades mesmo no espaço da Rua.

### **3.3 Pedaco, mancha, trajeto, circuito e “Rua”**

José Guilherme C. Magnani realizou uma etnografia acompanhando os circos nas periferias da cidade de São Paulo e isso lhe possibilitou adentrar no cotidiano dos artistas do circo e também do bairro escolhido para pesquisa. Suas observações mostraram que a periferia não se adequava exatamente ao discurso vigente da época, o qual afirmava que ela era um lugar enfadonho, sem cor, um bloco uniforme em oposição ao centro. E ainda mostrou que o tempo livre das pessoas que habitavam nas periferias não era apenas repositório da força de trabalho, mas que as pessoas dispunham de um variado repertório de maneiras de passar esse tempo, mesmo não seguindo as sugestões comuns do caderno de lazer: teatro, cinema, exposições e shows.

Magnani mostrou que, durante o tempo livre, essas pessoas participavam de “excursões de ‘farofeiro’, festas de aniversário, batizado ou casamento, campeonatos de futebol de várzea, saídas de iaô e festas de ibeji em terreiros de umbanda ou candomblé” (MAGNANI, 2012, p. 87), e, assim como o circo, essas atividades eram valorizadas e tidas como espaços de encontro e sociabilidade.

Ele destacou que existia um ordenamento para essas formas de lazer. Havia os entretenimentos peculiares aos homens, às mulheres, crianças, adultos, rapazes, moças, etc. E observando o espaço onde as atividades eram praticadas, percebeu a oposição entre “em casa” e “fora de casa”, que pode sugerir semelhança com “Casa e Rua”. Entretanto, ele mostrou que o “fora de casa” não era a Rua, pois “em casa” ocorriam festas de aniversário, batizados, casamentos, etc.; e “fora de casa” subdividia-se em: “na vizinhança” e “fora da vizinhança”; “na vizinhança” abrigava os locais de lazer e encontro, como bares, salões de baile, campos de futebol, espaços comunitários em paróquias, etc.

Isso mostrou que os sujeitos estavam dentro de uma determinada forma de controle exercido pelas pessoas que se conhecem de alguma maneira, por morarem próximas ou por, no mínimo, fazerem uso dos mesmos equipamentos urbanos, tais como pontos de ônibus, telefones públicos, armazém, farmácia, centro de saúde e quadra de esportes.

Quando um espaço mais ou menos demarcado tornava-se referência para diferenciar um grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebia o nome de pedaço<sup>29</sup>.

O termo, na realidade, designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. [...] Para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente o resto do mundo. Entre uma e outro situa-se um espaço de mediação cujos símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que termina por atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpelação da sociedade mais ampla e suas instituições (MAGNANI, 1998, p. 116-117).

É interessante notar que o núcleo possui uma delimitação territorial precisa, mas as bordas do pedaço são mais fluidas. O pedaço se caracteriza por ser um espaço intermediário entre o privado (casa) e público (rua), o qual concentra pessoas e permite relações mais personalizadas e duradouras, constituindo a base particular da identidade produzida no pedaço. Ali não se usa o “Você sabe com quem está falando?”, pois, apesar de ser Rua, todos sabem com quem estão falando.

No pedaço, ninguém deixa de ser filho de fulano, irmão de sicrano, colega ou “chegado” a beltrano, independente da circunstância. Todos são reconhecidos, ou seja, para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente a Rua ou o resto do mundo. A categoria “fora de casa” subdivide-se em “no pedaço” e “fora do pedaço” (MAGNANI, 1998, p. 119).

Não obstante, passar pelo lugar ou frequentá-lo com certa regularidade não era o suficiente para ser considerado do pedaço. Para ser do pedaço

---

<sup>29</sup> Pedaço é uma categoria “nativa” de que Magnani se apropriou sabiamente para denominar esse espaço. Trata-se de uma gíria paulistana do final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Alexandre Barbosa Pereira (2005) faz uma relação excelente do pedaço com a categoria “quebrada”, que vem a ser, de certa forma, uma atualização do “pedaço”. “O termo quebrada é utilizado para se referir ao bairro onde se mora. Ele tem bastante similaridade com a noção de pedaço, [...], mas também designa uma forma de apresentá-lo para quem é de fora, mostrando-o como um lugar hostil e perigoso para quem não pertence a ele e não conhece suas regras” (PEREIRA, 2005, p. 56).

Era preciso estar situado (e ser reconhecido como tal) numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc. Assim, era o segundo elemento – a rede de relações – que instaurava um código capaz de separar, ordenar e classificar; em última análise, era por referência a esse código que se podia dizer quem era e quem não era “do pedaço” e em que grau (“colega”, “chegado”, “xará” etc.) (MAGNANI, 2012, p. 88).

Essa categoria nativa levou Magnani a pensar para além da sua pesquisa específica e travar um diálogo sobre apropriação do espaço urbano com outras propostas, inclusive (e, sobretudo) com a de Casa e Rua de Roberto DaMatta. Se o antropólogo carioca anunciou uma forma paradigmática dividida em dois planos que pretendia dar conta da realidade brasileira, Magnani apresentou o pedaço, que sugeria uma terceira via, ou um terceiro domínio, desvelando a complexidade das relações sociais para além do dualismo.

O pedaço, porém, apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual têm acesso os parentes, e a rua é dos estranhos (onde, em momentos de tensão e ambiguidade, recorre-se à fórmula “você sabe com quem está falando?” para delimitar posições e marcar direitos), o pedaço é o lugar dos colegas, dos chegados. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer (MAGNANI, 2012, p. 89).

Nesse terceiro domínio desenvolvem-se práticas e estabelecem-se laços que diferenciam e agrupam uma rede de frequentadores. Assim, o pedaço só existe a partir das práticas da coletividade e se torna condição para seu exercício e usufruto.

O pedaço entendido como categoria nativa e descrito em termos formais se tornou uma ferramenta em potencial para ser aplicada em contextos distintos daquele no qual havia sido “descoberta”. Isto significa que a expressão pedaço, pensada como categoria nativa para descrever uma apropriação do espaço pelos sujeitos de um determinado local, possibilitou pensar as apropriações dos espaços pelos sujeitos em diferentes contextos. E ainda viabilizou a problematização do dualismo Casa e Rua, contribuindo para o vislumbre de um terceiro domínio, que não era de ordem privada e nem pública; e com sociabilidades que extrapolavam alguns limites traçados. A sociedade brasileira era (e continua sendo) mais complexa do que supomos.

Com esse alargamento de possibilidades da categoria pedaço, Magnani começou pensar sobre como eram estabelecidas as redes de sociabilidade em outros espaços, em contextos diferentes das periferias, onde outros laços são efetivados, não mais por relações de



vizinhança ou por práticas compartilhadas no bairro, e se era possível ainda pensar sob a lógica do pedaço ou se seria necessário abandoná-la.

Para desenvolver esse pensamento, Magnani partiu para nova investigação etnográfica, desta vez em regiões centrais da cidade. E o desafio era observar o uso ou a apropriação de um mesmo espaço por pessoas diferentes. Segundo ele, o elemento espacial e simbólico, que é o cerne da constituição da categoria pedaço, permaneceu nesses espaços, mas apresentando novas determinações, pois nesse caso havia certa preponderância do elemento simbólico. Sobretudo, por se tratar de locais de passage, os quais não eram lugar de moradia dos que ali se encontravam e, diferente do contexto da vizinhança, os frequentadores não necessariamente se conheciam, mas se reconheciam por compartilharem os mesmos símbolos que diziam respeito a gostos, valores, orientações, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes.

Segundo Magnani, tratava-se de um caso em que o espaço não era marcado pela moradia, pelos laços de vizinhança, mas havia o que ele chamou de “efeito pedaço” entre os sujeitos:

[...] venham de onde vierem, o que buscam é um ponto de aglutinação para construção e o fortalecimento de laços.[...] eles vão até lá para encontrar seus iguais, exercitar-se no uso de códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças (MAGNANI, 2012, p.93).

Com isso, segundo Magnani, o pedaço assumiu novas configurações em função das múltiplas determinações a que estava sujeito. Contudo, a apropriação do espaço e as sociabilidades compartilhadas por sujeitos que comungam códigos semelhantes era latente mesmo em lugares “fora da casa” e fora da periferia. Ou seja, de fato, a categoria alcançou um *status* maior do que a descrição das práticas de um grupo e ou de um lugar específico, e se mostrou eficaz para refletir sobre outros contextos, com diferentes atores.

Outras formas de usos e arranjos do espaço se mostraram na etnografia de Magnani. Ele afirma que há outra maneira de apropriação do espaço quando se trata de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Sobretudo, espaços com base física maior onde não há estabelecimento de laços estreitos entre esses frequentadores.

A essa outra forma de apropriação, Magnani deu o nome de mancha. A mancha diz respeito à distribuição, de forma contígua em um espaço, de determinados equipamentos e estabelecimentos que se complementam ou competem no oferecimento de serviços, muitas

vezes induzidos por um em especial que os aglutina. Uma mancha pode ser caracterizada por serviços ligado à saúde, por exemplo. Ela abrigará uma série de estabelecimentos e atividades que dizem respeito à área de saúde, como hospitais, clínicas particulares, ambulatórios médicos, serviços de radiologia, farmácias, etc.

No pedaço, a característica é a constituição de relações entre seus membros, que compartilham os mesmos códigos, a permanência e o usufruto do mesmo espaço. Na mancha, o que atrai e agrega são os estabelecimentos presentes no espaço: “Numa determinada mancha sabe-se que tipo de pessoas ou serviços se vai encontrar, mas não quais, e é esta a expectativa que funciona como motivação para seus frequentadores” (MAGNANI, 2012, p. 95).

Magnani, todavia, observa a cidade não apenas como pedaços e manchas. Ele sabe que as pessoas se deslocam para diversos lugares - sejam manchas ou pedaços – e para esse deslocamento acompanham múltiplos caminhos possíveis, mas que seguem um determinado tipo de regra fixa. Magnani dá o nome de trajeto a esses fluxos recorrentes no espaço mais abrangente e no interior das manchas.

O usuário, ou um grupo homogêneo deles, circula, vai de um ponto ou equipamento a outro, dentro de uma mancha ou no interior de um circuito. O trajeto é o resultado de escolhas, um “sintagma” particular construído a partir das possibilidades abertas pela totalidade, o “paradigma”, e sua análise permite identificar tipos de usuários, agrupando-os segundo critérios das escolhas (MAGNANI, 1999, p. 69).

Assim, o trajeto possibilita pensar a probabilidade de escolhas no interior das manchas e a abertura das manchas e pedaços para outros pontos no espaço urbano.

Com a noção de circuito, José Guilherme C. Magnani encerra sua “família de categorias”. O circuito é semelhante à mancha, porém essas atividades não são contíguas na paisagem urbana. São reconhecidas em sua totalidade pelos usuários habituais. O circuito também designa um uso do espaço, mas de uma forma mais independente, pois não se prende à contiguidade. Ele tem existência passível de ser observada, é um conjunto articulado, hierarquizado, com determinado tipo de ordem, e é conhecido por aqueles que costumam fazer uso dos serviços e ocupar os espaços.

Em princípio, todos os estabelecimentos fazem parte do circuito, mas somente os mais significativos são reconhecidos, podendo então gerar um circuito principal e um derivado. Mancha e circuito indicam recortes observáveis e possíveis de serem identificados na paisagem urbana, aglomerando conjuntos de ofertas aos frequentadores. O que movimenta esse conjunto, o que transforma as possibilidades em uso real, é a noção de trajeto.

Como já mencionado, a “Rua” possui elementos da Rua, mas não somente nem totalmente. Quando uma vez insisti em uma pergunta objetiva com as meninas perguntando “O que é a ‘Rua’ para você?”. Recebi a resposta também objetiva: “trabalho e diversão”. Se tudo que está para fora da Casa é “Rua” seria até ingenuidade supor que só há trabalho na mesma. O De Ponta Cabeça Bar, por exemplo, é “Rua”. E é bom lembrar que, quando perguntei para o Coxinha sobre a relação das prostitutas com o bar, ele me disse que às vezes, quando faziam um bom programa, paravam no bar para tomar uma cerveja. Aliás, meu contato se iniciou através desses momentos de lazer. Elas chegavam ao bar, pediam cerveja, colocavam música na *jukebox*, dançavam, paqueravam. Em resumo, se divertiam na “Rua”. O próprio Coxinha confessou que sua intenção inicial com o bar era se divertir e ficar rico (trabalhando).

A conversa com Charlotte Bittencourt pelo *facebook* não deixou dúvidas que há muito mais que Rua na “Rua”. Há criação e estabelecimento de vínculos e relações.

[Eu] *Oi! Tudo bem?*  
 [Charlotte Bittencourt] *Oi! Tudo e você?*  
 [Eu] *Tudo bem. Estava em São Carlos ontem e não vi você.*  
 [Charlotte Bittencourt] *Eu não estou mais em São Carlos.*  
 [Eu] *Está onde?*  
 [Charlotte Bittencourt] *São Bernardo na minha casa repousando a pele [risos].*  
 [Eu] *Não gostou de São Carlos?*  
 [Charlotte Bittencourt] *Fiquei quase três meses aí.*  
 [Eu] *Era o plano ficar três meses em São Carlos ou menos?*  
 [Charlotte Bittencourt] *Menos, bem menos. Três semanas no máximo.*  
 [Eu] *Entendi.*  
 [Charlotte Bittencourt] *Mas gostei do que conheci. Conheci pessoas incríveis que hoje viraram minhas amigas.*  
 [Eu] *Que bacana!*  
 [Charlotte Bittencourt] *A rua tem disso [...]*

Esses vínculos e relações também se mostraram quando, junto com Raabe, socorri sua amiga que passava mal no bar. Quando ofereci ajuda sozinho, ela não aceitou, mas quando me viu com Raabe, concordou em entrar no meu carro e ser levada para casa. A presença da amiga lhe deu segurança para receber ajuda de um estranho.

Posso afirmar, então, que há pedaço na “Rua” também. A “Rua” não é o resto do mundo fora da casa, pelo contrário, é, assim como o pedaço, o espaço intermediário entre o privado e o público, concentra pessoas e permite relações mais personalizadas e duradouras.

Na “Rua” há também uma espécie de terceiro domínio, onde se desenvolvem práticas e estabelecem-se laços que diferenciam e agrupam uma rede, não de frequentadores, mas daquelas que fazem a “Rua” existir a partir das suas práticas de coletividade, e essas se tornam condição para seu exercício e usufruto.

Raquel, que já havia trabalhado em boates e na “Rua”, sempre que podia falava bem da “Rua”. Quando perguntei o que era melhor ela não titubeou.

**[Eu]** *E na rua é melhor?*

**[Raquel]** *Na rua é melhor. Fica mais à vontade, né, André? Cê tem liberdade pra tudo. A hora que eu quiser ir embora eu vou, não tenho que pagar nada pra ninguém. Não tenho que nada.*

**[Eu]** *Entendo.*

**[Raquel]** *E a rua é bom por isso, cê tem liberdade, cê ganha dinheiro, cê se diverte, faz amizade, faz tudo. Me diverti pra caralho ontem, fui embora travada [risos].*

Faz-se de um tudo na “Rua”, inclusive ficar “travada” (bêbada) no De Ponta Cabeça Bar ou em outros lugares. Como tudo para fora de casa é “Rua”, os lugares físicos específicos de ocupação e sociabilidade se diversificam ainda que dentro do contexto.

**[Eu]** *Você falou que veio pra São Carlos e começou trabalhar em casa, lá na Getúlio Vargas mesmo. Começou lá e aí começou a fazer amizades com o pessoal da rua e foi pra rua.*

**[Raquel]** *É, porque o pessoal da rua eu já conhecia. Na verdade eu já tinha amizade com o pessoal da rua. Eles passavam em frente às boates, às vezes entravam e aí comecei ir pra rua, fazer amizade. Nós nos encontrávamos ali no posto, entendeu?*

**[Eu]** *Entendi.*

**[Raquel]** *Aquele posto BR ali era o fervero, era o nosso fervero ali.*

**[Eu]** *Ali que juntava?*

**[Raquel]** *É. Ali que juntava.*

**[Eu]** *Mas agora não pega mais nada ali.*

**[Raquel]** *Não pega porque não pode mais ficar lá, né? Não pode ficar muito movimento ali. Ali era o point nosso. Mas aí começou juntar muito negócio de droga e tal, né? Som alto, né? Aí parou. A polícia começou a pegar geral direto lá aí parou. E aí o dono do posto já não quis mais que ninguém ficasse ali. Às vezes a gente vai toma uma cervejinha e fica lá, mas se começa muito movimento o gerente ou o dono do posto já liga e já chama os homens [polícia] e aí já esparrama todo mundo.*

Na “Rua” pode-se “ferver” e até mesmo se apaixonar ou causar apaixonamentos.

**[Raabe]** *E tem umas que acha que cliente é marido, que é delas que só pode sair com elas [...].*

**[Eu]** *E rola de se apaixonar ou o cliente por vocês?*

**[Raabe]** *Ah, rola de monte. Mais do cliente pela gente.*

**[Eu]** *E aí ele procura sempre a mesma.*

**[Raabe]** *Ah, procura sempre, mas eu corto.*

**[Eu]** *Por quê?*

**[Raabe]** *Por que aí depois já não quer mais programa, quer amorzinho, mas eu não gosto, não. Já tive marido lá em Ribeirão e foi difícil largar, então hoje não dá [...].*

A última vez que encontrei Giovana ela me disse que estava um pouco “sumida” porque havia “arrumado um marido”, por isso estava indo pouco para a “Rua”. Estava feliz.

Charlotte Bittencourt me contou que o que a levou para a “Rua” foi um relacionamento “mal sucedido”, mas que na “Rua” encontrou outra maneira de ver a vida e o mundo.

**[Charlotte Bittencour]** *Conheci um rapaz. Ele tinha dezoito anos. Nos conhecemos eu era Office boy e ficamos juntos dez anos. Construí estando junto com ele dois salões de beleza e pensava que era feliz, mas eu queria mais. Foi aonde resolvi me plastificar coloquei meus seios e fiquei solteira. Vendi meus dois salões e fui virar perigete.*

**[Eu]** *Mas essa vontade surgiu do nada?*

**[Charlotte Bittencour]** *Cansei de ser somente um objeto sexual de uma pessoa no qual passei dez anos sabendo depois de oito anos que ele tinha uma amante. Fui fiel, sincera e dei de tudo pra ele viver uma vida de playboy. Então depois de tantos anos de dedicação somente por um homem resolvi virar puta. Chupar e gozar por dinheiro com velho fedido e homens lindos cheirosos. Ali vi que eles me davam valor como puta. Então eu gozava e ganhava.*

A “Rua” tem apropriações, vivências e experiências tão pessoais e particulares que as divisões que elas fazem da mesma sugerem que essas qualificações podem ter sido pensadas a partir do próprio corpo e sexualidade – “frente”, “atrás”, “dentro”, “baixo”, “fundo”. Tal vocabulário pode ser (e é muitas vezes) utilizado para se referir ao corpo<sup>30</sup>. Charlotte fez até piada com isso certa vez quando uma das meninas disse para ela ir “lá para trás”, ela respondeu “eu vou, mas faz tempo que não levo nada atrás”, após se queixar que “nessa cidade só tem viado, faz tanto tempo que não dou o cu que até esqueci como faz”.

<sup>30</sup> É importante deixar claro que a associação entre as qualificações (“frente”, “atrás”, “dentro”, “baixo” e “fundo”), corpo e sexualidade é apenas uma sugestão. Para ser confirmada seria necessário um tempo maior de etnografia. Com as informações disponíveis é impossível realizar qualquer tipo de afirmação nesse sentido.

Tal qual no pedaço, os sujeitos na “Rua” estão dentro de uma determinada forma de controle exercido pelas pessoas que se conhecem de alguma maneira, por ocupar o mesmo espaço com as mesmas finalidades, por fazer parte do mesmo contexto. Não é qualquer pessoa que pertence a “Rua” e não é permitido fazer qualquer coisa e em qualquer lugar dela. Justamente por isso, há na “Rua” divisões espaciais baseadas em elementos simbólicos e regras de conduta muito próprias.

Logo de início percebi que havia uma divisão espacial muito clara: mulheres em um determinado local e travestis em outro. As mulheres ficavam “embaixo” e as travestis ficavam na “frente”, “dentro”, “atrás” e no “fundo”. “Embaixo” dizia respeito a subir a Avenida Getúlio Vargas desde a Praça Itália até mais ou menos a altura da Rua Fagundes Varela, perpendicular à Avenida. A “Rua da frente”, como já dito, é a própria Avenida Getúlio Vargas.

Não encontrei “embaixo” lugar que me possibilitasse permanecer, observar e ter mais contato com as mulheres como consegui com as travestis no De Ponta Cabeça Bar. O melhor lugar que consegui foi o posto de combustível, mas pouco promissor para a etnografia, porque ali já não era mais permitido o “fervo”, como disse Raquel. Mais tarde, soube que a maioria das mulheres que ficavam “embaixo” respondia para uma cafetina pouco amigável, a qual dificultava a interação delas com as outras pessoas do contexto, e também o acordo tácito do contexto que dividia espaço de mulheres e travestis impedia o deslocamento delas para outras regiões.

A região com que tive menos contato foi o “fundo”, onde me disseram que era o lugar das “velhas” (travestis com mais de 30 anos). Entretanto, questionei, pois havia visto meninas muito jovens me convidando para gozar na região que me diziam ser “fundo”. Todos diziam não saber disso ao certo. Assim como na parte de “baixo”, no “fundo” não havia um bom lugar para sentar e observar. E Paulão e as meninas me disseram que, no “fundo”, era mais perigoso em função do tráfico de drogas. Fui orientado diversas vezes a não transitar por algumas ruas “para garantir minha segurança”, segundo eles<sup>31</sup>.

Ao longo de toda a extensão da “Rua da frente” transitavam mulheres e travestis, ainda que na parte de “baixo” ficassem só mulheres, e no restante, travestis. Entretanto, na “Rua da frente” havia um código que impedia que travestis e mulheres ali permanecessem trajando pouca (ou pouquíssima) roupa. Isso só era permitido “dentro”, “atrás” e no “fundo”,

que se localizavam nas ruas paralelas e perpendiculares à Getúlio Vargas, sempre a sul da mesma.

A divisão entre mulheres e travestis foi logo percebida e confirmada. Os outros códigos, demorei um pouco mais para perceber. À primeira vista, não chamou minha atenção o fato de as que estavam com menos roupas estarem do lado de “dentro” e as com mais roupas na parte da “frente”. Notei isso quando comecei a ter contato com elas e observar que muitas com as quais eu conversava no De Ponta Cabeça Bar não eram as mesmas que eu via na Avenida. A confirmação veio justamente através delas mesmas.

**[Eu]** *E como é que fica essa divisão de quem fica na Avenida, quem fica na rua de trás?*

**[Maria Madalena]** *Só quando acontece essas brigas entre elas. Eu fico lá e você fica aqui, aquela coisa toda. Mas elas podem ir pra lá, podem ficar aqui, podem ficar no postinho, depois das 22h eu fico no postinho. Na rua de trás elas ficam mais porque é mais escuro, elas podem trabalhar nua. Porque não vai ficar nua aqui, né?*

**[Eu]** *Se ficar aqui tem algum problema?*

**[Maria Madalena]** *Uma que eu começo a implicar, né? Se quiser ficar nua fica lá atrás, porque lá é mais deserto. E aqui passa gente direto, é muita família. A questão que eles vão olhar, vão xingar ou falar alguma coisa, né?*

Quando fiz uma gentileza para Paulão, também notei que isso era uma espécie de código compartilhado por quem estava naquele contexto. Após sairmos da farmácia e seguirmos pelas ruas centrais da cidade (desviando da rota da polícia) ele disse que iria “mostrar onde ficam as bichas peladas”; era precisamente em uma das ruas de dentro, na região onde elas costumam chamar de “atrás”.

O código era claro, de tal maneira que, após percebê-lo, pude presenciar uma cena emblemática e representativa. Em uma noite que ofereci carona para Raquel e ficamos conversando no bar até tarde, entraram três travestis para, assim como estávamos fazendo, beber cerveja e conversar. Uma delas trajava apenas um “tapa-sexo”<sup>32</sup>, saltos altos e uma bolsa. Enquanto as outras duas pegavam a cerveja, nos cumprimentavam e sentavam em uma mesa, essa que estava em trajes mínimos foi para o banheiro. Quando ela voltou para sentar à mesa com as outras duas, estava vestindo top e minissaia, (saltos e bolsa). Ela sabia que na

---

<sup>31</sup> Com isso supus que as meninas que me convidaram para gozar poderiam ser usuárias de drogas que estavam ali por essa razão e que o “fundo” poderia ser não apenas o lugar das “velhas”, mas também o lugar onde havia algum tipo de relação com tráfico e uso de drogas, mas não me aprofundi nessas considerações por não ter acesso a mais informações.

<sup>32</sup> Um modelo de *lingerie* que cobre apenas a genitália.

“rua da frente” não era permitido ficar nua ou com pouca roupa e por isso tratou logo de se trocar.

A “Rua” também pode ser pensada a partir das categorias mancha, trajeto e circuito. Pois se a mancha diz respeito à distribuição, de forma contígua, em um espaço de determinados estabelecimentos de serviços concorrentes e ou complementares, é possível olhar para a “Rua” no contexto da prostituição são-carlense como uma “mancha de prostituição”, que abriga mulheres, travestis (com mais ou menos roupas, mais novas e mais velhas). E tenho condições também de afirmar que há trajeto na “Rua”, uma vez que os sujeitos podem se deslocar no interior dessa mancha de acordo com suas escolhas particulares. E ainda é perfeitamente plausível pensar a “Rua” como parte de um circuito de prostituição rueira em São Carlos, que envolve também as regiões do Cemitério Nossa Senhora de Fátima; em frente ao Mercado Municipal e Praça São Benedito.

Mas isso não é tudo, também cabe ler a “Rua” a partir do pensamento de Néstor Perlongher (1987), que desenvolve o conceito de “código-território” (que, de certo modo, tangencia as categorias de Magnani), ao realizar uma pesquisa sobre prostituição viril em espaços urbanos. Ele afirma que os deslocamentos na ordem do desejo correspondem a deslocamentos no espaço urbano e que os adeptos, conforme preferências e tendências predominantes, têm inclinação e ou propensão a agrupar-se em locais diferentes.

### 3.4 Código-território e a “Rua”

Néstor Perlongher, em seu livro *O negócio do michê – prostituição viril em São Paulo* mostra como uma determinada região da cidade se tornou o principal ponto de encontro de grande parte do grupo homossexual de São Paulo.

Perlongher faz uma revisão histórica e etnográfica sobre o gueto gay paulistano para ter uma visão global da história da região. O depoimento de Clóvis transcrito no livro é interessante para ter uma ideia como tal região já era conhecida por determinadas práticas.

Um pouco antes da década de 60, eu morava em Santos com minha família [...] Vínhamos a São Paulo de trem. Isso era por volta de 1959. Eu tinha um grande fascínio pelo mundo gay, queria saber como era, onde é que estava. Chegava à cidade escutando: é na Rua São Luís, na esquina da Ipiranga com a São João. Assediava esses lugares, existia o fascínio de um adolescente para com locais frequentados por pessoas adultas. (PERLONGHER, 1987, p. 73)



Ele relata que, na segunda metade da década de 60, houve um grande acontecimento, a inauguração da Galeria Metrôpole. “Ela foi construída como um espaço arquitetônico e urbanístico. Mas quando já estava em obras as bichas falavam: “vamos invadir esse espaço, vai ser nosso, vai ser uma bicharada toda nessa galeria” (PERLONGHER, 1987, p. 78).

Segundo ele, até Sartre, quando veio no Brasil, ficava a noite tomando uísque na Galeria, que se tornou o “ponto quente da vida gay paulistana”. E não era comum encontrar gays em outra parte da cidade.

Com isso, é possível pensar em um território apropriado e produzido pelos sujeitos e que se torna referência. Ainda que dentro do mesmo território haja espaços com diversas demarcações e relações, é perfeitamente aceitável afirmar que um território pode servir para um reconhecimento de marcas identitárias.

Segundo Perlongher, cabe ler o território como uma rede de sinais por onde transitam os sujeitos, não com identidades individualizadas, definidas, conscientes, mas como sujeitos cambiantes, na multiplicidade dos fluxos, na instantaneidade e acaso dos encontros. Uma vez que esse espaço não é moradia e pode ser apenas lugar de uma visita eventual dos sujeitos, no momento em que estão no espaço, se identificam e ou são identificados como no mínimo simpatizantes da atividade ali desenvolvida.

Em vez de falar em identidades, passamos a falar de territorialidades, de lugares geográficos e relacionais. Isto nos convida a conceber uma trama de “pontos” e “redes” por entre as quais circulam (“transforma-se”) os sujeitos, definindo-se conforme sua trajetória e posição “topológica” na rede, e não conforme uma suposta identidade essencial. O conceito de identidade dá lugar ao de territorialidade, à pergunta “quem é?” superpõe-se a pergunta “onde está?”. (PERLONGHER, 1993, p. 7)

De acordo com Perlongher, o território representa então um lugar de reconhecimento de identidades. Depende de onde o sujeito está situado, remete a uma identificação, mas esse sujeito não está sempre no mesmo território. Aliás, o comum é que esse sujeito transite por vários territórios. Contudo, o destaque nas identidades passa a ser substituído pelo destaque nas territorialidades, lugares relacionais e lugares categoriais, de modo a captar como os sujeitos se definem mutavelmente a partir de posições e trajetórias variáveis dentro de uma rede, bem como da participação em diferentes redes.

Não se trata, segundo Perlongher, de pensar a cidade como um mosaico de mundos sociais que fragmenta também o sujeito. Tal pensamento vem de uma concepção do espaço urbano muito inspirada na Escola de Chicago a qual supunha que o espaço urbano produz

modificações *per se* no comportamento dos sujeitos. Muito pelo contrário, a cidade tem de ser julgada e entendida apenas em relação àquilo que seus habitantes desejam dela.

Perlongher faz uma apropriação particular do clássico conceito de região moral, que para Robert Park (1979), designava um território residual para o qual convergiam interesses, gostos e temperamentos ligados à boemia, ao desejo não convencional, ao “vício” e a toda sorte de marginalidades como área de convergência e circulação, mais do que fixação residencial, para repensá-la como “código-território”.

A expressão “código-território” se refere à relação entre o código e o território definido por seu funcionamento. [...] na qual se distinguem dois elementos: uma “sobrecodificação” – sucordage, código de códigos – e uma “axiomática”, que regula as relações, passagens e transduções entre e através das redes de códigos, que por sua vez “capturariam” os corpos que se deslocam, classificando-os segundo uma retórica, cuja sintaxe corresponderia à axiomatização dos fluxos. (PERLONGHER, 2005, p. 276)

Perlongher coloca a referência ao código como central na noção de territorialidade, uma vez reconhecidas as dificuldades de defini-la com precisão. A partir disso, envereda para as noções básicas de desterritorialização e reterritorialização, pensando esses processos com referência a códigos sociais no sentido amplo.

Tendo sempre como referência o gueto gay paulistano nas trajetórias dos michês e outros do contexto, ele aponta primeiro o movimento de desterritorialização destes com relação aos códigos familiares, “normais”. Pois, muitas vezes, aqueles que vêm a se tornar michês e os homossexuais sofrem uma verdadeira expulsão e são repelidos do contexto familiar e de outros. São desterritorializados. Depois, ele destaca o movimento de reterritorialização dos mesmos nos códigos internos do gueto, que fornecem descrições categoriais, indicando ou traduzindo variações comportamentais, gestuais e corporais. São reterritorializados.

Com isso, Perlongher destaca uma territorialidade expressa em um código peculiar, que distribui prerrogativas categoriais a corpos e desejos em movimento. Ou seja, o “código território” é o território que aparece como referência na produção de subjetividades.

Significa dizer que a territorialidade não se limita a um espaço físico, mas, sobretudo, diz respeito ao espaço do código, pois é este código que se inscreve num determinado lugar e lhe dá um sentido muito menos descritivo (o que é feito lá) do que prescritivo (o que pode ser feito lá).

Tais considerações se coadunam com as observações de Magnani, que pensa o pedaço como espaço de relações e a mancha como uma área contígua do espaço urbano dotada de equipamentos que viabilizam uma atividade ou prática predominante. Perlongher foi feliz em notar que quem ocupa um lugar é um sujeito que, em algum momento, assume um discurso que coincide com o do lugar ocupado. Ou ainda, que estar nesse lugar dá ensejo a, no mínimo, ser reconhecido como conivente com o discurso daquele lugar no momento da ocupação. E que não quer dizer que em todos os momentos da vida desse sujeito esse discurso será o mesmo. Muito pelo contrário, ao longo de sua trajetória, ele ocupará diversos lugares e assumirá ou será reconhecido por ser portador de diversos discursos.

Néstor Perlongher mostrou a pertinência da noção de territorialidade entendida no sentido de “código-território”, percebendo, nas trajetórias marginais, em suas fugas, a trama de uma territorialidade itinerante e sugeriu que uma cartografia das territorialidades marginais deve estar atenta aos movimentos circulares do que ele chama de fluxos desejantes e aos atores e imprevistos das fugas.

Na medida em que a “Rua” também é um território apropriado e produzido pelos sujeitos e que se torna referência de espaço de prostituição em São Carlos, ela também contém o “código-território”, pois é também uma territorialidade expressa em um código peculiar, que fornece atribuições categoriais a corpos e desejos em movimento produzindo subjetividades, representando de igual modo um movimento de desterritorialização e promovendo também uma espécie de reterritorialização. As divisões da “Rua” em “frente”, “baixo”, “dentro”, “atrás” e “fundo”, e os códigos de cada local e da “Rua” de uma maneira geral, não deixam dúvidas disso.

Como contou Maria Madalena, a região da Avenida Getúlio Vargas foi apropriada como lugar de prostituição após ser “conquistada” em meio a diversos conflitos. Essa apropriação se consolidou e fez do lugar referência para a atividade. Tal identificação do lugar se tornou tamanha que Raabe disse que, ao ser convidada para ir à São Carlos, já foi direto para a Avenida Getúlio Vargas. Perguntei se “Não tinha outra referência de outro lugar na cidade pra isso?” e ela me respondeu “Não. Só me disseram dessa região mesmo.”

Com isso, a “Rua” também é “código-território” no sentido aplicado por Perlongher quando diz que o território aparece como referência para notar a produção de subjetividades dos interessados que vão até ela. Pois qualquer pessoa que é vista na região da Avenida Getúlio Vargas no período noturno é identificada como, no mínimo, simpatizante das atividades ali exercidas. O Seu Ariovaldo, inclusive, tem o entendimento que a escolha da

região para abrigar prostituição e outros atrativos é estratégica, visto que em função de ser via de entrada e saída da cidade, o fato de estar ali ajuda a disfarçar a suspeita.

**[Eu]** *Porque o senhor acha que vieram pra cá?*

**[Seu Ariovaldo]** *Ah, a Getúlio Vargas é caminho, é via de acesso. Se você tiver passando por aqui você não chama atenção de ninguém. Se alguém te ver e comentar você diz “eu ia pra tal lugar”, ninguém vai te questionar. No interior de um bairro você é notado na Getúlio Vargas não, é lugar pra ir e vir. Até a relação com drogas que o pessoal fala pode ser que esteja ligado a isso porque a Getúlio Vargas é caminho. Se entra e sai daqui e ninguém nota e fica perto da rodovia, pra uma fuga uma saída rápida já está perto da rodovia, se vem uma batida você já vai embora.*

Contudo, aqui é conveniente ressaltar que se pode olhar para a “Rua” como “mancha”, “trajeto”, “circuito” e sob um aspecto do “código-território”, de forma mais adequada, se tomarmos o ponto de vista de quem frequenta a “Rua” como interessado nas ações que ali ocorrem, pois são estes que dão sentido ao lugar. Não quer dizer que essas categorias não podem ser encontradas ali, muito pelo contrário, mas, como já foi anunciado, o objetivo é expor minha percepção sobre a percepção das mulheres e travestis sobre a “Rua”. Para expor a percepção dos interessados, visitantes e frequentadores eventuais, a pesquisa necessitaria de outro tipo de abordagem. Quiçá até mesmo de outra pesquisa.

Para os interessados, as mulheres, travestis e outros elementos corresponderiam aos estabelecimentos e equipamentos de serviços concorrentes e ou complementares da mancha. Porém, para as pessoas do contexto da “Rua”, são elas que criam e experienciam a mesma. Ainda que a relação delas com os interessados seja vital para existência da “Rua”, elas não entendem que se constituem como estabelecimentos e equipamentos como em uma mancha de saúde, para usar o exemplo de Magnani.

Da mesma forma, são os interessados que se deslocam no interior da mancha conforme suas escolhas particulares, constituindo seus trajetos. E ainda são eles que identificam um circuito de prostituição rueira em São Carlos, ao se deslocarem e reconhecerem que a Avenida Getúlio Vargas pertence a esse circuito, juntamente com as regiões do Cemitério Nossa Senhora de Fátima; do Mercado Municipal e da Praça São Benedito.

E também uma das características do “código-território” que pode ser identificada na “Rua”, se partir da observação dos interessados, é a produção da subjetividade do território sobre o próprio interessado, quando este é visto e reconhecido como participante do discurso

do lugar ao transitar pela região. Mesmo sem ser efetivamente do contexto, é admitido como tal pelo simples fato de estar ou frequentar eventualmente a região.

Após explicar as relações entre a Casa, a Rua e a “Rua”; relações entre o Pedaco e a “Rua”; entre mancha, trajeto, circuito, código-território e a “Rua”, é importante apresentar a “Rua” como uma categoria inventada pelas mulheres e travestis no contexto da prostituição são-carlense na região da Avenida Getúlio Vargas.

### 3.5 A categoria “Rua”

A “Rua” corresponde, como já apresentado, a tudo que diz respeito ao contexto externo ao da casa. Contudo, é de suma importância pontuar que o “tudo” dito por Raabe tem uma peculiaridade interessante, pois, quando ela (e outras) se referia a espaços (e contextos) diferentes da Avenida Getúlio Vargas, não usava a palavra/expressão “Rua”. Fazia uso de expressões como “cidade”, “centro”, “shopping”, entre outras. Raquel, quando falou da relação dela com a cidade e com o bairro onde morava, usou a mesma expressão.

*Eu gosto de São Carlos. Aqui é bom pra ganhar dinheiro. Comprei minha casa aqui, lá no [bairro] Santa Maria, é bom morar lá. Assim, eu quase não fico lá, né? Durmo o dia todo e à noite venho pra cá, às vezes eu vou pro centro ali no Mercado. Durante o dia rola programa ali também.*

Ir para o “centro” é diferente de ir para a “Rua”, pois o “centro” sugere outro contexto. Com isso, é possível entender a região da Avenida Getúlio Vargas (ou “Rua da frente”) como um contexto na prostituição em São Carlos. E partindo da ideia de contexto - um ambiente no interior do qual pessoas e elementos simbólicos se relacionam entre si, e é justamente constituído pelo ato de relacioná-los, a “Rua” se mostra como uma categoria desse contexto que indica uma série de possibilidades a serem consideradas.

A “Rua” apresenta possibilidades que extrapolam os limites colocados por alguns conceitos e categorias clássicas da antropologia urbana. Contudo, faz isso sem negá-las, aliás, muito pelo contrário, contém nela, de alguma forma e em determinados momentos, aspectos de cada categoria já anunciada. E, se Magnani chamou o pedaço de terceiro domínio em relação à Casa e a Rua de Roberto DaMatta, a “Rua” é uma espécie de “outro domínio”, algo que aponta para o além, que, se não os quebra, ao menos expande suas fronteiras e apresenta uma nova maneira de pensar as apropriações pelos sujeitos da e na cidade.

O aspecto original encontrado na categoria “Rua” é como ela realiza conjunções e justaposições de outras categorias já descritas e sua heterogeneidade. Raabe é efusiva quando afirma a constância alta e diversificação do público frequentador.

**[Raabe]** [...] *Vem de monte aqui e ainda pra dar o cu!* [risos] *Olha eu nunca vi cidade com tanto viado igual São Carlos. Já tive em São Paulo, Franca, Ribeirão, mas cidade igual São Carlos não tem. E vem falar que não gosta de travesti? A maioria que vem é pra dar.*

**[Eu]** *Entendi.* [risos]

**[Raabe]** *E novinho, viu? Não é só velho, não.*

**[Eu]** *Bem jovens?*

**[Raabe]** *Ah, meninos de quatorze ou quinze anos já tá vindo pra cá. Hoje em dia não tem mais isso de homem e hétero, não tem mais isso, vem aqui e faz tudo. Aparece mulher também, mas é pouco, às vezes casal. Às vezes vem só conversar. Eu não ligo [...].*

Tendo sempre como horizonte a percepção das mulheres e travestis da “Rua”, é impossível negar que as observações e considerações sobre a Rua, de Roberto DaMatta, são pertinentes e facilmente identificadas na “Rua”, porém elas não são exclusivas e ou majoritárias. Há sim em determinados momentos a presença da Rua na “Rua”, como exemplificado, mas não de forma contínua. Pois aparece também o pedaço na “Rua”. Mesmo não sendo local de moradia, são construídos e estabelecidos laços característicos de um terceiro domínio que não é Casa e nem Rua. E ainda a “Rua” se mostra como código-território por ser um território reconhecido por abrigar a atividade de prostituição e também por distribuir atribuições categoriais a corpos e desejos em movimento produzindo subjetividades não só na “Rua”, mas também nas regiões específicas da “Rua”: “frente”: lugar de travestis com mais roupas e de até trinta anos de idade; “atrás” e “dentro”: lugar de travestis com pouca roupa e também de até trinta anos de idade; “fundo”: lugar de travestis com mais de trinta anos de idade (consideradas velhas); “baixo”: lugar das mulheres.

Essas divisões não são rígidas e intransponíveis. O exemplo disso é que encontrei Raquel em uma das ruas de “dentro” junto com travestis, também vi travestis com mais roupas nas ruas de “dentro” e “atrás”, entrevistei Maria Madalena (que já havia passado da casa dos trinta anos) na “rua da frente”.

A “Rua” apresenta um espaço dinâmico onde o mesmo lugar pode ser pessoal e impessoal e produzir seus próprios códigos. Como visto, ela é rua, mas também pedaço e também código-território. Por ser ou conter nela todas essas categorias, ela não é nenhuma delas. Ela é “Rua”. Sua dinâmica e fluidez se dá justamente porque se negocia muitas vezes

com rigor formal, algo que é construído para ser muito íntimo e pessoal e assim, as fronteiras se inter cruzam e se resolvem através de “Boas Combinações”<sup>33</sup>.

Quando Raabe diz que se relaciona com homens jovens, velhos, mulheres, casais, pessoas que pagam seu tempo só para conversar e clientes recorrentes que até se apaixonam, fica claro que ainda que haja algum tipo de negociação econômica, esta permanece longe de ser a única via predominante e ou determinante na construção das relações no local, mas é evidente que esse fator não deixa de existir e ser latente e por isso as relações não se dão somente a partir de laços afetuosos ou algo parecido. E da mesma forma, as abstrações e divisões da “Rua” existem, produzem, identificam e organizam o espaço e as pessoas, mas não são estanques e ou impedem um trânsito (relativamente) livre entre esses espaços.

Portanto, a “Rua” aparece como uma categoria, dentro do contexto da prostituição são-carlense na região da Avenida Getúlio Vargas, que combina uma série de categorias sem se limitar a nenhuma delas e faz justamente desse potencial de conjunções, sobreposições e justaposições sua característica principal.

---

<sup>33</sup> Segundo Viviana A. Zelizer (2009), quando os participantes estão negociando ao mesmo tempo relações interpessoais delicadas e marcando diferenças entre essas relações e outras com as quais elas podem ser facilmente confundidas, há conflito e confusão gerados em função da intersecção de “Dinheiro, poder e sexo”. E para lidar com essas dificuldades, as pessoas fazem uso de um conjunto de práticas chamado por ela de “Boas Combinações”.

## EPÍLOGO

“Esse juiz sempre apronta alguma quando apita jogo do Santos! É incrível!”, disse Coxinha indignado enquanto víamos o jogo pela televisão no De Ponta Cabeça Bar. Eu ri e aproveitei para provocá-lo dizendo que havia, de fato, sido pênalti. Apesar da temperatura agradável, somente eu permanecia ali como cliente naquela noite. Alguns entravam, bebiam algo rapidamente e logo saíam. Carros transitavam pela Avenida Getúlio Vargas normalmente, as travestis e mulheres estavam em lugares que fugiam do que era possível avistar da porta do bar. Talvez estivessem nas ruas de “dentro”, “atrás” ou “fundo”, mas não fui conferir para saber.

Se alguém passasse desavisado por ali naquele exato momento e nunca mais retornasse, é possível que duvidasse que a região abrigava mulheres e travestis oferecendo programas e que, inclusive, aquela parte da cidade era tida como referência para a atividade de prostituição no período noturno. Contudo, por razões desconhecidas, quando passei por ali em janeiro de 2012, mesmo de dentro do carro, pude ver um cenário diferente do apresentado naqueles instantes daquela noite. O que vi me fez pensar que o lugar era uma espécie de “zona do meretrício”, como se dizia antigamente. E a partir daí, desenvolvi a pesquisa que se encerra com esta dissertação.

Os objetivos preliminares da pesquisa eram saber a razão, desde quando e como é que a Avenida Getúlio Vargas havia se tornado lugar de prostituição. Juntamente com isso, observar como os são-carlenses, sobretudo dos bairros próximo à região, se relacionavam com o espaço e com a atividade ali desenvolvida. A partir dessas primeiras inquietações, outro objetivo surgiu ainda bem no início da pesquisa e acabou por dar o tom ao trabalho, o qual foi observar as apropriações do espaço pelas prostitutas e como o produziam.

Para alcançar os objetivos traçados, realizei uma etnografia sobre a região no período diurno observando a dinâmica da cidade, principalmente dos bairros próximos à Avenida Getúlio Vargas. A etnografia confirmou a predominância de atividades comerciais de produtos e serviços na Avenida. Entretanto, mostrou que não foram essas atividades que contribuíram para a urbanização da região, pois a Getúlio Vargas data de início da década de 1950, mais recente que os bairros ao redor. Mas deixou claro que durante o dia seu uso principal, além dos negócios, é o de via de acesso à Rodovia Washington Luís. Foi possível também observar a diminuição de residências nos bairros próximos, pois, além de estarem sendo “engolidas” pelo comércio local, o plano diretor da cidade, no que diz respeito à habitação, aponta como vetores de crescimento as regiões norte e noroeste.



Os moradores que permaneceram nas imediações disseram não estabelecer outro tipo de relação com as prostitutas além da observação e coexistência, mantendo o respeito mútuo. O discurso é semelhante por parte das mulheres e travestis que oferecem seus programas na região. Segundo elas, preferiam não perturbar ninguém para não serem perturbadas e justamente por ocuparem os lugares no período noturno, não mantinham relações e nem faziam questão de se relacionar com os habitantes locais.

Efetuei também um trabalho etnográfico sobre uma narrativa buscando o processo histórico que possibilitou a produção social desse espaço reconhecido para prostituição. Através desse intento, soube que a Vila Isabel foi fundamental para o processo de urbanização da região e, inclusive, para a criação da Avenida Getúlio Vargas, pois um de seus moradores era proprietário da faixa de terra que começava na Vila Isabel e atravessava até a Vila Luftalla, passando por onde é hoje a Avenida. Esse morador aceitou negociar com a prefeitura quando esta pretendia criar uma via de acesso até a Rodovia Washington Luís, mas o traçado desejado passava por suas terras.

Ela é um dos bairros mais antigos de São Carlos e, conforme mostrou a pesquisa, desde seu início era entendida como periferia, a contar por sua posição geográfica bastante afastada do centro, passando por não ser assistida pelo transporte público coletivo (bonde) e por ser habitada majoritariamente por trabalhadores assalariados com pouca qualificação profissional. Além dessas condições, foi alimentado por algum tempo que a Vila havia sido fundada e ocupada por ex-escravizados, o que contribuiu de certa forma, para criar um estigma negativo para o bairro. Contudo, ficou claro que essa informação não era procedente.

A ocupação pela atividade de prostituição na Avenida Getúlio Vargas e arredores é recente (data de meados da década de 1990). A causa dessa apropriação, foi a busca delas de encontrar um novo espaço para desenvolverem suas ações. Como visto, a escolha do lugar se deu muito em função de suas facilidades de acesso e do trânsito frequente de carros. Todavia, a conquista do espaço não aconteceu sem conflitos e disputas, muito pelo contrário, as brigas internas eram constantes no início e só começaram a ser equalizadas após a chegada das cafetinas.

Realizei também uma etnografia sobre a região no período noturno, através da qual, metodologicamente, identifiquei um contexto no sentido wagneriano, e percebi como as mulheres e travestis se apropriavam e produziam o espaço. Durante essas apropriações, segundo meu entendimento, elas inventaram a expressão “Rua” para designar a região onde se encontravam e mais especificamente para indicar o *locus* de todas as ações que ocorriam fora da casa naquela área. A partir desta expressão, outras foram inventadas, a saber: “frente”,

“atrás”, “dentro”, “baixo” e “fundo”; para se referir a lugares específicos da região que, compõem a “Rua” que possui seus códigos próprios e regras internas.

Trabalhei a expressão “Rua” como categoria analítica de modo a pensar as apropriações do espaço pelos sujeitos; e a coloquei em diálogo com as categorias Casa e Rua de Roberto DaMatta; Pedaco e a “família de categorias” – Mancha, Trajeto e Circuito de José Guilherme C. Magnani; e o Código-Território de Néstor Perlongher. Travei esse diálogo não apenas em respeito a uma bibliografia já clássica na antropologia urbana, mas com intuito de construir uma reflexão sólida e sistemática sobre a assimilação dos espaços pelos sujeitos e contribuir minimamente com o tema através da minha pesquisa.

Após esses diálogos e reflexões, mostrei que a “Rua” se configura como um “outro domínio”. Ela contém em si características das categorias listadas, mas não em sua totalidade e não em todo tempo. A “Rua” combina todas essas categorias, mas sem se restringir a nenhuma delas. Sua característica principal de se justapor, se unir e se sobrepor às demais categorias se não extrapola ou atravessa fronteiras do pensamento sobre as apropriações dos sujeitos da e na cidade, contribui para o alargamento e expansão das mesmas.

## REFERÊNCIAS

### a) Fontes primárias

#### **Material iconográfico da área urbana e dos loteamentos implantados em São Carlos**

SÃO CARLOS. Fundação Pró-Memória/Prefeitura Municipal de São Carlos (FPM/PMSC). Fotos da região do bairro Vila Isabel e Avenida Getúlio Vargas.

#### **Dados sobre loteamentos implantados em São Carlos**

SÃO CARLOS. Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano. Prefeitura Municipal de São Carlos. Fichas de cadastro dos loteamentos existentes no município de São Carlos.

SÃO CARLOS. Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano. Prefeitura Municipal de São Carlos. Contratos registrados em cartório dos loteamentos.

#### **Lei urbanística**

SÃO CARLOS (SP). Fundação Pró-Memória. Decreto-lei nº 2023, de 14 de dezembro de 1954. Define o nome da Avenida Getúlio Vargas. São Carlos, 1954.

#### **Material audiovisual**

BUARQUE, Chico. Os Saltimbancos. São Paulo: Philips Records. 1977. 1 disco sonoro (45 min), 33 1/3 rpm, estereo, 12 pol.

IZABEL. Direção: Maria Júlia Andrade Carvalho. São Carlos: UFSCar, 2014. 15 min., color.

#### **Web sites**

ELETRIC TRABSPORT IN LATIN AMERICA. Disponível em <<http://tramz.com/index.html>>. Acesso em 8 jan. 2015.

SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal. [*Web site* oficial]. Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br>. Acesso em 8 jan. 2015.

SÃO CARLOS AGORA - NOTÍCIAS EM TEMPO REAL. NOTÍCIAS DE SÃO CARLOS E REGIÃO. Disponível em <http://www.saocarlosagora.com.br> Acesso em 8 jan. 2015.

VERACIDADE. Disponível em <http://www.veracidade.eco.br> Acesso em 8 jan. 2015.

#### **Plano diretor**

SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal de São Carlos. Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano. Plano Diretor do Município de São Carlos. São Carlos, 2005.

## Entrevistas

ARIOVALDO. [fev. 2014]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, fev. 2014.

CHARLOTTE BITTENCOURT. [mar. 2014]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, mar. 2014. *Entrevista via facebook*.

CHARLOTE. [mai. 2014]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, mai. 2014. *Entrevista via facebook*.

COXINHA. [jan. 2014]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, jan. 2014.

LUIZ. [fev. 2014]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, fev. 2014.

MARCO BRANDÃO. [fev. 2014]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, fev. 2014.

MARIA JÚLIA. [fev. 2014]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, fev. 2014.

MARIA MADALENA. [fev. 2014]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, fev. 2014.

OSNI. [fev. 2014]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, fev. 2014.

RAABE. [fev. 2014]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, fev. 2014.

RAQUEL. [fev. 2014]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, fev. 2014.

THALITA. [dez. 2013]. Entrevistador: André Rocha Rodrigues. São Carlos, dez. 2013.

## b) Referências bibliográficas

ATA da Câmara Municipal de São Carlos. 29 nov. 1954. Manuscrito depositado no Arquivo da Fundação Pró-Memória de São Carlos.

BRANDÃO, M. A. L. **Almanaque de São Carlos II**. São Carlos: Gráfica e Editora Guillen & Andrioli, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Almanaque de São Carlos III**. São Carlos: Gráfica e Editora Guillen & Andrioli, 2012b.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALVINO, Í. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARNEIRO DA CUNHA, Manoela. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: \_\_\_\_\_. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 311-373.

- DAMATTA, R. **A Casa e a Rua**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 1991.
- DEVESCOVI, R. C. B. **Urbanização e Acumulação**: um estudo sobre a cidade de São Carlos. Dissertação (Mestrado), FGV, 1985.
- FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n.13, p.155-161, 2005.
- GUATTARI, F. **Revolução Molecular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- GREGORI, M. F. Cenas e queixas: mulheres e relações violentas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 23, p. 163-175, 1989.
- INGOLD, T. **Being alive**: essays on movement, knowledge and description. New York: Routledge. 2011.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- JUNQUEIRA, M. P. **São Carlos em tempos de epidemia**: imigração, saúde pública e urbanização (1877-1900). 240 p. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2004.
- KULICK, D. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.
- LACAN, J. **O Seminário**: Livro 3. As psicoses. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- LAVANDEIRA, L. M. L. **Apreensão da diversidade urbana**: análise comparativa da morfologia e do uso do espaço público de dois fragmentos na cidade de São Carlos - SP. Dissertação (Mestrado), UFSCar, São Carlos, 1999.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Aula inaugural. In: GUIMARÃES, A. Z. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 211-222
- LIMA, R. P. **Limites da legislação e o (des)controle da expansão urbana**: São Carlos (1857 - 1977). São Carlos. EdUFSCar, 2008.
- MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Mystica urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neoesotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- NEVES, A.P. **O Jardim Público de S. Carlos do Pinhal**. São Carlos. EdUFSCar, 2007a.
- \_\_\_\_\_. **São Carlos na esteira do tempo**. São Carlos. EdUFSCar, 2007b.

OLIVAR, J. M. N. . **Devir Puta**: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

PELUCIO, L. **Abjeção e Desejo** - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo, Editora Annablume, 2009.

PEREIRA, A. B. **“De rolê pela cidade”**: os pixadores em São Paulo. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. São Paulo: FFLCH – USP, 2005.

PERLONGHER, N. **O Negócio do Michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. Antropologia das Sociedades Complexas: Identidade e Territorialidade, ou como estava vestida Margareth Mead. **Revista Brasileira de Ciências**, nº 22: 137-144.1993.

\_\_\_\_\_. Territórios Marginais. In GREEN, J.; TRINDADE, R. **Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005. p. 263-290.

PISCITELLI, A. G. . **Trânsitos**: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: EDUERJ/Garamondo/CLAM, 2013.

POE, E. A. "A carta roubada". In: POE, E. A. **Histórias extraordinárias**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

STRATHERN, M. “No limite de uma certa linguagem”. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, Oct. 1999 .

\_\_\_\_\_. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Casac Naify, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, E. “O nativo relativo”. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002a.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

ZELIZER, Viviana A.. Dinheiro, poder e sexo. **Cad. Pagu** [online]. 2009, n.32, pp. 135-157

**ANEXOS**

## ANEXO A - Lei-2023-1954-São-Carlos-SP

## CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS


Lei nº *2.023*  
de *14* de *Novembro* de 1954


A Câmara Municipal de São Carlos decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Passa a denominar-se " Avenida Getulio Vargas " à via de acesso que liga o início da Avenida São Carlos, com a Rodovia Estadual São Carlos - Rio Claro.

Artigo 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 29 de Novembro de 1954.

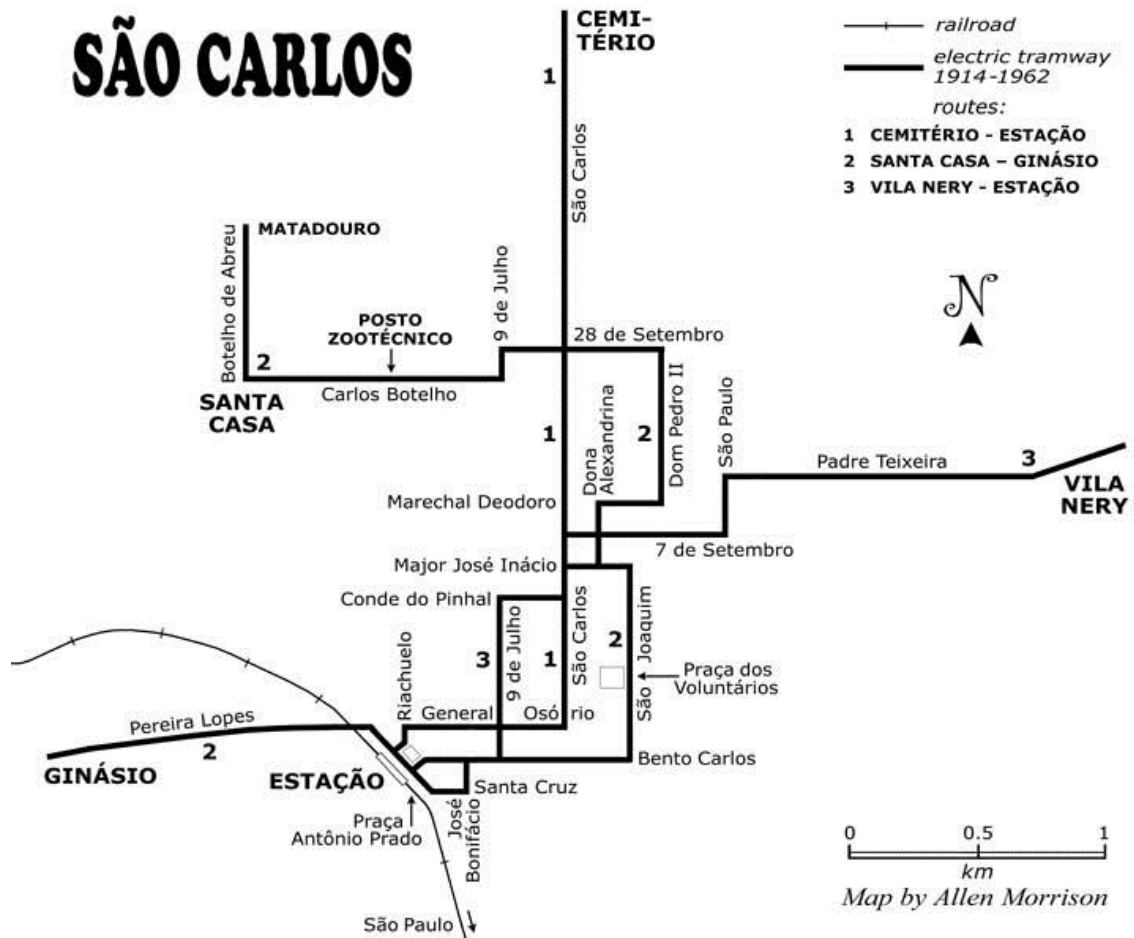
  
Dr. Alderico Vieira Perdigão  
Presidente da Câmara Municipal de São Carlos

  
Orlando Marques  
2º Secretário da Câmara Municipal de São Carlos

*Alcides - Pres. Municipal*



## ANEXO B – Linhas do bonde de São Carlos

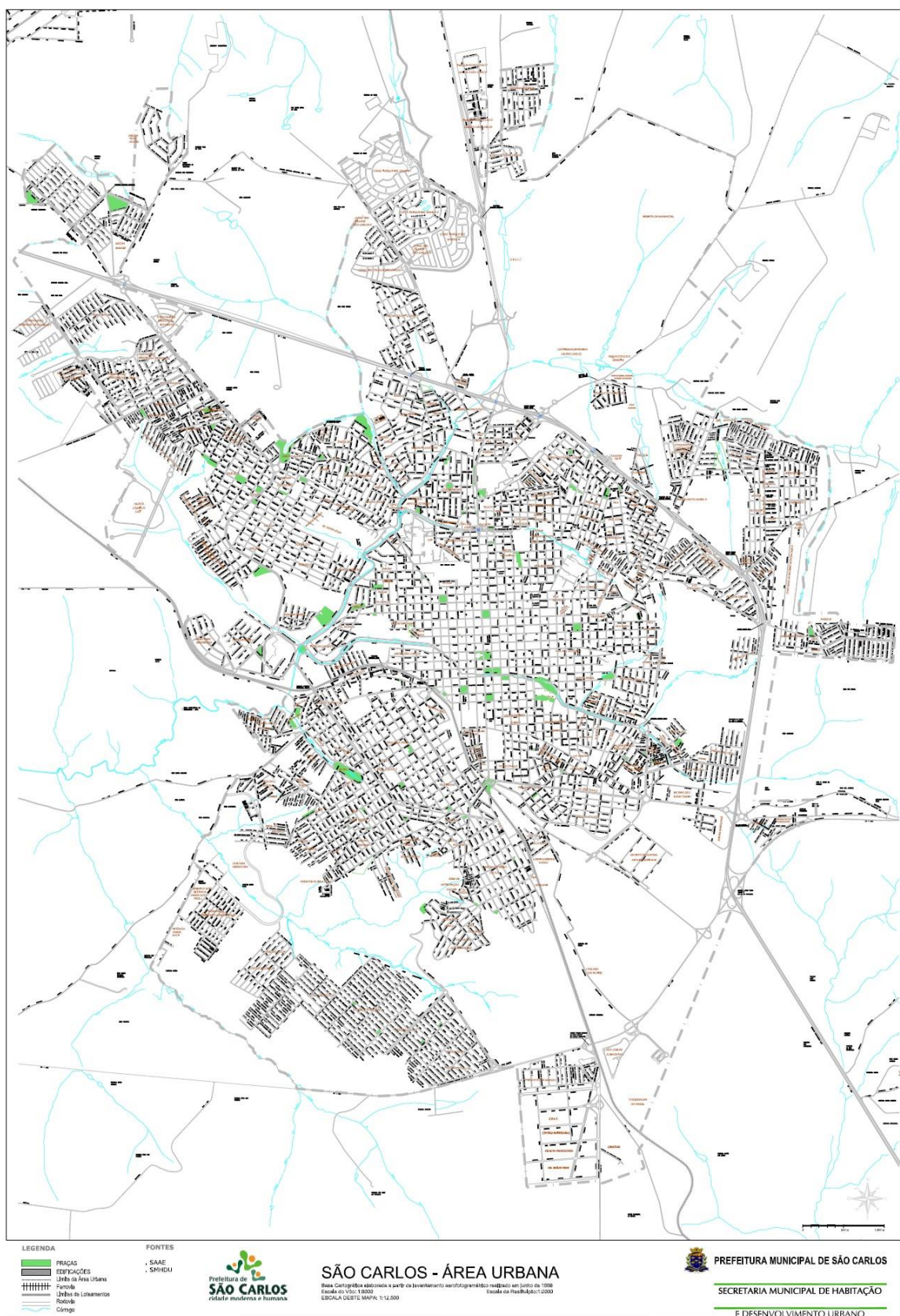


Fonte: Disponível em: <<http://tramz.com/br/sc/scm.html>>. Acesso em 08 abr 2014.

## ANEXO C – Mapa da cidade de São Carlos – Ruas e bairros área urbana

### RUAS E BAIRROS

Última atualização: Setembro de 2011  
escala 1:12500



Fonte: Disponível em: <<http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/conheca-sao-carlos/153923-mapa-da-cidade.html>>. Acesso em: 25 mar. 2014.